

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS NEOLATINAS

**CONTEXTOS FAVORECEDORES DA SELEÇÃO DA ESTRATÉGIA DE
REPETIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL NA VARIEDADE DO ESPANHOL DE
HAVANA**

Rayane Freire Rodrigues

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

**CONTEXTOS FAVORECEDORES DA SELEÇÃO DA ESTRATÉGIA DE
REPETIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL NA VARIEDADE DO ESPANHOL DE
HAVANA**

Rayane Freire Rodrigues

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como quesito para obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos - Língua Espanhola).

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

CIP - Catalogação na Publicação

R696c Rodrigues, Rayane Freire
Contextos favorecedores da seleção da estratégia
de repetição do sintagma nominal na variedade do
espanhol de Havana / Rayane Freire Rodrigues. --
Rio de Janeiro, 2026.
148 f.

Orientadora: Maria Mercedes Riveiro Quintans
Sebold.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Letras Neolatinas, 2026.

1. Objeto direto anafórico. 2. Repetição do
Sintagma Nominal. 3. Espanhol de Havana. 4. Tipos
de anáfora. 5. Sintaxe. I. Sebold, Maria Mercedes
Riveiro Quintans, orient. II. Título.

Rayane Freire Rodrigues

Contextos favorecedores da seleção da estratégia de repetição do sintagma nominal na variedade do espanhol de Havana

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como quesito para obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos - Língua Espanhola).

Examinada por:

Profª Drª Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold - Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profª Drª Astrid Johana Pardo González
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profª Drª Júlia Cheble Puertas
Escola Americana do Rio de Janeiro (EARJ)

Prof Dr Antônio Ferreira da Silva Júnior - Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profª Drª Simone Vieira Nieto Blanco - Suplente
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2026

AGRADECIMENTOS

Durante esse processo de intenso aprendizado marcado por desafios ao longo do caminho, contei com o apoio de pessoas especiais que de certa forma contribuíram para que eu conseguisse concluir mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Primeiramente, agradeço a Deus por me dar saúde, força e sabedoria ao longo desta jornada. Isso foi essencial para que eu perseverasse diante dos desafios e concluísse esta etapa com fé e gratidão.

Aos meus pais, por todo amor, apoio e dedicação ao longo da minha vida e, especialmente, durante esta etapa. Obrigada por acreditarem em mim mesmo nos momentos difíceis, por cada incentivo, oração e palavra de conforto. Tudo o que conquistei até aqui carrega o esforço e os valores que vocês me ensinaram. Amo vocês demais!

Em especial, agradeço à minha mãe Rosângela, por todo amor, cuidado e apoio ao longo dessa caminhada. Obrigada por me incentivar nos momentos difíceis, por acreditar em mim quando eu mesma duvidei e por nunca medir esforços para me ver bem. Sua presença e dedicação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Minha maior incentivadora! Te amo para sempre!

Às minhas tias, que sempre fizeram parte da minha vida com carinho, apoio e presença. Obrigada por cada conselho, pelas palavras de incentivo e por estarem comigo em tantos momentos importantes. O cuidado e a força de vocês contribuíram para que eu chegasse até aqui, e sou muito grata por tudo.

Ao meu tio Deleir (*in memoriam*), meu maior incentivador nos estudos, obrigada por acreditar no meu potencial desde sempre! Obrigada por cada palavra de motivação, pelos conselhos e pelo apoio constante, que fizeram toda a diferença para que eu seguisse em frente. Sua confiança me fortaleceu nos momentos difíceis e foi essencial para que eu chegasse até aqui.

À minha querida orientadora Mercedes, pela parceria desde a iniciação científica. Gratidão por toda paciência, por não desistir de mim nos momentos mais difíceis e pelos puxões de orelha que foram necessários e serviram como incentivo para concluir mais uma etapa. Muito obrigada por compartilhar seu conhecimento, por cada sugestão e correção, e por conduzir este trabalho com seriedade e sensibilidade. Sua contribuição foi essencial para meu aprendizado e para a conclusão desta pesquisa.

Aos meus amigos, pelo apoio e pelas palavras de incentivo ao longo dessa caminhada. Obrigada por estarem presentes, por entenderem minha ausência em alguns momentos e por

tornarem o percurso mais leve com carinho e amizade. Cada conversa, ajuda e gesto de vocês fez diferença para que eu chegasse até aqui.

À Rafaela Ribeiro, meu docinho, pelo amor, parceria e apoio constante ao longo de toda esta jornada. Obrigada pela paciência nos dias difíceis, pelo incentivo nos momentos de cansaço e por estar ao meu lado com carinho e compreensão. Sua presença foi essencial para que eu seguisse firme e concluísse mais esta etapa. Te amo!

Ao meu grupo de pesquisa, pelas trocas e aprendizados compartilhados ao longo deste percurso. Obrigada pelas contribuições que enriqueceram este trabalho e tornaram a caminhada mais leve e produtiva. Um agradecimento em especial ao Marcelo, que foi minha companhia em algumas aulas durante o mestrado, sua presença tornou o mestrado menos solitário, obrigada por dividir a sala de aula, os surtos e os momentos divertidos comigo.

À CAPES pelo apoio financeiro concedido, que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa e contribuiu para a realização deste trabalho.

A todos que, de alguma forma, torceram por mim e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Seja com uma palavra de apoio, uma mensagem, um gesto de carinho ou simplesmente com presença, vocês fizeram diferença nessa caminhada. Minha gratidão é sincera a cada um.

RESUMO

RODRIGUES, Rayane Freire. CONTEXTOS FAVORECEDORES DA SELEÇÃO DA ESTRATÉGIA DE REPETIÇÃO DO SINTAGMA NOMINAL NA VARIEDADE DO ESPANHOL DE HAVANA. Rio de Janeiro, 2026. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas - Estudos Linguísticos em Língua Espanhola) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2026.

Nesta dissertação, investigamos aspectos da gramática do espanhol da variedade de Havana (Cuba), ainda pouco explorada em estudos de base sintática. Nosso ponto de partida foi o levantamento das estratégias de retomada do objeto direto e, de modo mais específico, buscamos descrever e explicar em que contextos a repetição do sintagma nominal (SN) é selecionada como estratégia de referência anafórica. A metodologia desta dissertação consistiu na análise das ocorrências de repetição do SN com função sintática de objeto direto em contexto anafórico, identificando quais fatores linguísticos condicionam sua realização. O *corpus* é composto por 10 entrevistas de fala espontânea disponíveis no *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA), o que nos permitiu analisar dados de língua em uso e observar fenômenos em uso real. As ocorrências foram classificadas e submetidas à análise considerando três fatores condicionantes: o tipo de anáfora, o traço de definitude e o traço de especificidade. As hipóteses a serem verificadas foram: (i) o traço [-definido] favorece a seleção da retomada por repetição do SN; (ii) o traço [-específico] favorece a seleção da retomada por repetição do SN; (iii) a anáfora indireta favorece a seleção da retomada por repetição do SN. Os dados levantados revelaram que os clíticos aparecem como estratégia predominante, mas a repetição do SN se consolida como segunda estratégia mais produtiva, enquanto o apagamento é minoritário. Além disso, a distribuição geral das estratégias se mostrou muito semelhante entre falantes de alta e baixa escolaridade, sugerindo que tanto o uso robusto de clíticos quanto a disponibilidade da repetição do SN fazem parte do repertório regular dos falantes. No que diz respeito à repetição do SN, observamos maior associação com anáfora indireta do que anáfora direta, observamos também a preferência por antecedentes [-específicos] e um efeito mais moderado da definitude, com leve predominância de traço [-definido]. Diante do exposto, a variedade de Havana preserva o núcleo clítico do espanhol, mas exibe uma zona expressiva e funcional de variação na qual a repetição do SN se mantém produtiva. Ao articular descrição empírica e discussão teórica, esta dissertação pretende contribuir para a compreensão das estratégias de referência no espanhol de Havana e para o debate sobre como propriedades como definitude, especificidade e relações anafóricas se associam à escolha de formas de retomada em uma variedade caribenha do espanhol.

Palavras-chave: Objeto Direto Anafórico; Repetição do Sintagma Nominal; Espanhol de Havana; Tipos de Anáfora; Definitude; Especificidade.

RESUMEN

RODRIGUES, Rayane Freire. CONTEXTOS FAVORECEDORES DE LA SELECCIÓN DE LA ESTRATEGIA DE REPETICIÓN DEL SINTAGMA NOMINAL EN LA VARIEDAD DEL ESPAÑOL DE LA HABANA. Rio de Janeiro, 2026. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas - Estudos Linguísticos em Língua Espanhola) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2026.

En el presente trabajo, investigamos aspectos de la gramática del español de la variedad de La Habana (Cuba), aún poco explorada en estudios de base sintáctica. Nuestro punto de partida fue el relevamiento de las estrategias de retomada del objeto directo y, de modo más específico, buscamos describir y explicar en qué contextos la repetición del sintagma nominal (SN) se selecciona como estrategia de referencia anafórica. La metodología de este trabajo de fin de máster consistió en el análisis de las ocurrencias de repetición del SN con función sintáctica de objeto directo en contexto anafórico, identificando qué factores lingüísticos condicionan su realización. El *corpus* está compuesto por 10 entrevistas de habla espontánea disponibles en el Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA), lo que nos permitió analizar datos de lengua en uso y observar fenómenos en uso real. Las ocurrencias se clasificaron y se sometieron a análisis considerando tres factores condicionantes: el tipo de anáfora, el rasgo de definitud y el rasgo de especificidad. Las hipótesis que se verificarán son: (i) el rasgo [-definido] favorece la selección de la retoma por repetición del SN; (ii) el rasgo [-específico] favorece la selección de la retoma por repetición del SN; (iii) la anáfora indirecta favorece la selección de la retoma por repetición del SN. Los datos revelaron que los clíticos aparecen como estrategia predominante, pero la repetición del SN se consolida como la segunda estrategia más productiva, mientras que la elisión es minoritaria. Además, la distribución general de las estrategias se mostró muy semejante entre hablantes con alta y baja escolaridad, lo que sugiere que tanto el uso robusto de clíticos como la disponibilidad de la repetición del SN forman parte del repertorio regular de los hablantes. En lo que respecta a la repetición del SN, observamos una mayor asociación con la anáfora indirecta que con la anáfora directa; observamos también la preferencia por antecedentes [-específicos] y un efecto más moderado de la definitud, con un ligero predominio del rasgo [-definido]. En vista de lo expuesto, la variedad de La Habana preserva el núcleo clítico del español, pero exhibe una zona expresiva y funcional de variación en la que la repetición del SN se mantiene productiva. Al articular descripción empírica y discusión teórica, esta disertación pretende contribuir a la comprensión de las estrategias de referencia en el español de La Habana y al debate sobre cómo propiedades como la definitud, la especificidad y las relaciones anafóricas se asocian con la elección de formas de retoma en una variedad caribeña del español.

Palabras clave: Objeto Directo Anafórico; Repetición del Sintagma Nominal; Español de La Habana; Tipos de Anáfora; Definitud; Especificidad.

ABSTRACT

RODRIGUES, Rayane Freire. CONTEXTS THAT ENABLE THE SELECTION OF THE STRATEGY OF REPETITION OF THE NOUN PHRASE IN THE HAVANA VARIETY OF SPANISH . Rio de Janeiro, 2026. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas - Estudos Linguísticos em Língua Espanhola) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2026.

In this dissertation, we investigate aspects of the grammar of the Havana variety of Spanish (Cuba), which has still been little explored in syntactically oriented studies. Our starting point was a survey of strategies for resuming the direct object and, more specifically, we sought to describe and explain the contexts in which repetition of the noun phrase (NP) is selected as a strategy of anaphoric reference. The methodology consisted of analyzing instances of NP repetition functioning syntactically as a direct object in an anaphoric context, identifying which linguistic factors condition its realization. The corpus comprises 10 spontaneous-speech interviews available in the Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA), which allowed us to analyze language-in-use data and observe phenomena in actual usage. The tokens were classified and analyzed considering three conditioning factors: the type of anaphora, the definiteness feature, and the specificity feature. The hypotheses to be tested were: (i) the [-definite] feature favors the selection of resumption by NP repetition; (ii) the [-specific] feature favors the selection of resumption by NP repetition; (iii) indirect anaphora favors the selection of resumption by NP repetition. The data show that clitics are the predominant strategy, but NP repetition emerges as the second most productive strategy, while omission is minor. In addition, the overall distribution of strategies proved to be very similar among speakers with higher and lower levels of schooling, suggesting that both the robust use of clitics and the availability of NP repetition are part of speakers' regular repertoires. With respect to NP repetition, we observed a stronger association with indirect anaphora than with direct anaphora; we also observed a preference for [-specific] antecedents and a more moderate effect of definiteness, with a slight predominance of the [-definite] feature. In light of these findings, the Havana variety preserves the clitic core of Spanish, but displays an expressive and functional zone of variation in which NP repetition remains productive. By bringing together empirical description and theoretical discussion, this dissertation aims to contribute to the understanding of reference strategies in Havana Spanish and to the debate on how properties such as definiteness, specificity, and anaphoric relations are associated with the choice of resumption forms in a Caribbean variety of Spanish.

Keywords: Anaphoric Direct Object; Noun Phrase Repetition; Spanish from Havana; Types of Anaphora; Definiteness; Specificity.

LISTA DE IMAGENS E TABELAS

Imagem 1: Página do PRESEEA disponível em: <http://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>..... 77

Tabela 1: Características dos informantes do corpus de Havana..... 78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação entre as estratégias de retomada e alta escolaridade..... 87

Gráfico 2: Relação entre as estratégias de retomada e baixa escolaridade..... 88

Gráfico 3: Resultado Geral - Estratégias de retomada do objeto direto..... 89

Gráfico 4: Relação entre tipos de anáfora e estratégia de retomada por repetição do SN..... 95

Gráfico 5: Relação entre os traços de definitude e estratégia de retomada por repetição do SN
108

Gráfico 6: Relação entre os traços de especificidade e estratégia de retomada por repetição
do SN..... 123

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CDH: *Corpus del Diccionario histórico de la lengua española*

CORDE: *Corpus Diacrónico del Español*

CORPES: *Corpus del Español del Siglo XXI*

CREA: *Corpus de Referencia del Español Actual*

DOM: Differential Object Marking (Marcação diferencial do objeto)

DP: Determiner Phrase (Sintagma Determinante)

GU: Gramática Universal

GP: Gramática Particular

Língua-E: Língua Externa, Extensional

Língua-I: Língua Interna, Intencional, Individual

GN: Gramática Particular

NGLE: Nueva Gramática de la Lengua Española

NP: Noun Phrase (Sintagma Nominal)

ODA: Objeto Direto Anafórico

GP: Gramática Periférica

PRESEEA: *Proyecto para el estudio sociolingüístico del Español de España y de América*

RAE: Real Academia Española

SN: Sintagma Nominal

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 2: DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM SOB A PERSPECTIVA GERATIVISTA.....	17
2.1 Abordagem gerativista e o conceito de língua.....	17
2.2 A noção de Língua-I e Língua-E.....	23
2.3 O modelo de Princípios e Parâmetros.....	30
CAPÍTULO 3: SISTEMA PRONOMINAL.....	34
3.1 De acordo com a gramática normativa.....	34
3.2 De acordo com alguns estudos empíricos.....	39
3.3 Traços semânticos e noção de anáfora.....	49
3.3.1 Traço de definitude.....	49
3.3.2 Traço de especificidade.....	52
3.3.3 Tipos de anáfora.....	54
CAPÍTULO 4: ESPANHOL CARIBENHO.....	58
4.1 O Espanhol Caribenho: Panorama Geral.....	58
4.2 A variedade de Havana.....	67
CAPÍTULO 5: METODOLOGIA.....	76
5.1 Natureza dos dados analisados.....	77
5.2 Perfil dos informantes.....	78
5.3 Fatores condicionantes.....	81
5.3.1 Traço de definitude.....	81
5.3.2 Traço de especificidade.....	83
5.3.3 Tipos de anáfora.....	84
CAPÍTULO 6: ANÁLISE DOS DADOS.....	86
6.1 O fator de alta e baixa escolaridade.....	86
6.2 Resultado geral acerca das estratégias de retomada do objeto direto anafórico.....	89
6.3 Tipos de Anáfora e a estratégia de repetição do SN.....	94
6.4 O traço de definitude e a estratégia de repetição do SN.....	106
6.5 O traço de especificidade e a estratégia de repetição do SN.....	122
6.6 Resumindo nossos achados e retomando nossas hipóteses.....	137
CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos da língua espanhola consolidaram-se em um campo amplo e plural, atravessado por diferentes tradições de investigação. De um lado, há uma forte herança gramatical normativa, historicamente vinculada ao projeto de padronização e unificação associado à Real Academia Española e às descrições centradas, com frequência, no espanhol peninsular. De outro, cresce de modo contínuo a necessidade de descrições que deem conta do espanhol como língua pluricêntrica, heterogênea e atravessada pela variação, reconhecendo que as diferentes variedades hispânicas são igualmente legítimas e relevantes para a teoria linguística.

Esta dissertação se situa no campo da linguística teórica, dialogando com a perspectiva gerativista. Ao adotar esse enquadramento, partimos da concepção de língua como sistema internalizado (língua-I), regido por princípios e restrições que estruturam a competência do falante, e não apenas como um conjunto de convenções externas (língua-E). Essa distinção é relevante porque orienta a interpretação do fenômeno da retomada anafórica como parte da gramática internalizada do falante e, portanto, como um objeto legítimo para investigações que buscam compreender propriedades estruturais e suas condições de ocorrência.

No âmbito das descrições do espanhol, as gramáticas de referência oferecem contribuições importantes para caracterizar o sistema pronominal e, em especial, o papel dos clíticos como estratégia central de retomada. Ainda assim, a própria tradição gramatical, mesmo quando se afirma descritiva, tende, muitas vezes, a privilegiar um padrão e a tratar a variação como periférica, o que pode invisibilizar estratégias produtivas em diversas comunidades de fala. É justamente por isso que pesquisas empíricas recentes em diferentes variedades como as de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) têm mostrado que a repetição do sintagma nominal (SN) é uma estratégia recorrente de retomada, ampliando a compreensão do fenômeno para além do recorte normativo.

Dentro desse panorama, o espanhol caribenho ganha destaque por seu histórico de formação e por traços reconhecidamente associados a fatores como marginalidade colonial e intenso contato linguístico. No caso de Havana, a literatura enfatiza fenômenos como pronomes sujeitos explícitos e construções sintáticas características, mas ainda são raros os trabalhos voltados especificamente para a retomada do objeto direto.

A principal contribuição desta dissertação consiste em mapear e descrever sistematicamente as estratégias de retomada do objeto direto anafórico na variedade de Havana, algo que, conforme o levantamento bibliográfico discutido ao longo do trabalho,

ainda aparece como lacuna na literatura acessada pois não se encontrou uma tipologia ou descrição focalizada que trate especificamente desse aspecto sintático para essa variedade.

Do ponto de vista do campo de estudos do espanhol caribenho, nosso trabalho se alinha a uma agenda de pesquisa que busca ampliar o escopo descritivo das variedades, em vez de concentrar o olhar apenas em fenômenos já tradicionais na literatura como o sujeito. Esta dissertação desloca a atenção para o objeto direto, contribuindo para uma caracterização mais abrangente da sintaxe do espanhol de Havana.

Metodologicamente, nosso trabalho se fundamenta na análise de dados orais transcritos, o que fortalece a observação do espanhol em uso, permitindo captar nuances de alternância entre estratégias (clíticos, sintagmas nominais e apagamento) que tendem a não emergir com a mesma intensidade em registros escritos.

Quanto ao nosso objetivo, buscamos levantar as estratégias de retomada do objeto no espanhol de Havana e, a partir desse mapeamento, focalizamos a estratégia de repetição do sintagma nominal (SN), verificando quais fatores linguísticos influenciam a realização dessa estratégia de retomada. Para orientar essa investigação, consideramos três fatores condicionantes centrais: os tipos de anáfora, a definitude e a especificidade. Com base nesses fatores, formulamos as seguintes hipóteses:

(I) O traço [-definido] favorece a seleção da estratégia de repetição do SN na gramática da variedade de Havana;

(II) O traço [-específico] favorece a seleção da estratégia de repetição do SN na gramática da variedade de Havana;

(III) A anáfora indireta favorece a seleção da estratégia de repetição do SN na gramática da variedade de Havana;

Ao estabelecermos como objetivo levantar as estratégias de retomada do objeto no espanhol de Havana e, em especial, testar o papel de fatores como definitude, especificidade e tipo de anáfora na repetição do sintagma nominal, oferecemos um quadro analítico que pode ser replicado e comparado com outras variedades do espanhol. Assim, além de preencher uma lacuna no estudo do espanhol caribenho, contribuímos para ampliar o alcance descritivo e comparativo da linguística hispânica.

Esta dissertação está organizada em 7 capítulos, com o objetivo de orientar o leitor, descrevemos a seguir a organização desta dissertação por capítulos apresentados de forma sintética a seguir. No primeiro capítulo, fazemos nossa introdução, onde apresentamos a motivação e um panorama geral do que trataremos neste trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos o quadro teórico da Teoria Gerativa, partindo da proposta chomskiana de que a linguagem é uma faculdade mental inata e universal. Nessa perspectiva, entendemos a língua como um sistema cognitivo internalizado, regido por princípios universais e parametrizado pela experiência, o que nos leva a discutir os conceitos de Gramática Universal (GU) e Gramáticas Particulares (GPs) como base para explicar, simultaneamente, a uniformidade e a diversidade das línguas.

No terceiro capítulo, apresentamos o sistema pronominal do espanhol, comparamos três descrições gramaticais representativas de momentos e orientações distintas: a *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), *Gramática de la lengua española de Alarcos Llorach* (2000) e *Nueva gramática de la lengua española* (2009), mostrando como suas escolhas teóricas e metodológicas impactam diretamente o modo de interpretar o sistema pronominal e, muitas vezes, invisibilizam a variação linguística. Em contraste, incorporamos estudos empíricos de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) que evidenciam que há outras estratégias produtivas de retomada do objeto direto anafórico, ampliando a compreensão do fenômeno para além do padrão prescritivo.

No quarto capítulo, apresentamos um panorama do espanhol caribenho e situamos a variedade de Havana dentro desse quadro, articulando fatores históricos, geográficos e linguísticos que ajudam a explicar sua configuração atual. Reconstruímos o contexto sócio-histórico que marcou a formação dessas variedades: a marginalidade colonial das Antilhas, momentos de despovoamento e recomposição demográfica, além da introdução massiva de populações africanas escravizadas, que configurou um cenário de intenso contato linguístico afro-hispânico e favoreceu caminhos particulares de mudança.

No quinto capítulo, descrevemos a metodologia adotada nesta dissertação a partir das entrevistas do banco de dados do *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA)*. Apresentamos também o perfil dos informantes das entrevistas, trabalhamos com um grupo heterogêneo, com participantes de 25 a 81 anos (havendo um caso sem idade informada), diversidade de gênero, equilíbrio por escolaridade, predominância de registros em 2010 e entrevistas com duração relativamente próxima, entre 45 e 52 minutos. Por fim, explicitamos os critérios de análise que adotamos, foram três fatores condicionantes para orientar a descrição e a interpretação dos dados.

No sexto capítulo, fazemos a análise dos nossos dados para verificar em quais contextos a repetição do sintagma nominal é favorecida na variedade de Havana. Analisamos de forma quantitativa e qualitativa as estratégias de retomada do objeto direto anafórico, considerando definitude, especificidade e tipo de anáfora. Fizemos uma contabilização manual e organizamos a apresentação dos resultados passando pelo contraste por escolaridade, pelos dados gerais e, depois, pelos fatores linguísticos ligados especificamente à repetição do SN, concluindo com um resumo dos nossos achados e das hipóteses.

Por fim, no capítulo 7, nas considerações finais, nós retomamos o objetivo e as hipóteses e, em seguida, sintetizamos os principais resultados da análise das 10 entrevistas selecionadas, comparando as estratégias de retomada do ODA e verificamos como a repetição do SN se distribui por escolaridade e pelos critérios linguísticos de definitude, especificidade e tipos de anáfora.

CAPÍTULO 2: DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM SOB A PERSPECTIVA GERATIVISTA

Este capítulo apresenta o quadro teórico da Teoria Gerativa, proposto por Noam Chomsky, que introduz um novo paradigma nos estudos linguísticos ao conceber a linguagem como uma faculdade mental inata e universal. Nessa perspectiva, a língua não é entendida como um simples conjunto de hábitos ou convenções sociais, mas como um sistema cognitivo internalizado, estruturado por princípios universais e parametrizado de acordo com a experiência de cada falante. São discutidos os conceitos de Gramática Universal (GU), responsável por delimitar o espaço das possíveis línguas humanas, e de Gramáticas Particulares (GPs), que resultam da fixação de parâmetros específicos na aquisição da língua materna. O capítulo explora ainda a distinção entre Língua-I (internamente representada, individual e intencional) e Língua-E (externa, social e convencional), ressaltando como essa diferenciação permite compreender a aquisição linguística como um processo criativo e não meramente imitativo. Além disso, é apresentado o modelo de Princípios e Parâmetros, que busca explicar simultaneamente a uniformidade estrutural das línguas e sua diversidade empírica. Ao adotar esse enquadramento teórico, o capítulo oferece as bases para analisar fenômenos como a retomada anafórica, evidenciando de que modo a teoria gerativista contribui para compreender a natureza, a origem e o uso do conhecimento linguístico.

2.1 Abordagem gerativista e o conceito de língua

A abordagem gerativista, proposta por Noam Chomsky na década de 50, representou uma ruptura significativa nos estudos linguísticos ao propor que a linguagem é uma faculdade mental inata própria da espécie humana, e não apenas um conjunto de hábitos aprendidos. Ao deslocar o foco da descrição das línguas para a explicação de como elas são adquiridas e representadas na mente, passamos a compreender a língua como um sistema de conhecimento internalizado, cuja estrutura é regida por princípios universais.

Ao nos debruçarmos sobre o campo da linguística teórica, percebemos que a abordagem gerativista representa um dos momentos mais decisivos do século XX. Trata-se de um movimento que não apenas inaugura um novo paradigma científico, mas que também propõe uma mudança radical na forma como concebemos a natureza da linguagem. Enquanto tradições anteriores se debruçavam, sobretudo, na descrição de usos ou na normatização da

língua, o gerativismo é voltado para a faculdade da linguagem, concebida como uma capacidade cognitiva específica da mente humana.

Nessa perspectiva, concordamos com Raposo (1992) quando afirma que a gramática é concebida, na perspectiva gerativista, como um sistema de regras internalizadas pelo falante, um sistema que permite não apenas reconhecer a gramaticalidade de frases já ouvidas, mas, sobretudo, gerar uma quantidade potencialmente infinita de novas frases, jamais enunciadas, mas imediatamente compreensíveis. Ao retomarmos essa afirmação, assumimos que a investigação linguística não pode se limitar à observação empírica dos enunciados atestados, ela precisa reconstruir a competência mental que permite ao falante produzir e interpretar tais enunciados.

Chomsky (1986) defende que o objetivo central da linguística teórica é caracterizar o conhecimento implícito que o falante-ouvinte tem de sua língua, apontando que tal conhecimento não se restringe a comportamentos observáveis, mas a um estado mental que possibilita a criatividade linguística. O autor em seu estudo de 1988 reforça que a faculdade da linguagem constitui um módulo específico da mente humana, com estrutura própria e relativamente independente de outros sistemas cognitivos.

Dentro da teoria gerativa, a linguagem é entendida como uma faculdade universal, presente em todos os seres humanos. Raposo (1992 p. 30) destaca que a gramática é uma teoria internalizada pelo falante, que gera e interpreta uma quantidade potencialmente infinita de frases. Ao adotarmos essa noção, compreendemos que a faculdade da linguagem não depende apenas da experiência ou do hábito, mas de princípios inatos que estruturam a capacidade linguística desde o nascimento.

A hipótese inatista é o grande pressuposto da gramática gerativa, pois oferece uma explicação plausível para a rapidez e a eficiência com que as crianças adquirem sua língua materna. Como afirma Raposo (1992), a criança, exposta a um conjunto limitado de dados fragmentários, é capaz de, em poucos anos, dominar um sistema gramatical de grande complexidade, o que só pode ser explicado pela existência de uma gramática universal subjacente.

A Gramática Universal (GU) é, nessa perspectiva, o conjunto de princípios inatos que delimitam o espaço das possíveis gramáticas humanas, enquanto a variação entre línguas decorre da fixação de parâmetros a partir da experiência linguística. O autor afirma que:

Podemos conceber a Gramática Universal como um órgão biológico, que evolui no indivíduo como qualquer outro órgão. O resultado dessa evolução

é a gramática final que caracteriza os conhecimentos linguísticos do falante adulto. Nos termos de Chomsky, a Gramática Universal é o estado inicial da faculdade da linguagem, e a gramática do indivíduo adulto constitui o seu estado final, firme ou estável. (RAPOSO, 1992:46-47).

Com isso, a teoria gerativista não apenas redefine o conceito de língua, mas também estabelece um programa de investigação centrado na compreensão de sua natureza, origem e uso, buscando responder questões fundamentais sobre a representação mental e o funcionamento do conhecimento linguístico.

Um dos conceitos da abordagem gerativista é a distinção entre Gramática Universal (GU) e Gramáticas Particulares (GP). A Gramática Universal é concebida como o conjunto de princípios inatos que estruturam todas as línguas naturais possíveis, representando, assim, a base cognitiva comum a todos os falantes humanos. Já as Gramáticas Particulares, correspondem às configurações específicas que cada língua assume a partir da fixação de parâmetros no processo de aquisição.

Raposo (1992) postula que a gramática universal deve ser entendida como um sistema de princípios invariáveis, partilhados por todos os falantes, que permitem delimitar o espaço do que é possível em termos de línguas humanas, já as gramáticas particulares, resultam da fixação paramétrica que, a partir de um mesmo núcleo universal, dá origem às diferentes línguas naturais.

Essa concepção é central para compreendermos como a diversidade linguística pode coexistir com a uniformidade da capacidade de linguagem. A GU garante que todos os seres humanos partilham uma base comum, enquanto as GP explicam as diferenças entre línguas concretas, como o português, o inglês ou o japonês.

Além disso, esse modelo sustenta a ideia de que a aquisição da linguagem não é um processo de mera imitação, mas de parametrização. Como afirma Raposo (1992), a criança, ao adquirir a sua língua materna, não constrói uma gramática do zero, mas seleciona valores paramétricos a partir de hipóteses fornecidas pela gramática universal.

Deste modo, compreendemos que o estudo da GU e das GP oferece ao linguista uma ferramenta poderosa para investigar tanto os aspectos universais da linguagem quanto a especificidade das línguas particulares. Isso amplia o alcance da teoria gerativa, permitindo dialogar com áreas como a tipologia linguística e a psicolinguística.

Ao retomarmos as formulações propostas por Chomsky (1988, p. 33), identificamos quatro questões centrais que orientam o programa de pesquisa da Gramática Gerativa: (i) Qual é o sistema de conhecimento presente na mente/cérebro de qualquer falante de uma

língua natural?; (ii) Como esse sistema surge?; (iii) Como é utilizado na produção linguística, seja na fala ou na escrita?; e (iv) Quais são os mecanismos físicos que o sustentam?

A primeira questão proposta por Chomsky (1988) relaciona-se diretamente à perspectiva teórica que adotamos neste estudo: o gerativismo. Essa corrente sustenta a hipótese do inatismo e apresenta uma concepção mentalista da linguagem, segundo a qual os seres humanos são dotados de um conhecimento linguístico inato, inscrito geneticamente. Nesse sentido, mesmo antes de produzir seus primeiros sons, um recém-nascido já manifesta uma predisposição biológica para o desenvolvimento da linguagem, o que afasta a noção de que o indivíduo seria uma *tábula rasa*.¹

A aquisição linguística, portanto, não se explica apenas pela imersão na língua ambiente, mas resulta da interação entre a experiência linguística e a Gramática Universal (GU), concebida como um conjunto de princípios cognitivos naturais presentes no cérebro humano. É importante observar que essa concepção se distingue de abordagens empiristas e interacionistas, que atribuem papel central ao ambiente social no processo de aquisição da linguagem. Para os gerativistas, o meio funciona como um estímulo que aciona estruturas já dadas pela GU, sendo esta responsável por garantir a especificidade da linguagem como faculdade inata, universal e própria da espécie humana.

A segunda questão formulada por Chomsky (1988) está diretamente associada ao chamado Problema de Platão, que indaga como os seres humanos conseguem atingir um nível de conhecimento tão avançado em um período relativamente curto de exposição ao ambiente. Essa questão já havia sido explorada por filósofos como Sócrates e Platão, a partir de um experimento. Neste experimento, Sócrates conduz um escravizado sem formação escolar para formular princípios básicos da geometria, demonstrando que o indivíduo, mesmo sem instrução formal, era capaz de acessar noções universais dessa ciência. Platão interpreta esse fenômeno como evidência de que certos conhecimentos não são adquiridos pela experiência, mas já se encontram latentes na mente, sendo apenas despertados por estímulos externos.

No campo da linguística, Chomsky retoma essa problemática argumentando que certos aspectos do conhecimento humano, em especial o linguístico, são inatos e constituem parte de nossa herança biológica, tão determinada geneticamente quanto características físicas como o crescimento de braços e pernas em vez de asas (CHOMSKY, 1998, p. 4). Nessa

¹ A concepção de *tábula rasa* remonta à filosofia empirista de John Locke, que em seu *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1690) defendeu a ideia de que a mente humana nasce como uma folha em branco, sendo preenchida unicamente pelas experiências sensoriais e pela reflexão. Em oposição a essa perspectiva, teorias inatistas como a Gramática Gerativa de Chomsky, rejeitam a noção de um sujeito desprovido de predisposições cognitivas, sustentando que a linguagem não é adquirida apenas pela exposição ao ambiente, mas se apoia em estruturas inatas, biologicamente determinadas.

perspectiva, a espécie humana dispõe de um aparato linguístico interno, dotado de propriedades universais, que torna possível a aquisição rápida e criativa da linguagem, mesmo diante da limitação e imperfeição dos estímulos oferecidos pelo ambiente, o que Chomsky denominou de pobreza do estímulo.

A terceira pergunta formulada por Chomsky (1988) pode ser subdividida em dois âmbitos fundamentais: o problema da percepção e o problema da produção. O problema da percepção está relacionado ao modo como interpretamos e processamos as informações linguísticas recebidas, ou seja, como nossa mente/cérebro é capaz de reconhecer, organizar e atribuir sentido a estímulos linguísticos externos. Já o problema da produção se refere ao caráter ilimitado e criativo da linguagem, que possibilita aos falantes gerar enunciados inéditos, nunca antes ouvidos, mas ainda assim compreensíveis para outros membros da comunidade linguística.

Para Chomsky, o problema da produção corresponde ao chamado Problema de Descartes, em referência à concepção de que a linguagem humana se diferencia radicalmente dos demais sistemas de comunicação pela sua natureza criativa. Ao privilegiar a dimensão da produção, Chomsky postula que a linguagem não pode ser explicada apenas como repetição ou imitação de dados empíricos, mas deve ser entendida como resultado de uma faculdade cognitiva capaz de gerar combinações novas a partir de recursos finitos. Esse aspecto criativo é um dos pilares da Gramática Gerativa, pois sustenta a tese de que a linguagem é um sistema dotado de infinitude potencial, diferindo qualitativamente de qualquer outro mecanismo de comunicação animal.

Considerando a terceira pergunta, podemos estabelecer uma analogia com nosso objeto de estudo, isto é, as estratégias de retomada de objeto direto anafórico. Esse fenômeno evidencia o caráter criativo da linguagem descrito por Chomsky, já que o falante, ao recorrer a diferentes mecanismos de retomada como o uso de clíticos, repetição do SN ou até mesmo o apagamento do objeto, demonstra a capacidade de mobilizar seu conhecimento linguístico de maneira produtiva e variada.

Tais escolhas não se reduzem à simples repetição de estruturas previamente observadas, mas revelam a flexibilidade e a inventividade do sistema linguístico, permitindo que cada enunciado seja único, mesmo quando segue princípios universais. Nesse sentido, o nosso estudo contribui para ilustrar a tese chomskiana de que a linguagem é um sistema finito em recursos, mas infinito em possibilidades de uso, confirmando sua natureza criativa.

A quarta pergunta proposta por Chomsky (1988) se refere à relação entre o conhecimento linguístico e seus mecanismos físicos de realização, isto é, ao modo como a

linguagem se ancora nos processos neurobiológicos do mente/cérebro. Diferentemente das questões anteriores, que abordam, sobretudo, aspectos formais e cognitivos da linguagem, essa dimensão aproxima o programa gerativista das ciências naturais, como a biologia e a neurociência, uma vez que busca compreender quais estruturas físicas e quais processos cerebrais sustentam a faculdade da linguagem.

Dado o exposto, nesta dissertação, nos interessamos especialmente pela primeira questão, uma vez que compreender a natureza desse sistema significa investigar a competência linguística, o conhecimento internalizado pelo falante, e distingui-la do desempenho linguístico, que diz respeito ao uso efetivo desse conhecimento em situações concretas. Essa distinção, já destacada por Chomsky (1986), é fundamental para compreendermos que o desempenho pode ser influenciado por fatores externos, como memória e atenção, sem que haja perda do conhecimento linguístico subjacente.

Entendemos, portanto, que a competência linguística é resultante da interação entre a GU e a experiência linguística, a qual possibilita a fixação de parâmetros específicos, configurando a GP. Essa interação explica, por um lado, a uniformidade estrutural que encontramos nas línguas humanas, e, por outro, a diversidade resultante das diferentes configurações paramétricas. A GU, nesse sentido, é um sistema de princípios universais que define os limites das variações possíveis, e sua existência confirma a hipótese de que a capacidade linguística é um atributo biológico da espécie humana.

Dessa forma, ao adotarmos a perspectiva gerativista, alinhamos nossa investigação a uma concepção de língua que ultrapassa a visão estritamente social ou funcional, situando-se no campo da cognição. Nessa perspectiva, a língua é um objeto mental que se desenvolve a partir de uma base inata, é estruturada por princípios universais e se atualiza na experiência. Essa compreensão nos permite não apenas descrever fenômenos linguísticos, mas buscar explicações para sua origem, sua estrutura e seu uso, seguindo o programa de pesquisa proposto por Chomsky e consolidado em suas obras de (1986) e (1988).

Ao falarmos em língua dentro do gerativismo, não nos referimos a um inventário de frases ou a um conjunto de usos coletivos, mas sim a uma estrutura mental organizada por princípios e regras. Raposo (1992) observa que o conceito de língua se refere a uma estrutura mental, constituída por regras e princípios, que permitem ao falante reconhecer e produzir expressões linguísticas.

Essa definição introduz a distinção fundamental entre competência e desempenho. A competência é o conhecimento implícito que todo falante possui de sua língua, enquanto o desempenho corresponde à realização efetiva desse conhecimento, sujeita a falhas, hesitações

e restrições externas. Essa distinção nos ajuda a compreender por que os falantes conseguem julgar a gramaticalidade de sentenças jamais ouvidas antes.

Outro aspecto fundamental da teoria gerativa é a relação entre universalidade e variação. O gerativismo sustenta que todos os falantes compartilham uma Gramática Universal (GU), que estabelece princípios invariáveis, e que as diferenças entre línguas resultam da fixação de parâmetros específicos. Como pontua Raposo (1992), a gramática universal fornece um quadro de princípios invariáveis que estruturam toda e qualquer língua natural; as línguas particulares resultam de escolhas paramétricas dentro desse quadro. Essa explicação dá conta tanto da diversidade linguística quanto da rapidez na aquisição da língua materna. Ao mesmo tempo, reconhecemos que essa concepção abre espaço para pesquisas comparativas entre línguas, uma vez que os parâmetros variáveis podem ser sistematicamente estudados.

Ao adotarmos essa perspectiva, nos aproximamos de uma compreensão explicativa da linguagem, indo além de descrições formais ou funcionais. Nossa análise não se limita a catalogar fenômenos linguísticos, mas busca compreender como esses fenômenos são possíveis à luz dos mecanismos mentais que os geram.

Em síntese, a faculdade da linguagem é o módulo cognitivo especializado que torna possível a aquisição e o uso das línguas humanas; a Gramática Universal é o estado inicial inato dessa faculdade, composto por princípios universais e parâmetros possíveis e a Gramática Particular é o estado final do sistema, resultante da interação entre a GU e os dados linguísticos específicos, constituindo a competência linguística de um falante. Essa tríade conceitual, que é a faculdade da linguagem, GU e GP, é a base teórica que sustenta a abordagem gerativista e orienta investigações sobre a natureza, origem e uso do conhecimento linguístico.

A abordagem gerativista trouxe uma redefinição profunda do conceito de língua, deslocando-o do campo externo da observação empírica para o domínio interno da mente humana. A língua, nessa perspectiva, é antes de tudo uma gramática internalizada, sustentada por princípios universais e parâmetros variáveis, o que explica tanto a diversidade linguística quanto a uniformidade da capacidade de adquirir linguagem.

2.2 A noção de Língua-I e Língua-E

A reflexão de Chomsky sobre a linguagem emerge de uma preocupação central: compreender como seres humanos, a partir de dados linguísticos fragmentários, são capazes

de adquirir uma competência linguística ampla e criativa. Chomsky (1986), propõe que a investigação linguística deve ir além da descrição de fenômenos externos e se concentrar na natureza cognitiva da linguagem. A linguagem é vista, portanto, como parte do aparato mental humano, e não apenas como um conjunto de práticas sociais ou culturais.

Essa perspectiva é expandida a partir de Chomsky (1988), em que o autor argumenta que o estudo da linguagem é também um estudo sobre os limites do conhecimento humano. A linguagem não é apenas instrumento de comunicação, mas, sobretudo, uma faculdade mental, estruturada por princípios inatos que permitem a aquisição e o uso criativo de uma língua. Nesse contexto, Chomsky introduz duas noções centrais: a de língua-I (Internal Language) e a de língua-E (External Language). Essas categorias são fundamentais para diferenciar dois modos de compreender o fenômeno linguístico e orientar a pesquisa científica sobre ele.

Ao analisarmos a concepção de língua no quadro teórico da gramática gerativa, percebemos que o termo *língua* pode assumir sentidos diferentes, o que pode levar a confusões conceituais caso não haja uma distinção clara entre suas acepções. Tradicionalmente, se emprega o termo de modo genérico para designar tanto o conhecimento linguístico internalizado por um indivíduo quanto o conjunto de elementos e regras compartilhados por uma comunidade. Na tentativa de sistematizar essa distinção, Chomsky (1986) propôs duas noções técnicas, língua-I e língua-E, que se tornaram centrais para a teoria gerativista e influenciaram profundamente o direcionamento da pesquisa linguística nas últimas décadas.

A primeira dessas noções, língua-I, refere-se à língua como interna, individual e intencional. É interna porque corresponde a um estado da mente/cérebro do falante, parte integrante de sua arquitetura cognitiva; é individual porque se refere ao conhecimento que cada falante tem de sua própria gramática, podendo variar minimamente mesmo entre falantes da mesma comunidade; e é intencional porque se caracteriza como um sistema finito de regras e princípios que, combinados, permitem gerar um número infinito de sentenças. Em outras palavras, a língua-I é a gramática mental do falante, adquirida a partir da interação entre a Gramática Universal (GU), um conjunto de princípios inatos, e os dados linguísticos disponíveis no ambiente.

A língua-E, por sua vez, é entendida como externa e extensional. É externa porque diz respeito às manifestações observáveis da linguagem como fenômeno sociocultural, englobando normas, convenções e registros coletivos, e é extensional porque se define pelo conjunto efetivo de expressões produzidas e reconhecidas por uma comunidade em um determinado tempo e espaço. A língua-E corresponde, portanto, ao código linguístico tal

como registrado em gramáticas normativas, dicionários e corpora, constituindo-se como o objeto de estudo privilegiado por abordagens mais descritivas, históricas e sociolinguísticas.

Se trazemos esse conceito para o âmbito da aquisição da linguagem, a questão fundamental seria como crianças, a partir de dados linguísticos fragmentários e imperfeitos, conseguem adquirir em poucos anos um sistema gramatical altamente complexo e criativo? A resposta está na distinção entre língua I e língua E e situa a aquisição dentro de uma teoria mais ampla sobre a Gramática Universal.

A distinção entre Língua-I e Língua-E se mostra especialmente produtiva quando aplicada às estratégias de retomada de objeto direto anafórico. Como observa Fernández Ordóñez (1999), no espanhol, a retomada por meio de clíticos constitui a estratégia mais recorrente e natural. Isso significa que, para os falantes dessa língua, tal recurso não precisa ser ensinado ou formalmente introduzido, ele emerge espontaneamente no processo de aquisição, sendo parte integrante da Língua-I, isto é, do conhecimento internalizado e tácito que compõe a competência linguística.

O cenário no português do Brasil, entretanto, é bastante distinto. Os clíticos de terceira pessoa têm uso restrito e podem aparecer predominantemente em registros formais, vinculados ao processo de escolarização. Na prática, o falante brasileiro adquire essa forma não por meio da exposição natural ao input linguístico cotidiano, mas através de situações institucionalizadas, o que indica que essa construção pertence, sobretudo, ao domínio da Língua-E. Ou seja, trata-se de um conhecimento externo, aprendido pela via cultural e normativa, e não de um mecanismo ativado pela gramática internalizada.

Essa comparação é particularmente significativa, pois evidencia que diferentes comunidades linguísticas distribuem de maneira distinta os limites entre o que é internalizado como competência inata e o que é adquirido por convenções sociais. No espanhol, a retomada por clíticos parece estar enraizada na gramática mental dos falantes, no português brasileiro, ao contrário, o apagamento ou outras estratégias de retomada anafórica surgem naturalmente, enquanto o clítico é um recurso de natureza mais artificial, associado à formalidade e à tradição escolar.

Do ponto de vista teórico, esse contraste reforça a ideia de que a Língua-I não é um espelho direto da Língua-E, mas uma gramática mental que pode privilegiar ou marginalizar certas construções. Além disso, permite problematizar como fatores de prestígio, normatividade e escolarização influenciam o espaço ocupado por determinadas variantes. Ao evidenciar esse descompasso, a análise contribui para compreender a complexa interação entre competência inata e experiência social, mostrando que a aquisição e o uso linguístico

não são processos homogêneos entre diferentes línguas, mesmo quando observamos fenômenos estruturalmente semelhantes.

Chomsky (1988) postula que a linguagem humana deve ser entendida como uma capacidade natural, sujeita a princípios biológicos. Isso implica que a aquisição não é aprendido no sentido tradicional, mas crescimento de uma faculdade inata, moldada pela experiência. A distinção proposta por Chomsky (1986, 1988) tem implicações teóricas profundas. Investigar a língua-I significa buscar compreender como o conhecimento linguístico é representado e processado no sistema mental humano, como ele é adquirido e como se mantém estável, mesmo diante de variações de uso e de eventuais interrupções na produção linguística.

Como estamos falando de uma língua com um sistema de clíticos forte, podemos postular que os clíticos na gramática das variedades² do espanhol fazem parte da língua-I. Consideramos que a retomada anafórica do objeto direto no espanhol não pode ser reduzida a um simples fato de uso ou a uma prática socialmente consolidada. A distinção chomskiana entre língua-I e língua-E, nesse sentido, nos fornece um enquadramento explicativo que supera abordagens puramente descritivas. Ao priorizar a língua-I, podemos investigar a retomada anafórica em termos dos princípios universais que regulam a sintaxe e dos parâmetros específicos que caracterizam a gramática do espanhol. Em vez de enxergar o fenômeno como uma irregularidade ou uma particularidade cultural, compreendemos como parte de uma arquitetura cognitiva mais ampla, compartilhada por todas as línguas humanas e diferenciada apenas por variações paramétricas.

Esse modo de situar nossa pesquisa também nos permite estabelecer um vínculo com a teoria da aquisição da linguagem. A retomada anafórica, tal como ocorre no espanhol, é adquirida de maneira natural pelas crianças que crescem expostas à língua, sem necessidade de ensino explícito. A perspectiva da língua-I mostra, portanto, que o estudo desse fenômeno é também uma forma de compreender como a aquisição linguística se realiza e quais aspectos da gramática são fixados a partir da experiência linguística disponível.

Esse enquadramento tem consequências metodológicas importantes. Ao invés de depender exclusivamente da observação de corpora ou da análise de usos estilísticos, nossa pesquisa privilegia o julgamento de gramaticalidade e a análise introspectiva, métodos que permitem acessar de maneira mais direta o conhecimento linguístico internalizado. Assim, o

² Reconhecemos que, no âmbito da teoria gerativa, o termo utilizado é “gramática”. No entanto, optamos pelo uso do termo “variedade” nesta dissertação por considerá-lo adequado aos objetivos analíticos aqui propostos, sem prejuízo do diálogo com a teoria gerativista.

que nos interessa não são as variações ocasionais do desempenho, mas as intuições sistemáticas que os falantes revelam sobre a aceitabilidade de determinadas construções. É nesse ponto que a retomada anafórica do espanhol se mostra particularmente relevante, ao investigar as condições de sua ocorrência, podemos inferir aspectos fundamentais da gramática internalizada que a torna possível.

A retomada anafórica do objeto direto no espanhol não pode ser satisfatoriamente explicada no âmbito da língua-E, já que sua ocorrência não depende apenas de convenções de uso, mas de restrições estruturais profundamente enraizadas na competência dos falantes. Assumimos então a língua-I para situar que a retomada anafórica do objeto direto faz parte da gramática internalizada do falante de espanhol, portanto, reconhecemos que somente no plano da gramática internalizada é possível compreender adequadamente o fenômeno que investigamos.

Nos parágrafos a seguir, introduzimos os conceitos de gramática nuclear e gramática periférica, articulando às duas dimensões de linguagem discutidas na seção deste capítulo, Língua-I e Língua-E.

A distinção entre gramática nuclear (GN) e gramática periférica (GP) ganha relevo a partir das formulações de Chomsky (1981). Nesse quadro teórico, o autor sustenta que a Língua-I abriga diversos traços idiossincráticos, tais como empréstimos lexicais, criações individuais e resíduos de mudanças linguísticas em curso. Em Kato (2006), essa proposta é retomada e ampliada, de modo a vincular o conhecimento linguístico adquirido por meio da escolarização ao domínio da gramática periférica.

No que concerne à definição desses dois tipos de gramática, Kato (2006) associa a gramática nuclear à gramática internalizada, expressão postulada por Chomsky (1981). A GN englobaria, assim, os elementos que compõem a competência linguística natural dos falantes, formada ao longo do processo espontâneo de aquisição da linguagem na infância.

Já a gramática periférica é concebida como uma espécie de “arquivo” em que se depositam certos componentes relacionados à GN, entre eles inovações linguísticas e empréstimos. Diferentemente da GN, os conteúdos que compõem a GP resultam predominantemente de um aprendizado de natureza social, e não de um processo estritamente natural de aquisição. Dessa forma, ela se associa a formas consideradas de prestígio, frequentemente vinculadas ao ensino formal e às normas veiculadas no espaço escolar. Além disso, mesmo entre falantes pertencentes a uma mesma comunidade linguística, pode haver grande variação quanto ao grau de incorporação e de manifestação desses elementos periféricos.

Estabelecendo um vínculo com a análise que desenvolvemos ao longo deste trabalho, é possível associar o fenômeno da cliticização às noções de gramática nuclear e gramática periférica. No caso do espanhol, o sistema pronominal da língua prevê que o pronome clítico já integre o repertório linguístico do falante, se configurando, portanto, como parte da gramática nuclear.

Embora existam algumas variedades que se afastem desse padrão, o espanhol é amplamente reconhecido, em sua descrição gramatical, como uma língua que faz uso predominante de clíticos. As formas pronominais *lo(s)*, *la(s)*, *le(s)* fazem parte do repertório gramatical central do falante, ou seja, estão incorporadas à estrutura básica da língua. Segundo González (1994), diferentemente do português brasileiro, o espanhol tende a omitir o sujeito e a marcar o objeto na sentença.

A seguir, apresentamos dois exemplos que buscam ilustrar como a gramática nuclear e a gramática periférica se organizam no conhecimento linguístico do falante da língua espanhola. Como já mencionado anteriormente, quando se trata do uso ou da ausência do objeto direto com valor anafórico, o espanhol costuma ser caracterizado como um sistema linguístico em que o emprego de clíticos é bastante frequente.

1) Dijo que me dio *la llave*, pero no me *la* dio

(GONZÁLEZ, 1994:125)

No exemplo (1), O sintagma nominal *la llave* é o antecedente e é recuperado na sequência por meio do clítico *la*, que desempenha a função de objeto direto, substituindo o referente e evitando repetição lexical. Neste exemplo, apresentamos um padrão típico do espanhol, no qual o objeto direto anafórico é retomado por pronome clítico.

2) - ¿Has traído *pasteles* hoy?

- No, hoy no he traído [*pasteles*].

(PALÁCIOS, 2000:134)

No exemplo (2), o apagamento do objeto ocorre porque o complemento verbal *pasteles* possui traço [-animado]. A carga informacional do objeto apagado pode ser recuperada pelo contexto, já que, o complemento apagado possui traço [-definido].

Os estudos de Palacios (2000) têm sido de grande relevância para ampliar o que se sabe a respeito da estratégia de apagamento do objeto. Através de sua pesquisa, a autora tem

descoberto cada vez mais casos de apagamento nas variedades do espanhol, entre elas temos as variedades do Equador, Paraguai, Guatemala, Peru, Argentina, entre outras.

Palacios (2000) em seus estudos sobre o espanhol do Paraguai, mostra casos de apagamento do objeto em contextos sintáticos que teoricamente seriam impossíveis no espanhol estandar. Com isso, a autora postula que não há restrições para que ocorra o apagamento do objeto no espanhol paraguaio e que se trata de um fenômeno linguístico generalizado, ou seja, ele ocorre tanto na escrita como na fala. Por fim, a autora complementa que esse fenômeno ocorre pela influência da língua guarani, afirmando que é um caso de contato linguístico.

He intentado demostrar que las peculiaridades del sistema pronominal del español paraguayo deben entenderse como un fenómeno de influencia del guaraní sobre el español. La hipótesis de convergencia de lenguas que he aplicado al caso del español paraguayo es, en mi opinión, la más adecuada para explicar estos fenómenos de influencia lingüística y la que se ajusta de manera más rigurosa a los datos que he presentado. La peculiar situación de bilingüismo histórico que se da en Paraguay, donde la realidad bilingüe es tan evidente que el español y el guaraní son lenguas oficiales reconocidas, ha permitido que los fenómenos de contacto caractericen la modalidad de español paraguayo de manera inequívoca (PALACIOS, 2000:141).³

Retomando os conceitos apresentados, podemos formular a seguinte correspondência: a Gramática Nuclear possui relação com a Língua-I, ao passo que a Gramática Periférica se articula com a Língua-E. Em termos gerais, tanto a Gramática Nuclear quanto a Língua-I têm como foco o domínio da cognição humana, por outro lado, a Língua-E e a Gramática Periférica se voltam para a dimensão social da linguagem, isto é, para aquilo que se situa fora do indivíduo.

Acreditamos que essa escolha não limita nossa análise ao espanhol, mas contribui para o entendimento comparativo entre línguas e para a formulação de hipóteses sobre a faculdade da linguagem em geral. Ao situar a estrutura da retomada anafórica a partir da língua-I, mostramos como fenômenos particulares se inserem em uma teoria abrangente da linguagem, evidenciando que o estudo de uma língua específica pode iluminar a compreensão de princípios universais. Assim, nossa pesquisa não apenas descreve uma propriedade do espanhol, mas reforça a pertinência do modelo chomskiano.

³ Tradução nossa: Tentei demonstrar que as peculiaridades do sistema pronominal do espanhol paraguaio devem ser entendidas como um fenômeno de influência do guarani sobre o espanhol. A hipótese de convergência de línguas que apliquei ao caso do espanhol paraguaio é, na minha opinião, a mais adequada para explicar esses fenômenos de influência linguística e a que se ajusta de maneira mais rigorosa aos dados que apresentei. A situação peculiar de bilinguismo histórico que ocorre no Paraguai, onde a realidade bilíngue é tão evidente que o espanhol e o guarani são línguas oficiais reconhecidas, permitiu que os fenômenos de contato caracterizem a modalidade do espanhol paraguaio de maneira inequívoca.

2.3 O modelo de Princípios e Parâmetros

A teoria linguística tem avançado na tentativa de descrever de modo mais preciso os mecanismos que regulam a faculdade da linguagem. É nesse contexto que se insere o chamado modelo de princípios e parâmetros, formulado por Noam Chomsky a partir dos anos 1980 e que representa um marco no quadro do gerativismo. Ao examinarmos a formulação desse modelo, na forma em que é sistematizada por Raposo (1992), podemos perceber como ele articula uma visão do conhecimento linguístico que procura explicar, simultaneamente, a universalidade e a diversidade das línguas humanas. Esse modelo consiste em encontrar um ponto de equilíbrio entre aquilo que é invariável (os princípios universais), e aquilo que pode variar (os parâmetros), constituindo assim uma teoria que dá conta tanto da homogeneidade estrutural quanto da pluralidade empírica das línguas.

Raposo (1992) observa que as tentativas mais recentes de compreender a faculdade da linguagem convergem para o que se convencionou chamar de modelo de princípios e parâmetros. O autor enfatiza que se trata de uma mudança de paradigma dentro do próprio gerativismo, pois, se em fases anteriores a gramática transformacional se apoiava em regras específicas para descrever cada fenômeno, agora busca-se construir uma teoria mais abstrata, em que um conjunto finito de princípios universais, combinados a valores paramétricos, é capaz de gerar a diversidade linguística observada no mundo.

O modelo de Princípios e Parâmetros, proposto por Chomsky (1981), incorpora em grande parte os resultados teóricos da Teoria Standard Alargada, bem como a sua concepção da organização da gramática em subteorias (ou módulos, ou componentes) autônomas, cada uma delas com uma organização e princípios independentes, e tendo como objeto domínios diferenciados da linguagem. Mais ainda do que no modelo da EST, existe uma tendência para eliminar as regras, ficando o modelo composto no essencial por princípios extremamente gerais, distribuídos pelas várias componentes, e cuja interação determina representações com um alto grau de complexidade. (RAPOSO, 1992:54).

Ao tratar dos princípios gerais, o autor deixa claro que eles correspondem às propriedades universais da linguagem, aquelas que estão presentes em todas as línguas e que derivam, portanto, da Gramática Universal. O autor postula que entendemos por princípios as propriedades invariáveis de todas as línguas naturais, propriedades essas que são parte integrante da Gramática Universal. Essa afirmação significa que, independentemente da língua a que um falante esteja exposto, certos aspectos de sua competência linguística já estão pré-determinados pela sua dotação biológica. Como nos alinhamos a essa perspectiva,

consideramos que tal noção reforça a tese do inatismo da linguagem, uma das bases fundamentais da abordagem gerativista.

A caracterização dos princípios não se encerra em sua universalidade. Raposo (1992) postula que por força da existência dos princípios que a variação interlinguística não é arbitrária nem infinita, mas limitada a um conjunto restrito de possibilidades. Dessa forma, aquilo que distingue uma língua da outra não se deve à inexistência de princípios comuns, mas sim à maneira como cada língua se posiciona diante de opções paramétricas delimitadas. Essa concepção, que nos parece extremamente produtiva, rompe com visões anteriores em que cada língua parecia ser uma entidade autônoma, regida por regras próprias e potencialmente inconciliáveis com as demais. No modelo de princípios e parâmetros, ao contrário, todas as línguas são manifestações particulares de uma mesma arquitetura cognitiva

À luz da proposta de Princípios e Parâmetros apresentada por Raposo (1992), a análise da retomada do objeto direto anafórico ganha um enquadramento teórico produtivo. Os princípios, por serem universais, asseguram que todas as línguas naturais disponham de mecanismos para a retomada anafórica, no entanto, a forma como esses mecanismos se manifestam varia de acordo com a fixação dos parâmetros. É justamente nessa variação que se evidencia a diferença entre o espanhol e o português do Brasil.

No caso do espanhol, o parâmetro do uso produtivo de clíticos se encontra plenamente ativado, o que significa que os pronomes clíticos integram a Língua-I dos falantes, isto é, sua competência linguística internalizada. Assim, a retomada anafórica por clíticos não precisa ser aprendida de forma explícita ou formalizada, se trata de um recurso adquirido naturalmente durante o processo de aquisição da língua materna e que aparece de maneira sistemática e recorrente nos mais diversos registros. Em outras palavras, o clítico, enquanto estratégia de retomada, é parte constitutiva da gramática mental dos falantes de espanhol, funcionando como uma solução cognitiva estável e economicamente eficiente para o fenômeno da anáfora.

Já no português do Brasil, a situação é distinta. O uso do clítico de terceira pessoa não faz parte do repertório internalizado de estratégias mais produtivas da Língua-I, ficando restrito a contextos formais, normativos e frequentemente mediados pela escolarização. Isso significa que, nesse caso, o parâmetro associado ao uso de clíticos não está naturalmente ativado na competência do falante brasileiro, mas é introduzido pela Língua-E, ou seja, pelo contato com a tradição gramatical, a norma culta e os ambientes formais de ensino. Em termos práticos, o falante do PB tende a recorrer a estratégias alternativas, como o

apagamento do objeto direto, que se manifesta de modo mais natural e espontâneo na oralidade e, por isso, ocupa o núcleo da sua gramática internalizada.

Essa comparação ilustra com clareza como o modelo de Princípios e Parâmetros ajuda a explicar a variação entre línguas que compartilham uma mesma base românica. Enquanto o espanhol atualiza o princípio universal da retomada anafórica por meio da fixação de um parâmetro que privilegia os clíticos, o PB ativa parâmetros distintos, favorecendo estratégias como o apagamento. Com isso, se torna evidente que a retomada anafórica não é apenas uma questão estilística ou sociocultural, mas um reflexo direto da forma como cada comunidade linguística estabiliza parâmetros dentro do espaço delimitado pela Gramática Universal.

Se tomamos como exemplo o estudo de González (1994) sobre a aquisição dos pronomes pessoais em espanhol por falantes brasileiros adultos, vemos como ele é extremamente relevante quando observado sob a ótica do modelo de Princípios e Parâmetros. O que muda entre línguas são os parâmetros, que determinam como esses mecanismos se realizam em contextos específicos. O espanhol, por exemplo, fixa o parâmetro de uso produtivo dos clíticos acusativos e dativos, de modo que tais formas fazem parte da Língua-I dos falantes, sendo adquiridas de forma natural e espontânea. Já no português do Brasil, esse parâmetro não é ativado da mesma maneira, os clíticos de terceira pessoa ocupam uma posição marginal, frequentemente substituídos por outras estratégias, como o apagamento do objeto direto.

Esse contraste ajuda a explicar a dificuldade observada por González (1994) na aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. Ao tentar adquirir o sistema pronominal do espanhol, o aprendiz precisa reconfigurar parâmetros que já estão estabilizados em sua gramática do PB. Em termos gerativistas, não se trata apenas de aprender novas formas linguísticas, mas de ajustar parâmetros de retomada anafórica que, em sua língua materna, não foram fixados do mesmo modo. Desse modo, a análise de González dialoga diretamente com a teoria de Princípios e Parâmetros, pois mostra como diferenças sutis na fixação paramétrica entre duas línguas tipologicamente próximas (PB e espanhol) podem gerar efeitos significativos na aquisição/aprendizagem de L2.

A partir da distinção entre Língua-I e Língua-E, é possível compreender porque o uso dos clíticos é amplamente produtivo no espanhol, pois se trata de uma estratégia disponível na gramática internalizada dos falantes, adquirida de maneira espontânea e natural no processo de aquisição. Assim, diferentemente de línguas como o PB, em que os clíticos ocupam espaço periférico e dependem de formalização escolar, no espanhol, eles pertencem ao núcleo da competência linguística, isto é, à Língua-I.

Portanto, aplicar o quadro chomskiano a esta dissertação, é relevante porque permite situar esse fenômeno não apenas como um dado empírico da língua, mas como evidência da interação entre a faculdade inata da linguagem e sua manifestação concreta em uma comunidade específica.

Ao direcionarmos nosso olhar para a retomada por repetição do Sintagma Nominal (SN), nosso objetivo é compreender de que modo essa estratégia se articula com outros mecanismos anafóricos disponíveis na gramática do espanhol, especialmente os clíticos, e quais fatores determinam sua escolha.

A análise da seleção da estratégia de repetição do SN permite observar como falantes de espanhol, além de fornecer informações sobre a interação entre gramática internalizada e condicionamentos externos, contribui para a compreensão mais ampla da variação e do funcionamento da anáfora na língua espanhola.

CAPÍTULO 3: SISTEMA PRONOMINAL

Neste capítulo, abordamos o sistema pronominal do espanhol. Para isso, discutimos a abordagem de diferentes tipos de descrição da língua espanhola que representam momentos distintos e complementares na descrição da língua espanhola: a *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), a *Gramática de la lengua española* de Alarcos Llorach (2000) e a *Nueva gramática de la lengua española* (2009). Cada uma dessas gramáticas adota concepções teóricas e metodológicas específicas, o que parece influenciar diretamente o modo como o sistema pronominal é descrito e interpretado. Ao comparar essas abordagens, buscamos demonstrar como a temática da variação linguística numa língua como o espanhol parece ser invisibilizada.

Além da perspectiva normativa, abordamos neste capítulo estudos empíricos recentes que dão visibilidade a outras estratégias de retomada evidenciando assim uma maneira diferenciada de dar voz às variedades do espanhol. Pesquisas em variedades do espanhol falado em Medellín, Encarnación, Santiago do Chile e Santander demonstram que a repetição do SN é uma estratégia recorrente, ampliando a visão normativa centrada no espanhol peninsular.

Neste capítulo, buscamos evidenciar a necessidade de uma descrição gramatical que considere o uso efetivo da língua, que reconheça e legitime as variedades do espanhol.

3.1 De acordo com a gramática normativa

Em uma perspectiva gramatical, a classe dos pronomes é amplamente discutida por ser um tema extenso onde há muito material para analisar. Nesta pesquisa, investigamos um tipo de forma pronominal pessoal: os pronomes átonos. Essas formas ocupam a posição de complemento interno do verbo podendo ter função sintática de objeto direto ou indireto.

A seguir, nos concentramos tanto em obras de caráter mais normativo quanto em estudos que retratam dados de língua em uso. Essa abordagem equilibrada permitirá considerar tanto as prescrições gramaticais tradicionais quanto as variações e práticas linguísticas observadas em contextos autênticos de comunicação.

A atuação da *Real Academia Española* (RAE) ao longo de sua história esteve fortemente marcada por um projeto normativo que visava impor uma única variedade do espanhol como correta. Esse projeto, fundamentado na tradição gramatical iniciada por Antonio de Nebrija no século XV, orientou-se pela ideia de que a gramática deveria indicar

um padrão fixo de uso linguístico exemplar. Nesse contexto, a RAE assumiu o papel de autoridade máxima sobre a língua, promovendo gramáticas e dicionários que estabeleciam o espanhol castelhano, especialmente sua variedade septentrional, como modelo exclusivo de correção.

Além disso, as próprias obras auto intituladas pan-hispânicas frequentemente apresentam a variedade castelhana como a forma não marcada ou neutra, ao passo que as demais variedades são identificadas com marcadores regionais, por exemplo, “uso mexicano”, “uso rioplatense”, “uso colombiano”, etc. Essa assimetria revela que a noção de unidade, defendida por Torres Montes (2011) como objetivo principal da RAE contemporânea, ainda está fortemente atrelada à ideia de um padrão regulador, e não a um real reconhecimento da pluralidade linguística de forma igual.

Falando um pouco das obras de caráter mais normativo, destacamos a *Gramática Descriptiva de la lengua Española* (1999). Essa gramática aborda de forma detalhada o uso dos pronomes átonos no espanhol padrão, entendendo esse “padrão” como uma forma aceita amplamente na escrita formal e em registros cultos da língua falada. Esse padrão é baseado principalmente na distinção etimológica entre os pronomes de caso acusativo (lo, la, los, las) e os de caso dativo (le, les), ainda que com certas exceções aceitas socialmente.

O autor Torres Montes (2011), menciona a *Gramática descriptiva de la lengua Española* (1999) como um marco importante na mudança de paradigma da linguística normativa espanhola. Essa obra, dirigida por Ignacio Bosque e Violeta Demonte, é citada como um ponto de inflexão porque introduz uma perspectiva descritiva ampla e rigorosa sobre a estrutura do espanhol, afastando-se da função tradicionalmente prescritiva das gramáticas da Real Academia Española (RAE).

Embora Torres Montes (2011) considere a *Gramática descriptiva de la lengua Española* (1999) como um marco decisivo na mudança da linguística normativa para uma abordagem descritiva, essa visão pode ser questionada. Dizer que a obra introduz uma perspectiva descritiva ampla e rigorosa sobre a estrutura do espanhol, afastando-se da função tradicionalmente prescritiva pode ser um exagero, já que a transição entre uma gramática prescritiva e uma descrição mais ampla do espanhol não ocorreu de forma brusca, mas gradualmente.

Além disso, mesmo antes dessa publicação, já existiam movimentos e estudos que buscavam descrever o funcionamento real da língua, o que mostra que a obra de Bosque e Demonte não surgiu isolada nem inaugurou sozinha essa mudança. Também é importante observar que elementos normativos continuaram presentes na tradição da Real Academia

Española, mesmo depois de 1999. Assim, o argumento do autor tende a simplificar um processo complexo, atribuindo a um único trabalho um impacto que, na prática, foi mais lento e distribuído entre diferentes pesquisadores e publicações.

Embora a *Gramática descriptiva de la lengua Española* (1999) se proponha a oferecer uma descrição ampla e rigorosa do funcionamento do espanhol, em diversos momentos a gramática apresenta exemplos e generalizações sem explicitar de maneira sistemática a procedência desses dados, isto é, sem indicar se os dados se tratam de ocorrências extraídas de corpus, de registros escritos específicos, de variedades regionais determinadas, de materiais previamente publicados ou de exemplos construídos pelos próprios autores. Essa opacidade metodológica dificulta avaliar a representatividade dos fenômenos descritos e enfraquece a verificabilidade das análises, sobretudo quando a obra formula afirmações de alcance geral sobre usos e tendências.

Nesse sentido, mesmo quando a intenção declarada é descritiva, a prática de apresentação dos dados nem sempre atende plenamente ao padrão de transparência esperado de trabalhos que se propõem a representar o uso real da língua. Assim, a crítica a Torres Montes (2011) pode ser complementada não apenas pela ideia de gradualidade histórica da virada descritiva, mas também pela constatação de que a própria obra, em termos metodológicos, nem sempre cumpre integralmente o rigor empírico que anuncia.

A *Gramática de la lengua española* de Alarcos Llorach (2000), é elaborada sob uma perspectiva descritiva, estruturalista e funcional, a obra observa como os elementos linguísticos se organizam no sistema da língua e como são mobilizados nas práticas comunicativas. A norma padrão, neste contexto, é concebida como o modelo linguístico idealizado, com prestígio sociocultural, geralmente associado à variedade culta do espanhol peninsular.

Embora o autor organize e explique o sistema linguístico com base em um padrão funcionalmente estável, implica a valorização de uma variedade em detrimento de outras, o que acaba por reforçar uma visão monocêntrica da língua espanhola. Isso ocorre porque a própria definição de “padrão” já envolve uma valorização implícita de uma variedade em detrimento de outras. Ao sistematizar apenas a variedade peninsular, a gramática silencia ou marginaliza outras formas legítimas de uso linguístico, como as variedades latino-americanas, reforçando assim desigualdades no espaço pan-hispânico.

Essa visão monocêntrica se manifesta na ideia de que há um “espanhol padrão” unificado e centralizado, frequentemente baseado na variedade peninsular, que serviria como

referência para todo o mundo hispano. Isso ignora e minimiza, a riqueza e complexidade das variações regionais e nacionais do espanhol, como as variedades faladas na América Latina.

No fragmento a seguir, o autor ilustra qual seria o uso considerado mais adequado dos clíticos de 3º pessoa. Contudo, é importante destacar que essa recomendação não contempla todas as variedades do espanhol. O “uso recomendável” mencionado por Alarcos Llorach (2000) refere-se, essencialmente, à variedade europeia.

En resumen, es recomendable mantener el uso tradicional, solo con algunas concesiones al leísmo; esto es, *lo* como referente de masculino singular en función de objeto directo (aunque se acepte *le* en este caso cuando aluda a persona), *la* para femenino singular en la misma función; *los* para plural masculino y *las* para femenino como objeto directo; *le* y *les* para los objetos indirectos, singulares y plurales respectivamente, sin distinción de géneros; finalmente, *lo* como referente invariable de valores neutros en los papeles de objeto directo y de atributo (ALARCOS LLORACH, 2000:205)⁴

Assim, o autor parece defender a manutenção daquilo que a norma idealiza como homogêneo. Esse modelo centralizador, por mais que busque ser técnico e objetivo, não está isento de implicações ideológicas. Ele contribui para o apagamento ou marginalização de formas linguísticas periféricas, especialmente as que não coincidem com o padrão castelhano. Assim, a gramática de Alarcos Llorach, ainda reproduz, em certa medida, a lógica centralizadora e eurocêntrica que domina a tradição gramatical hispânica.

A *Nueva Gramática de la lengua española* (2009), explica o papel e o comportamento do complemento direto dentro da estrutura da oração, relacionando com a noção de transitividade verbal. Essa função sintática é considerada essencial para a interpretação completa de muitos verbos e constitui, juntamente com o sujeito, um dos elementos centrais da predicação verbal.

A *Nueva gramática de la lengua española* (2009) reconhece que o complemento direto é, muitas vezes, essencial para a interpretação completa do verbo, mas também admite que sua presença pode variar conforme o contexto, o tipo de verbo e o uso que dele se faz na comunicação. A obra reconhece que, embora o complemento direto seja, em muitos casos,

⁴ Tradução nossa: Em resumo, é recomendável manter o uso tradicional, só com algumas concessões ao leísmo; isto é, *lo* como referente masculino singular em função de objeto direto (ainda que seja aceito *le* nesse caso quando faz alusão à pessoa), *la* para feminino singular na mesma função; *los* para plural masculino e *las* para feminino como objeto direto; *le* e *les* para os objetos indiretos, singulares e plurais respectivamente, sem distinção de gêneros; por fim, *lo* como referente invariável de valores neutros nos papéis de objeto direto e de atributo.

essencial para a interpretação plena do verbo, sua presença não é obrigatória de forma absoluta.

Um exemplo desse caso que a NGLE apresenta, é a frase “*Los leopardos cazan de noche*”. Neste exemplo, o verbo *cazar* aparece sem complemento direto expresso, embora seja, em geral, um verbo transitivo, isto é, normalmente seleciona um objeto. Entretanto, a frase continua plenamente interpretável porque o próprio significado do verbo já pressupõe que há algo que é caçado, mesmo que esse objeto não seja mencionado. Além disso, trata-se de uma afirmação genérica/habitual, que descreve um comportamento típico dos leopardos, sem necessidade comunicativa de especificar qual é a presa em cada ocasião. Assim, o complemento direto fica subentendido, mostrando que, em certos contextos, a presença do complemento direto não é obrigatória de modo absoluto, ainda que seja muitas vezes essencial para a interpretação completa do verbo. (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2009, p. 2612).

A descrição e análise gramatical do espanhol realizada pela *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), por Alarcos Llorach (2000), e pela *Nueva gramática de la lengua española* (2009) representam três momentos distintos e complementares na história da descrição gramatical do espanhol, refletindo diferentes concepções metodológicas, objetivos e níveis de aprofundamento na análise linguística.

A *Gramática descriptiva de la lengua española* (1999), representa um marco no estudo do espanhol contemporâneo. Trata-se de uma obra de grande porte e densidade teórica, que incorpora elementos da linguística gerativa, da semântica formal e da sintaxe moderna. Essa gramática busca não apenas descrever a estrutura da língua, mas explicar os mecanismos internos que regem seu funcionamento. Ela oferece uma análise detalhada de fenômenos sintáticos complexos, como a estrutura argumental dos verbos, os complementos oracionais e a transitividade verbal, aprofundando-se em questões que ultrapassam o alcance das gramáticas tradicionais.

Em contraste, a *Gramática de la lengua española* de Alarcos Llorach (2000), de cunho estruturalista, apresenta uma visão sistemática e sintética da gramática espanhola, com foco na organização funcional da oração e nas relações entre os constituintes. Seu enfoque é mais tradicional e prioriza a língua padrão, sem considerar de forma significativa a variação linguística ou os contextos pragmáticos do uso real da língua. Embora clara e bem estruturada, essa gramática é mais limitada em escopo e profundidade analítica se comparada às que a sucederam.

Por fim, a *Nueva gramática de la lengua española* (2009), elaborada pela Real Academia Española, representa uma tentativa de atualização e ampliação da descrição gramatical, integrando os avanços da linguística contemporânea sem abandonar o compromisso com a tradição normativa. Essa obra se diferencia das anteriores por adotar uma perspectiva descritiva e funcional. A NGLE combina duas fontes de dados: exemplos construídos pelos redatores e exemplos procedentes de registro escrito. Essa gramática postula que o corpus utilizado é um dos mais extensos já empregados em um estudo sobre o espanhol, extraído dos corpora acadêmicos CORDE, CDH, CREA e CORPES, além de outros repertórios. Ressalta ainda que esses textos cobrem todas as épocas e todos os países hispanofalantes, entretanto, não inclui dados de oralidade de variedades do espanhol.

O dossiê de imprensa da RAE reforça essa base documental ao indicar que a obra se apoia nos fundos do CORDE e do CREA para comprovar existência, difusão e âmbito de uso das construções, e que, seguindo a linha das gramáticas acadêmicas anteriores, combina exemplos extraídos de textos com exemplos construídos expressamente.

A própria gramática embora afirme adotar uma perspectiva descritiva e funcional, deixa claro que nem todos os exemplos terão fonte externa, pois alguns são inventados, mas que há uma lista dos textos manejados e que muitos autores entram nessa lista por representarem variedades documentadas, dito isto, há algumas problemáticas quanto a afirmação sobre uso real da língua.

A principal problemática é a falta de evidência empírica pois um exemplo construído mostra que uma frase pode soar possível para o autor, mas não prova que ela ocorra de fato, nem com que frequência, nem em que registros, nem em quais regiões/grupos sociais. Isso pode gerar generalizações baseadas na intuição de quem escreve. Também há risco de viés normativo/ideológico, pois sem querer, o autor pode construir exemplos mais próximos da norma padrão, apagando usos coloquiais e periféricos.

Essas gramáticas, embora apresentem pontos de contradição, se complementam ao oferecer uma visão multifacetada da gramática do espanhol. Juntas, elas nos permitem compreender como a língua funciona em teoria.

3.2 De acordo com alguns estudos empíricos

Conforme abordado na seção anterior, segundo as gramáticas citadas, a estratégia mais recorrente e produtiva para a retomada do objeto direto é realizada por meio de pronomes átonos. No âmbito da norma padrão e da norma culta, essa estratégia é, portanto,

reconhecidamente predominante no espanhol. Entretanto, pesquisas recentes evidenciam a ocorrência de outras estratégias de retomada que vêm se consolidando de maneira expressiva na língua espanhola. Entre essas alternativas, destacamos: a retomada por meio da repetição do sintagma nominal (SN), o emprego de pronomes distintos dos clíticos e, ainda, o apagamento do objeto.

González (1994) postula que o Espanhol é uma língua que permite e favorece o sujeito nulo, mas que não admite o objeto nulo. Refletindo acerca do preenchimento da posição de objeto, a autora afirma que os pronomes que preenchem essa posição, servem para expressar caso acusativo ou dativo e funcionam como anafóricos, podendo ter função de objeto direto ou objeto indireto nas orações.

Vejamos os exemplos apresentados por González (1994):

- 3) a. Dijo que me dio *la llave*, pero no me *la* dio
b. Aunque *la verdad* era muy dura para la madre, quería decírsela a Juan

(GONZÁLEZ, 1994:125)

Analisando as sentenças do exemplo (3), observamos o pronome acusativo *la* em referência anafórica nas duas sentenças. No exemplo (3a) temos o antecedente *la llave* e no exemplo (3b) temos *la verdad*. O pronome em referência anafórica concorda em gênero e número de acordo com o seu antecedente. Nessas duas sentenças, o pronome *la* possui a função sintática de objeto direto.

- 4) a. *Me* parece bueno
b. *Le* molesta el ruido

(GONZÁLEZ, 1994:131)

Nas sentenças do exemplo (4) a e b, temos os pronomes dativos *me* e *le*. Nesse caso, o pronome dativo é exigido pela regência verbal. Dito isto, na letra a temos a regência: parecerle algo a alguien e na letra b temos: molestarle algo a alguien. Nessas duas sentenças, os pronomes *me* e *le* possuem função sintática de objeto indireto.

Esses verbos, frequentemente classificados como verbos de sensação, opinião ou afeto, requerem a presença de um dativo experienciador para indicar a quem a ação ou estado se

refere. Além de sua função sintática, esses pronomes exercem também um papel semântico importante, marcando o sujeito experienciador da ação verbal.

Citamos a seguir alguns estudos relevantes no que diz respeito às estratégias de retomada do objeto direto anafórico no espanhol. Entre eles temos: Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023).

A pesquisa realizada por Oliveira (2019) mostra que a gramática de Medellín, assim como outras variedades do espanhol, apresenta particularidades que não são completamente descritas pela gramática normativa. Ao investigar as estratégias de retomada do objeto direto anafórico (ODA) nessa variedade, a autora observa que, embora o uso de pronomes clíticos permaneça como a estratégia predominante, outros mecanismos têm papel relevante, refletindo especificidades sociolinguísticas e estruturais dessa comunidade linguística.

A autora afirma que a gramática de Medellín é pouco documentada, especialmente no que diz respeito a fenômenos de ordem morfosintática, como a retomada do ODA. Essa carência de estudos justifica, segundo a autora, a importância de uma investigação que considere não apenas os aspectos normativos, mas também os fatores de natureza discursiva e cognitiva, como a distância entre o antecedente e o elemento anafórico (OLIVEIRA, 2019, p. 22).

Um dos principais pontos da pesquisa é que, embora a retomada por clíticos se confirme como a estratégia majoritária, o uso de sintagmas nominais (SN) para a retomada do ODA é bastante expressivo na variedade de Medellín, alcançando 39,1% das ocorrências.

Falando sobre traços linguísticos, a definitude desempenha um papel crucial. Referentes definidos, por já estarem ancorados no discurso, favorecem estratégias de retomada mais econômicas, como o uso de pronomes clíticos. Já os referentes indefinidos, por serem menos facilmente recuperáveis na memória do interlocutor, exigem formas de retomada mais completas, como a repetição do SN, para evitar ambiguidade. A definitude, nesse caso, é interpretada não apenas como uma característica formal do sintagma, mas como um traço pragmático que regula o grau de acessibilidade do referente.

Vejamos um exemplo apresentado por Oliveira (2019):

5) I.: no / yo quería / no yo si / yo quería ser arquitecta / hasta que
conocí [los títeres] / conocí los títeres y me cambié (...)

(OLIVEIRA, 2019:108)

No exemplo (5), observamos que o SN definido *los títeres*, é reutilizado logo em seguida, sendo repetido exatamente da mesma forma. A presença do artigo definido *los* marca o SN como [+definido], ou seja, como uma referência específica, identificável e cognitivamente acessível para os interlocutores. Esse traço geralmente favorece o uso de formas pronominais, como os clíticos, especialmente quando a distância entre o antecedente e o elemento anafórico é curta. No entanto, neste caso, a falante opta por repetir o SN integralmente.

Dessa forma, embora o traço [+definido] e a curta distância entre o antecedente e a retomada geralmente favoreçam a seleção de pronomes clíticos, como preveem as hipóteses de Oliveira (2019), este exemplo demonstra que fatores discursivo-pragmáticos também influenciam a escolha da estratégia de retomada. A repetição, ainda que menos econômica do ponto de vista estrutural, é funcional para os objetivos comunicativos do falante, servindo tanto à clareza quanto à ênfase. Assim, o exemplo contribui para reforçar a visão de que a seleção das estratégias de realização do ODA não depende exclusivamente de propriedades formais, como a definitude ou a distância, mas envolve também decisões discursivas e cognitivas do falante em situações reais de uso da linguagem.

Agora dando espaço à especificidade, Oliveira (2019) por sua vez, se relaciona à forma como o falante conceitualiza o referente: se este é apresentado como um elemento identificável dentro de um conjunto, sua retomada tende a ser mais explícita. A autora aponta que, em contextos onde o referente é específico, ou seja, está claramente identificado e contrastado com outros possíveis referentes, a repetição do SN é uma forma de enfatizar sua identidade única e garantir a correta interpretação por parte do ouvinte.

Vejamos um exemplo apresentado por Oliveira (2019):

6) I: e<alargamiento/>m me daba mucha tristeza cuando en el parque de los pies descalzos la gente se iba en vestido de baño y se bañaba en los <vacilación/> en los chorritos de las fuentes y<alargamiento/> sacaba **[el pollo o el almuerzo]** y se sentaba a comer Ø en la calle/ entonces sé que para ss<palabra_cortada> para muchos nivelescreo que estratos uno/ dos y tres les falta sectores de recreación que queden dentro de la ciudad que no les cueste plata en pasajes y que <vacilación/> que sean gratuitos/ porque los parques por lo general están por las afueras de la ciudad y tienen un costo/entonces creo que muchos parques como ese/ muchos parques con atracciones para los niños donde la gente pueda comerse **su almuerzo/ el**

almuerzo que lleva de la casa y donde puedan divertirse y pasar ratos pero gratuitamente

(OLIVEIRA, 2019:124)

O exemplo (6) mostra que a escolha de retomada por um SN possessivo *su almuerzo*, no lugar de um clítico como *lo*, não se dá apenas pela distância ou pela estrutura morfossintática, mas por um desejo discursivo de destacar a individualidade e relevância do referente. Na perspectiva de Chomsky (2005) e das interfaces sintaxe-semântica-pragmática trabalhadas por Huang (2004) e retomadas por Oliveira (2019), a referência é mentalmente construída, e sua realização linguística pode variar de acordo com o grau de ativação, acessibilidade e importância discursiva. A especificidade, nesse caso, funciona como um traço que torna o referente semanticamente forte o bastante para justificar sua repetição plena, com uma marca possessiva.

No exemplo analisado, a retomada do antecedente *el pollo o el almuerzo* por meio de *su almuerzo* revela que o traço de especificidade é decisivo na escolha da estratégia de retomada. O SN não apenas reativa a referência, mas a personaliza, ancorando-a em uma realidade discursiva marcada por condições específicas. Isso demonstra que, além da distância e da definitude, a especificidade é um fator fundamental para compreender a seleção do objeto direto anafórico, como também sugerem os resultados e reflexões da pesquisa de Oliveira (2019).

Dessa forma, a autora conclui que a retomada por SN, apesar de menos frequente do que a retomada por clítico no espanhol de Medellín, é uma estratégia discursiva funcional e motivada por diversos fatores linguísticos e pragmáticos. Tal estratégia não apenas cumpre um papel na organização textual, mas também reflete as escolhas cognitivas dos falantes diante de diferentes condições de produção discursiva como a distância entre os constituintes, a clareza referencial desejada e o perfil informacional do referente.

Por fim, Oliveira (2019) conclui que a gramática dos falantes de Medellín revela um funcionamento dinâmico, no qual interagem fatores estruturais, discursivos e cognitivos. Sua pesquisa não apenas documenta essas práticas, mas também contribui para uma reflexão mais ampla sobre o funcionamento da anáfora e sobre os limites das descrições normativas frente à diversidade linguística presente nas diferentes comunidades hispânicas.

Seguindo com os estudos descritivos, o estudo conduzido por Silva dos Santos (2021) revela que, na variedade de espanhol falado em Encarnación, Paraguai, as estratégias de retomada do objeto direto anafórico (ODA) são sensíveis a fatores linguísticos como

animacidade, distância referencial e tipo de anáfora. Os falantes dessa variedade recorrem principalmente a três estratégias de retomada: o uso de clíticos, o apagamento do objeto direto e a retomada por meio de sintagmas nominais (SN).

A retomada por clítico é a estratégia mais recorrente entre os participantes do estudo, especialmente em contextos onde o antecedente é [+animado], a distância entre o antecedente e a anáfora é curta e há uma relação de anáfora direta. Isso mostra que, mesmo em um contexto bilíngue como o de Encarnación, foi preservado o traço típico da língua espanhola que é considerada uma língua de pronomes clíticos.

Por outro lado, o apagamento do objeto direto aparece com frequência em contextos com antecedentes [-animados], quando a distância referencial é curta e a continuidade tópica é alta. Essa estratégia nesse contexto, pode refletir a influência do guarani, indicando uma simplificação referencial semelhante à observada no português brasileiro.

A retomada por sintagma nominal, por sua vez, aparece principalmente quando há maior distância entre o antecedente e o elemento anafórico, ou quando se trata de uma anáfora indireta. Nessas situações, o SN funciona como um reforço referencial para evitar ambiguidades e garantir a clareza do discurso.

A análise dos dados coletados em Encarnación evidencia que, embora os pronomes clíticos de fato ocupem uma posição de destaque, sua predominância não é tão absoluta quanto sugere o modelo gramatical tradicional. Como observa Silva dos Santos (2021), a retomada por SN apareceu de maneira expressiva na gramática dos falantes de Encarnación sendo responsável por 22,2% do número total de ocorrências, revelando-se como uma estratégia produtiva e plenamente funcional (p. 127).

Vejamos um exemplo apresentado por Silva dos Santos (2021):

7) Heloise fue al mercado y compró **[levadura]** para hacer el pastel de chocolate. Al llegar a su casa, abrió **el paquete del mismo**, puso **el paquete de levadura** en la batidora y. *

Luego de eso, cerró ()

Luego de eso, lo cerró ()

Luego de eso, cerró el paquete de levadura (x)

(SILVA DOS SANTOS, 2021:122)

O exemplo (7) mostra que o antecedente *levadura*, apresenta o traço [-animado], uma característica que, conforme demonstrado nos estudos do autor, favorece predominantemente as estratégias de retomada por Sintagma Nominal (SN) ou por apagamento, em detrimento da retomada por clítico, mais comum com referentes [+animados].

Duas estratégias de retomada ocorrem em sequência: *el paquete del mismo* e *el paquete de levadura*. A primeira, é um caso de retomada anafórica indireta, em que o pronome “mismo” tenta retomar *levadura* de forma mais econômica. Contudo, como aponta Silva dos Santos (2021), pronomes anafóricos como *mismo* podem gerar ambiguidade referencial, sobretudo em contextos em que o referente não está imediatamente acessível ou quando há outros possíveis referentes no discurso. Isso pode tornar o processamento mais custoso cognitivamente e prejudicar a clareza da coesão referencial.

Em contraste, a expressão *el paquete de levadura* representa uma retomada por SN explícita, mais clara e direta, cuja função é garantir a acessibilidade referencial ao antecedente. Essa estratégia mostra que falantes diante de antecedentes [-animados], frequentemente optam pela repetição do SN, especialmente quando há necessidade de reforçar a continuidade referencial e evitar ambiguidade mesmo em contextos de curta distância entre o antecedente e a retomada.

Portanto, a análise desse exemplo confirma as observações de Silva dos Santos (2021): para antecedentes [-animados], como *levadura*, a retomada por SN é uma estratégia preferencial e produtiva, enquanto formas mais econômicas, como o uso de pronomes como “mismo”, podem ser menos eficazes em termos de clareza e processamento discursivo. Essa escolha estratégica evidencia a importância da interação entre traço de animacidade, tipo de anáfora e distância textual na organização da coesão referencial nos discursos narrativos.

Assim como nos estudos de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) destaca os traços linguísticos como elementos relevantes no processo de retomada anafórica, especialmente quando se opta pela repetição do Sintagma Nominal (SN).

Silva dos Santos (2021) explica que a definitude se refere à capacidade de um elemento do discurso ser identificado de maneira única e conhecida pelos interlocutores, enquanto a especificidade está relacionada ao grau em que um referente é individualizado dentro de um conjunto possível. Esses traços, segundo Silva dos Santos (2021), influenciam diretamente a escolha da forma de retomada do objeto direto anafórico.

De acordo com Silva dos Santos (2021), no caso da retomada por repetição do SN, ela tende a ocorrer em contextos nos quais há uma maior distância entre o antecedente e o ponto de retomada ou quando o referente é [-animado]. A repetição do SN permite reintroduzir de

maneira clara o referente no discurso, especialmente quando este apresenta traços [+definido, +específico]. Em situações em que a referência anterior não está imediatamente disponível na memória do interlocutor ou quando há risco de ambiguidade, a repetição do SN torna-se uma estratégia eficiente para manter a coesão textual e garantir a recuperação do referente com precisão.

Vejamos um exemplo apresentado por Silva dos Santos (2021):

8) Las clases iban a empezar y Marcell se dio cuenta de que no tenía **[cuadernos]** y necesitaba comprar**los**, fue a la papelería y le pidió al dependiente **los cuadernos de Frida y Quijote** que le ayudó. Marcell recogió **Ø** de la estantería., se **los** llevó a la cajera, pagó los **cuadernos**, la cajera empaquetó **los productos de la chica**.

(SILVA DOS SANTOS, 2021:127)

Além disso, Silva dos Santos (2021) aponta que, em contextos de anáfora indireta, a retomada por SN se torna ainda mais relevante, pois o elo entre o antecedente e o elemento anafórico não é estabelecido por identidade total, mas por associação semântica. Nesse tipo de estrutura, a presença dos traços de definitude e especificidade reforça a necessidade de explicitação referencial para assegurar a continuidade temática e a compreensão do discurso.

Vejamos outro exemplo apresentado por Silva dos Santos (2021):

9) Caminando por la feria, Raúl Fernández vio **[a un gatito blanco y negro]** con el que se encariñó al instante. Decidió llevar **a su más nueva mascota** a su casa.

(SILVA DOS SANTOS, 2021:122)

No exemplo (9), de acordo com a análise do autor, o SN *a un gatito blanco y negro*, introduzido com o artigo indefinido *un*, apresenta os traços [-definido, +específico]. Embora o referente não seja conhecido pelo interlocutor no momento da introdução, o que caracteriza sua indefinição, trata-se de um indivíduo específico no universo mental do falante, um único *gatito* que Raúl viu e com quem criou um vínculo afetivo. Esse tipo de estrutura é frequente em narrativas e se alinha ao que Silva dos Santos (2021) descreve como referentes

específicos não-definidos, geralmente utilizados para introduzir novos participantes no discurso.

A retomada ocorre por meio da expressão *su más nueva mascota*, um SN que não repete diretamente o termo "gatito", mas o substitui de forma associativa. Essa substituição configura uma anáfora indireta, uma vez que não há correspondência léxica plena entre os dois SNs, mas sim uma relação inferencial baseada em conhecimento de mundo: espera-se que o *gatito*, uma vez levado para casa, seja considerado uma *mascota*. Segundo o autor, anáforas indiretas são comuns quando o referente retomado não mantém identidade semântica exata com o antecedente, mas está semanticamente relacionado a ele.

Além disso, o SN retomado carrega os traços [+definido, +específico], expresso pelo pronome possessivo *su*, que confere ao termo uma marca de individualização e identificabilidade. Tais traços, de acordo com o autor, favorecem a retomada por SN em contextos de maior complexidade inferencial, pois garantem clareza e acessibilidade referencial ao leitor ou ouvinte. A definitude reforça que se trata de uma entidade conhecida no discurso já mencionada, enquanto a especificidade individualiza essa entidade como distinta das demais.

Esse é um exemplo de como os traços de definitude e especificidade, aliados à estrutura de anáfora indireta, parecem guiar a seleção da estratégia de retomada por SN. Esse fenômeno confirma as observações de Silva dos Santos (2021) sobre o papel desses traços na manutenção da coesão e da continuidade referencial no discurso.

Já no estudo de Puertas (2023), a autora dedica-se a estudar uma estratégia de retomada do objeto direto anafórico que, embora documentada, tem sido pouco explorada em profundidade nos estudos descritivos da língua espanhola: a retomada por repetição do sintagma nominal (SN). A pesquisa, ao comparar as variedades de Santander e Santiago do Chile, evidencia que essa estratégia, muitas vezes tratada como periférica ou secundária pela gramática normativa, assume um papel de relevância nas práticas efetivas de uso dessas comunidades linguísticas.

Embora o uso de pronomes clíticos permaneça como a estratégia mais recorrente nas duas variedades, os dados apontam para uma presença robusta da retomada por SN, particularmente na variedade americana. Conforme detalha Puertas (2023), essa estratégia ocupa a segunda posição em frequência tanto em Santander quanto em Santiago, o que indica que seu uso não pode ser considerado marginal ou ocasional, mas sim uma escolha recorrente e funcional no processo de organização referencial (p. 192).

Os resultados obtidos mostram que, no espanhol de Santiago do Chile, a incidência da retomada por SN é mais expressiva do que na variedade peninsular de Santander, sendo 34,2% na variedade chilena e 25% na variedade de Santander, o que leva a autora a refletir sobre possíveis dinâmicas sociolinguísticas e estruturais específicas da variedade americana.

Além da distribuição quantitativa, a autora se debruça sobre os fatores que motivam a seleção da retomada por SN. Sua análise revela que essa estratégia está frequentemente associada à ausência dos traços [+animado] e [+específico] no antecedente.

Vejamos um exemplo apresentado por Puertas (2023):

10) I.: no creo que he jugado como dos veces pero no no me llama la atención //o sea claro no es que no me llame la atención recibir **el premio** no me llama la atención jugar // claro ahora recibir **un premio multimillonario** a cualquiera cualquiera le interesaría.

(PUERTAS, 2023:238)

No exemplo (10), observamos que o antecedente *un premio* apresenta um referente [-animado]. Isso permite que o falante opte por uma retomada lexical em vez do uso de clíticos sem correr o risco de confusão ou ambiguidade que, muitas vezes, acomete referentes [+animados]. No que tange à especificidade, a retomada realizada por *un premio multimillonario* amplia a referência já introduzida por “un premio”.

Embora ambas as ocorrências utilizem o mesmo substantivo base, a inserção do adjetivo *multimillonario* incrementa a especificidade do elemento retomado. Essa modificação não apenas destaca uma característica particular do prêmio, mas também sinaliza que, no contexto discursivo, o falante deseja enfatizar uma qualidade diferenciada que torna o objeto da discussão mais identificável e marcadamente distinto de uma referência genérica. A estratégia adotada evidencia que, partindo de um antecedente [-animado] e relativamente genérico, o falante opta por uma retomada que incrementa sua especificidade por meio de uma modificação do adjetivo.

No entanto, nem todos os traços semânticos se comportam de forma convergente. O traço de definitude, por exemplo, segundo a autora, não demonstrou ser um fator decisivo para a escolha da estratégia. A análise dos dados sugere que esse traço apresenta uma distribuição bastante equilibrada entre [+definido] e [-definido], o que levou a autora a concluir que, “diferentemente da animacidade e da especificidade, a definitude não se

mostrou um elemento robusto na determinação da retomada por SN” (PUERTAS, 2023, p. 230).

Dado o exposto, os estudos de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) apresentam uma série de convergências teóricas, metodológicas e analíticas no que se refere à investigação das estratégias de retomada do objeto direto anafórico no espanhol falado em diferentes comunidades. Os estudos demonstram que as práticas linguísticas reais dos falantes não se restringem às prescrições tradicionais que priorizam o uso dos pronomes clíticos como principal recurso de retomada. As análises desenvolvidas pelos autores revelam, de forma consistente, que outras estratégias, especialmente a repetição do sintagma nominal (SN) e, em menor medida, o apagamento do objeto, são recorrentes e plenamente legitimadas nas variedades de espanhol estudadas.

3.3 Traços semânticos e noção de anáfora

Nesta seção, apresentamos os conceitos de definitude (Laca 1999), especificidade (Leonetti 1999) e anáfora direta e indireta (Fant 1985). Considerando o nosso aporte teórico, esses conceitos têm se mostrado produtivos nos estudos sobre o objeto direto anafórico, alguns estudos como os de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) adotam essas noções em sua pesquisa. Consideramos adotá-los em nosso estudo, porque permitem explicar a repetição do sintagma nominal em retomadas anafóricas como uma estratégia motivada, e não como simples redundância. Essas três noções articulam fatores discursivos, semântico-pragmáticos e formais que tornam produtiva a análise da repetição do SN em referência anafórica.

3.3.1 Traço de definitude

Laca (1999) postula que a definitude deve ser entendida como uma propriedade relacionada ao modo como um referente é introduzido, reconhecido e recuperado no discurso. A autora argumenta que a definitude não é apenas uma marca gramatical ligada ao uso de artigos, mas uma categoria mais ampla, cuja função principal é garantir que o falante e o ouvinte compartilhem o mesmo referente. Assim, um sintagma nominal é considerado definido quando o interlocutor consegue identificar a entidade mencionada e quando essa entidade é única dentro do contexto discursivo ou situacional.

Esta autora propõe que a classe sintático-semântica dos determinantes no espanhol antecede um nome comum e engloba, além de artigos, os pronomes demonstrativos, os possessivos, os quantificadores e também uma série restrita de elementos léxicos cuja semântica está denominada como identidade ou de quantidade como, por exemplo: *otro, diversos, diferentes, numerosos, innumerables*. O espanhol, com relação à definitude, se caracteriza por ser uma língua com a presença de determinantes, podendo esse determinante ser qualquer elemento já dito anteriormente. Segundo Laca (1999), os determinantes não podem constituir sozinhos expressões referenciais, por este motivo, a autora destaca que a ausência de determinantes no espanhol, principalmente no que se refere a artigos, ocorre com os nomes próprios, como podemos observar no exemplo abaixo:

11) Ha llegado (-DET) Manuel

(LACA, 1999:894)

Além disso, em espanhol até a referência genérica pede a presença do artigo, como no exemplo:

12) En esta zona abunda(n) {el oro/los lobos}.

(LACA, 1999:896)

No exemplo (12), a definitude se manifesta de maneiras distintas conforme o sintagma nominal selecionado. Quando se diz *el oro*, temos um sintagma definido no singular, no qual o artigo não aponta para uma ocorrência específica, mas para a substância como um todo. O ouro é tratado como um referente único, pressuposto como existente e reconhecível no contexto, o que confere ao sintagma um valor de definitude associado à identificabilidade e à unicidade. Não se fala de uma porção particular de ouro, mas do ouro existente na região, entendido como um elemento já acessível cognitivamente ao interlocutor.

Já em *los lobos*, embora também haja artigo definido, o referente não é singular e nem necessariamente delimitado. A definitude nesse caso não recai em um conjunto específico, mas em uma classe de indivíduos que o falante toma como conhecida no contexto. Quando se afirma que *abundan los lobos*, pressupomos que essa espécie é identificável naquela área, ainda que não estejam definidos quantos lobos ou quais indivíduos compõem esse grupo. A definitude, portanto, assume um valor genérico se referindo ao tipo de animal que ali habita e não a elementos particulares.

Assim, nas duas construções temos o traço [+definido], mas ela opera de formas diferentes. No caso de *el oro*, pela unicidade referencial da substância e no caso de *los lobos*, pelo reconhecimento da espécie como entidade existente e acessível no discurso.

Embora em muitas línguas o artigo definido seja a forma mais comum e visível, a definitude pode surgir por outros recursos linguísticos, como a ordem dos constituintes, a morfologia nominal, partículas, marcas de caso ou mesmo inferências contextuais. Laca (1999) destaca que o artigo não é o único meio de expressar definitude. Isso significa que o valor semântico e referencial da definitude não depende exclusivamente de um marcador formal, mas sim de como o discurso oferece pistas que permitam a identificação do referente pelo interlocutor.

Outro ponto importante, coerente com essa concepção discursiva de definitude, é que a identificabilidade do referente nem sempre depende de uma menção prévia explícita. Em muitos casos, o interlocutor recupera o referente por inferência associativa, isto é, por relações pragmáticas previsíveis entre entidades do mundo e do discurso. Assim, ainda que um item não tenha sido introduzido anteriormente, ele pode ser acessível porque é inferível a partir de outro elemento já estabelecido. Isso reforça a ideia de Laca (1999) de que a definitude opera como mecanismo de ancoragem no modelo mental compartilhado, o determinante definido não cria o referente, mas sinaliza que o falante o considera recuperável para o ouvinte.

Por fim, essas observações têm implicações diretas para a descrição do espanhol como língua com forte exigência de determinantes na estrutura do sintagma nominal. Enquanto nomes próprios tendem a dispensar artigo por já serem intrinsecamente identificáveis em muitos contextos, nomes comuns frequentemente demandam um determinante para orientar o modo de acesso ao referente. Assim, ao tratar a definitude como categoria ampla e não reduzida à simples morfologia do artigo, o quadro proposto por Laca (1999) permite explicar por que o espanhol recorre ao artigo mesmo em leituras genéricas e por que diferentes tipos de determinantes (demonstrativos, possessivos, quantificadores) modulam de maneira sistemática a interpretação referencial do sintagma nominal no discurso.

Consideramos o traço de definitude importante para nossa análise de dados, porque ela funciona como um marcador de que o referente é identificável e deve estar recuperável para o interlocutor a partir do contexto ou do conhecimento partilhado, e isso impacta diretamente a escolha pela repetição do SN em retomadas anafóricas. Quando o referente perde acessibilidade, repetir um SN definido ajuda a reativar e fixar o referente com mais segurança do que um pronome. Além disso, em anáforas indiretas, a definitude favorece a leitura de que

o referente é único ou esperado dentro do cenário introduzido, mostrando que a repetição do SN definido não é redundância, mas um recurso para garantir rastreabilidade e coerência na progressão referencial do texto.

3.3.2 Traço de especificidade

Consideramos relevante abordar a noção de especificidade em nossa dissertação pois esse traço se mostra relevante ao analisar a repetição do sintagma nominal em retomadas anafóricas porque permite descrever um aspecto que a definitude não cobre plenamente: o grau de compromisso do falante com um referente particular e discursivamente ancorado. Em muitas sequências textuais, o problema não é apenas se o referente é identificável (como sugere a definitude), mas se ele deve ser interpretado como “um indivíduo específico” mantendo-se estável ao longo da progressão referencial, ou como uma leitura mais vaga, genérica ou meramente existencial. Assim, a especificidade contribui para explicar porque a repetição do SN não é redundante, mas uma estratégia de controle semântico-pragmático que sustenta a coerência e a continuidade referencial no discurso.

Para abordar sobre a especificidade, baseamo-nos em Leonetti (1999). O autor postula que o traço de especificidade é independente do traço de definitude, já que a noção de especificidade pode ser atribuída a um elemento [+definido] ou [-definido]. Entretanto, ainda que não haja dependência entre os traços de definitude e especificidade, Leonetti (1999) propõe que existe uma tendência a que os sintagmas [-definidos] sejam também [-específicos] e a que os sintagmas [+definidos] sejam [+específicos]. A seguir apresentamos dois exemplos que representam exatamente essa tendência, além de confirmar a natureza independente desses traços.

13) a. Ana también quería ver {la/una} película.

b. Ana dice que quiere ver {la/una} película que elijamos nosotros.

Na frase (13a), o traço de definitude direciona o traço de especificidade, de maneira que, se temos *la película*, a interpretação do sintagma será [+específica] e, se temos *una película*, a interpretação será [-específica]. Em contrapartida, em (13b), a presença do determinante não dá conta da interpretação [-específica]. De acordo com o mesmo autor, a presença de uma relativa no subjuntivo é o que faz com que haja uma leitura [+específica] do sintagma, seja no caso de *la película* ou de *una película*.

Na frase (13b), podemos observar que relativa no modo subjuntivo funciona como uma descrição de propriedade cuja satisfação ainda depende de uma escolha futura, de uma condição ou de uma seleção não estabelecida, por exemplo, “Ana dice que quiere ver la película que elijamos nosotros” não pressupõe que já exista um filme específico identificado. Assim, mesmo quando há artigo definido, a interpretação pode se afastar de uma leitura estritamente referencial, aproximando-se de uma leitura menos específica. Por contraste, relativas no indicativo costumam produzir maior efeito de ancoragem, pois se aproximam de uma caracterização de um referente tomado como já estabilizado no universo discursivo.

A partir dos estudos de Leonetti (1999) e dado o exposto, o traço de especificidade mostra que a interpretação de um sintagma nominal não depende apenas da forma gramatical, mas também da intenção do falante e do contexto de comunicação. Tal traço permite distinguir casos em que o referente é conhecido, selecionado e mentalmente identificado pelo falante, daqueles em que ele é apenas uma opção genérica entre várias possíveis. Essa propriedade é essencial para explicar diferentes leituras de nomes indefinidos e para compreender fenômenos gramaticais em línguas como o espanhol, onde a marcação diferencial de objeto pode surgir justamente quando o referente é interpretado como específico. Assim, a especificidade não é um detalhe superficial, mas um traço que revela como a língua reflete escolhas cognitivas e discursivas do falante.

Por fim, essa discussão se conecta diretamente a fenômenos no espanhol, sobretudo à marcação diferencial de objeto (DOM). Em muitos casos, a presença do artigo *la* com objetos diretos humanos/animados, bem como certas estratégias de duplicação clítica e topicalização, correlaciona-se a leituras em que o objeto é interpretado como mais alto em proeminência discursiva, frequentemente associado à maior ancoragem e, portanto, à maior propensão de leituras específicas. Isso reforça a proposta de Leonetti (1999) de que a especificidade não pode ser reduzida a um simples efeito do determinante, pois emerge do encaixe entre escolhas morfossintáticas como determinantes, modo verbal, estrutura da relativa e fatores pragmático-discursivos como escopo, intenção do falante, acessibilidade do referente. Assim, manter a distinção entre definitude e especificidade é crucial para descrever com precisão como o espanhol codifica o processo de referência e como diferentes pistas gramaticais convergem para orientar a interpretação do sintagma nominal.

3.3.3 Tipos de anáfora

Consideramos abordar a classificação entre anáfora direta e anáfora indireta nesta dissertação porque ela permite delimitar com precisão que tipo de relação referencial está em jogo quando observamos a repetição do sintagma nominal na retomada. Tratar todas as retomadas como simples correferência apagaria uma diferença crucial: na anáfora direta, o referente é retomado a partir de um antecedente já introduzido explicitamente e, portanto, tende a estar mais acessível ao leitor, o que torna disponíveis estratégias mais econômicas (como pronomes ou elipse). Já na anáfora indireta, o referente não está previamente mencionado como tal, ele é recuperado por inferência e por relações associativas com um elemento do contexto. Nesse caso, a repetição ou o uso de um SN pleno frequentemente desempenha um papel decisivo para ancorar o novo referente, torná-lo identificável e estabilizá-lo no modelo discursivo. Assim, distinguir anáfora direta e indireta neste estudo é fundamental para explicar por que a repetição do SN pode ter motivações diferentes

Para abordar sobre os tipos de anáfora, baseamo-nos em Fant (1985). Em seus estudos sobre o processo anafórico na fala do espanhol de Madri aborda quais seriam os fatores influenciadores na forma que uma anáfora é selecionada pelo falante. Com relação à anáfora, o autor propõe que o valor anafórico é determinado pelos elementos do discurso e ele representa um determinado referente. Esse valor anafórico é classificado como não anafórico, anafórico indireto e anafórico direto.

Para Fant (1985), o valor não anafórico não apresenta antecedente no discurso, isto significa que esse elemento está sendo introduzido no discurso pela primeira vez. Já a anáfora direta se refere ao antecedente de maneira idêntica, ou seja, o antecedente e a anáfora representam o mesmo antecedente como está representado no exemplo (14) a seguir. Por fim, a anáfora indireta também se refere ao antecedente porém não retoma esse antecedente de forma idêntica, como podemos observar no exemplo (15).

14) [...] yo me voy a ir al teatro, a ver **una obra** [antecedente] que tengo verdaderas ganas de ver [...] (Inf. B) –Me han hablado muy bien de **la obra** [anáfora direta] [...] que hay gente que no le gusta [Ø] [anáfora direta] [...]

15) [...] yo hoy he leído simplemente en, en **el extra** [antecedente] que hay los sábados en **el periódico** [anáfora indireta], no me ha dado tiempo a leer

el... todo **el artículo** [anáfora indireta] pero simplemente he visto **los titulares**[anáfora indireta] [...]

(FANT, 1985:8)

No exemplo (14), o falante menciona pela primeira vez o antecedente *una obra* e depois retoma com o SN *la obra* que é idêntico ao antecedente, logo, essa associação direta entre esses dois termos, é considerada uma anáfora direta. Já no exemplo (15), o falante menciona pela primeira vez o antecedente *el extra* e depois retoma esse antecedente usando o termo *el periódico* que é diferente e não possui uma relação de identidade total com o termo anterior, logo, o autor considera como uma anáfora indireta.

A partir dos estudos de Fant (1985) sobre os tipos de anáfora, e de alguns autores citados anteriormente na seção 3.2 como Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023), a anáfora indireta ocorreu em maior quantidade com SNs em posição de objeto direto. Devido aos resultados encontrados nos estudos em que nos baseamos, consideramos que a repetição do SN predominaria com maior frequência com o tipo de anáfora indireta pois o SN possui uma maior carga informacional e alto nível enfático. O autor em seus estudos relacionados à variedade de Madri, identificou que em relação às anáforas indiretas, no que diz respeito à posição de objeto direto, houve um alto índice de ocorrências por SN em comparação com os pronomes átonos.

Ampliando um pouco a discussão sobre a anáfora, um aspecto central na proposta de Fant (1985) é que a seleção de uma forma anafórica não é aleatória, mas sensível ao grau de acessibilidade do referente no discurso. Quanto mais ativo e facilmente recuperável estiver o antecedente na memória discursiva do interlocutor, maior a tendência de o falante empregar formas menos informativas como pronomes clíticos ou até mesmo o objeto nulo. Em contrapartida, quando há risco de ambiguidade, quando o antecedente está distante no encadeamento conversacional, ou quando múltiplos candidatos competem pela retomada, o falante tende a escolher expressões com uma carga informacional maior, como sintagmas nominais para garantir a identificação do referente. Dessa forma, a escolha entre clíticos, objeto nulo ou SN pode ser vista como uma estratégia de gerenciamento do discurso, em que o falante ajusta a quantidade de material linguístico para manter a referência clara e estável.

Nesse sentido, a anáfora indireta descrita por Fant (1985) se aproxima de processos inferenciais nos quais o referente retomado não coincide formalmente com o antecedente, mas se torna recuperável por uma relação associativa. No exemplo (15), a mudança do antecedente *el extra* para *el periódico*, *el artículo* e *los titulares* ilustra uma rede de

associações em torno de um mesmo domínio (jornal), que permite ao ouvinte reconstruir o encadeamento referencial mesmo sem identidade lexical. Esse tipo de retomada tende a exigir maior apoio linguístico porque depende menos de repetição e mais de conhecimento compartilhado e inferências contextuais, por isso, é esperado que ocorram com frequência maior SNs plenos, que explicitam o vínculo semântico necessário para que a referência seja bem-sucedida.

Por fim, nos estudos mencionados no começo desta dissertação, os resultados sobre anáfora apontam para uma correlação consistente entre tipo de anáfora e acessibilidade do referente e a estratégia escolhida para a retomada. Na síntese do estudo de Fant (1985) sobre o espanhol de Madri, observa-se que, no conjunto dos dados, houve predomínio de anáfora direta, além disso, quando se cruza a realização anafórica com a função sintática, a posição de sujeito tende a concentrar apagamento e anáfora direta, enquanto, na posição de objeto, cresce a presença de retomadas por sintagma nominal, associadas com mais frequência à anáfora indireta

Em Oliveira (2019), o foco recai sobre relações anafóricas em que antecedente e retomada aparecem como objeto direto anafórico (ODA). O resultado central, do ponto de vista da anáfora, é que as hipóteses se confirmam: quando a relação anafórica envolve maior proximidade entre antecedente e elemento anafórico, há tendência de retomada por clítico; quando a distância aumenta, cresce a retomada por SN. A autora também registra que, no conjunto do material analisado, houve alta incidência de retomadas em distâncias curtas, isto é, contextos de maior acessibilidade do antecedente.

Já em Silva dos Santos (2021), além de distância e animacidade, a própria configuração anafórica entra como variável, o estudo parte de hipóteses em que anáfora direta favorece apagamento e retomada por clítico, enquanto a anáfora indireta licencia a retomada por SN e os resultados relatados no resumo indicam que as hipóteses iniciais foram confirmadas, com alta incidência de clíticos e presença relevante de SN especialmente em contextos de curta distância.

Por fim, Puertas (2023), ao analisar a retomada anafórica do ODA em duas variedades Santander e Santiago do Chile, confirma e reforça uma conclusão que ela também atribui aos estudos descritivos recentes de Oliveira (2019) e Silva dos Santos (2021): a estratégia de retomada por repetição de SN é produtiva e aparece como a segunda estratégia mais frequente, ficando atrás apenas da retomada por clítico. Além disso, olhando a categoria SN usada anaforicamente, Puertas aponta que os falantes tendem a preferir SNs morfossintaticamente mais simples, sem especificador/modificador.

Dessa forma, os dados de Fant (1985) contribuem para mostrar que o processo anafórico envolve um equilíbrio entre economia que pode estar presente em formas reduzidas quando o referente é altamente acessível e clareza/ênfase que está presente em formas plenas quando a recuperação depende de associação e inferência.

CAPÍTULO 4: ESPANHOL CARIBENHO

Neste capítulo, tratamos do espanhol caribenho, com foco na variedade de Havana, buscando articular aspectos históricos, geográficos e linguísticos que explicam sua configuração atual. Apresentamos inicialmente o contexto de formação dessa variedade, marcado pela marginalidade colonial das Antilhas e pelo intenso contato afro-hispânico, que favoreceram a emergência de traços. Em seguida, discutimos os estudos de Gutiérrez Maté (2010; 2013), Ortiz López (2016), e de Cruz (2018) que destacam fenômenos como o uso quase obrigatório de pronomes sujeitos, a presença de pronomes expletivos e construções características da fala cubana, tais como interrogativas sem inversão e negativas reforçadas. Por fim, situamos nossa pesquisa no interior desse quadro, ao propor o levantamento das estratégias de retomada do objeto direto na variedade de Havana⁵ e a análise do papel da definitude e da especificidade nesse processo, com o objetivo de contribuir para uma descrição mais abrangente da sintaxe e do funcionamento discursivo dessa variedade.

4.1 O Espanhol Caribenho: Panorama Geral

Ao nos dedicarmos ao estudo do espanhol caribenho, reconhecemos, em primeiro lugar, as dificuldades próprias de sua definição. Trata-se de uma variedade que desperta interesse tanto por seus traços fonéticos e morfossintáticos particulares quanto pela sua história social marcada pela marginalidade e pelo contato cultural. O termo *espanhol do Caribe* tem sido empregado de maneira recorrente, mas sua delimitação não está isenta de ambiguidades. Como postula Gutiérrez Maté (2013, p. xiii), “las dificultades con las que se encuentra el concepto de “español del Caribe” [...] no son muy distintos de los que surgen con otras denominaciones de carácter en principio geográfico como la de “español andino”, “español centroamericano”, “español del cono sur””. Mais do que um bloco uniforme, estamos diante de um conjunto de variedades regionais que compartilham certas características, ao mesmo tempo em que apresentam ampla diversidade interna.

Gutiérrez Maté (2013) afirma que a amplitude geográfica dessa variedade nos faz considerar tanto as Antilhas hispânicas: Cuba, República Dominicana e Porto Rico, como também as áreas continentais que se projetam sobre o mar do Caribe. O autor nos lembra que uma definição funcional e abrangente seria a de “aquella variedad o conjunto de variedades

⁵ Até onde pudemos verificar, não encontramos estudos que tratem especificamente do tema aqui proposto, o que reforça o caráter exploratório desta pesquisa.

que se hablan en la cuenca del mar Caribe” (GUTIÉRREZ MATÉ, 2013, p. xvi). No entanto, a realidade linguística da região demonstra que não basta nos atermos apenas ao critério geográfico. Certas zonas externas à bacia caribenha, mas que partilham processos históricos semelhantes, devem ser igualmente incluídas na análise. Nesse sentido, se destacam as terras baixas do Pacífico colombiano, cuja história de contato afro-hispânico as aproxima das variedades caribenhas, o que permite sua inclusão no conjunto, o autor afirma que:

“Un área no estrictamente caribeña, que, en virtud de una situación de contacto afro-hispánico semejante en intensidad y cronología a la de otras zonas del Caribe, permite su adscripción a este grupo, está constituido por las tierras bajas del occidente colombiano, la costa del Pacífico” (GUTIÉRREZ MATÉ, 2013, p. 35).⁶

De acordo com o autor, do ponto de vista histórico, precisamos considerar que o Caribe foi a primeira região da América a receber colonizadores espanhóis. Foi ali, no final do século XV e nas primeiras décadas do século XVI, que o espanhol se implantou como língua de administração, catequese e vida cotidiana. Contudo, essa centralidade inicial não perdurou. No decorrer do período colonial, as Antilhas hispânicas perderam espaço frente a outros territórios, como os vice-reinados da Nova Espanha e do Peru, se convertendo em áreas secundárias dentro da estrutura administrativa da monarquia. Como aponta Gutiérrez Maté (2010, p. 855), “las tantas veces mencionada “marginalidad” de las Antillas españolas durante el período colonial [...] llevó en algunos momentos a una despoblación parcial de las islas”. Essa marginalidade contribuiu para que a região se tornasse um território particularmente aberto às influências externas, menos submetido às pressões normalizadoras que atuaram em outros espaços do mundo hispânico.

A despovoação parcial das ilhas foi compensada, em diferentes momentos, pela introdução massiva de população africana escravizada. Essa presença não foi apenas quantitativa, mas qualitativamente determinante para a constituição social e cultural da região. Ao longo do período colonial, a convivência entre o espanhol e línguas africanas, assim como a emergência de crioulos afro-hispânicos, configurou um quadro de intenso contato.

⁶ Tradução nossa: Uma área não estritamente caribenha que, em virtude de uma situação de contato afro-hispânico semelhante, em intensidade e cronologia, à de outras zonas do Caribe, permite sua vinculação a esse grupo é constituída pelas terras baixas do oeste colombiano, a costa do Pacífico.

Esse cenário diferenciou o Caribe de outras áreas hispânicas e teve consequências visíveis na estrutura e no uso do espanhol local. Gutiérrez Maté (2010) reconhece que essa situação poderia ter contribuído para deixar mais livres as tendências de mudança da língua e, ao mesmo tempo, “poderia ter favorecido direções especiais nessas mudanças” (GUTIÉRREZ MATÉ, 2010, p. 855).

Quando o autor comenta que esse cenário caribenho “poderia ter contribuído para deixar mais livres as tendências de mudança da língua” e, ao mesmo tempo, “poderia ter favorecido direções especiais nessas mudanças”, ele está retomando uma interpretação de Morales (1999) sobre como a história sociográfica das Antilhas espanholas, a marginalidade colonial, momentos de despovoamento e recomposição demográfica com forte entrada de população africana escravizada cria duas condições que, juntas, moldam o rumo da mudança linguística, isto é, para caminhos que façam sentido num ambiente de contato no caso discutido por ele, a ideia é que, se muitas dessas línguas em contato eram ou são assumidas como línguas com pronome sujeito obrigatório, isso poderia favorecer um espanhol local com maior explicitação de pronomes sujeitos e outras reconfigurações correlatas, em vez de um simples aumento genérico de mudança.

Gutiérrez Maté (2010) propõe que ao introduzirmos o estudo do espanhol caribenho, precisamos levar em consideração três dimensões fundamentais. Em primeiro lugar, sua difícil delimitação conceitual, que exige tratar o “caribenho” como um conjunto de variedades inter-relacionadas. Em segundo lugar, sua base geográfica, que inclui tanto o espaço insular quanto áreas continentais historicamente ligadas à região. Por fim, sua história particular, marcada pela marginalidade colonial e pela intensa presença africana, fatores que explicam a evolução de uma das variedades mais singulares e reconhecíveis do espanhol americano.

Dando continuidade à descrição do que seria o espanhol caribenho, nos baseamos nos estudos de Ortiz López (2016). O autor postula que o espanhol caribenho antilhano é o resultado direto da história muito particular do Caribe insular. O Caribe, sobretudo a República Dominicana e Haiti, foi a primeira área de colonização espanhola nas Américas, desde 1492. Ali se instalaram rapidamente Cristóvão Colombo e os colonizadores, levando diferentes dialetos peninsulares, entre eles o canário.

Ainda de acordo com Ortiz López (2016), ao longo dos séculos, somaram a essa base outros fatores históricos, políticos e sociais, entre esses fatores temos: lutas de independência, invasões e intervenções (especialmente dos Estados Unidos) e movimentos migratórios

constantes. Tudo isso contribuiu para a formação do que a dialetologia moderna chama de Espanhol do Caribe Antilhano (ECA).

Ortiz López (2016) sugere também que variedade apresenta características fonológicas, morfossintáticas e léxico-semânticas próprias, é uma variedade regional (diatópica), atravessada por diferenças de grupo social (diastráticas) e de estilo de fala (diafásicas), ocupando um lugar específico dentro do conjunto do espanhol americano. Essas características permitem traçar fronteiras dialetais dentro e fora da área caribenha.

Para enriquecer nossa discussão em relação à nomenclatura dessa variedade, também nos debruçamos sobre o texto de Cruz (2018). A autora afirma que há necessidade de compreender sua definição e delimitação geográfica. Cruz (2018, p. 34) observa que é revelador o fato de que todas as zonas de definição sobre o espanhol da América se situem nas três ilhas das Antilhas (Cuba, Porto Rico e República Dominicana). Alguns estudiosos consideram a zona do espanhol caribenho como a mais compacta e uniforme das zonas.

A região caribenha, segundo a autora, está localizada ao sudeste do Golfo do México e da América do Norte, ao leste da América Central e ao norte da América do sul (CRUZ, 2018, p. 34). Além disso, ela recorda que o Caribe é formado por um conjunto amplo de países e territórios: “Antígua e Barbuda, Aruba, Bahamas, Barbados, Cuba, Dominica, Granada, Guadalupe, Haiti, Ilhas Caimão, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens, Jamaica, Martinica, Porto Rico, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago” (CRUZ, 2018, p. 34). A diversidade linguística também se evidencia, já que, além do espanhol, se fala na região francês, inglês, holandês e várias línguas crioulas.

Do ponto de vista dialetal, a autora destaca que o espanhol caribenho envolve “as Antilhas, Venezuela (excluindo a Cordilheira), parte da Colômbia e da América Central” (RONA, 1964 apud CRUZ, 2018, p. 35). Essa divisão contempla o Caribe Insular e o Caribe Continental, ainda que, para fins de sua análise, a pesquisadora opte por se concentrar apenas no primeiro, uma vez que é nessa região onde se observam as principais diferenças sintáticas com relação às demais variedades do espanhol (CRUZ, 2018, p. 35).

Historicamente, o Caribe recebeu influências indígenas e africanas na constituição de seus idiomas oficiais. Contudo, Cruz (2018) em sua dissertação, privilegia a influência africana. Ela explica que a incorporação da mão-de-obra escrava africana pode ter influenciado a marginalidade do espanhol nas Antilhas e que essa hipótese tem sido frequentemente usada para explicar a mudança linguística no sujeito nulo do espanhol caribenho (CRUZ, 2018, p. 36).

Portanto, de acordo com Cruz (2018) a conformação histórica do espanhol caribenho se explica pela interação de múltiplos fatores: sua centralidade inicial no processo colonizador, a posterior marginalidade das Antilhas no período colonial, a introdução maciça de populações africanas. Esses elementos foram determinantes na constituição de uma variedade que, embora compartilhe características com o espanhol de outras regiões, mantém traços próprios que a distinguem dentro do universo hispânico.

Identificamos importantes pontos de convergência entre as reflexões de Gutiérrez Maté (2010; 2013), Ortiz López (2016) e Cruz (2018). Em primeiro lugar, os autores destacam a amplitude geográfica da variedade, que não se restringe às Antilhas hispânicas, mas abrange também territórios continentais. Como explica Cruz (2018, p. 35), o espanhol do Caribe em geral, abraça regiões como as Antilhas, Venezuela (excluindo a Cordilheira), parte da Colômbia e da América Central, enquanto Gutiérrez Maté (2013, p. xvi) define a variedade como aquela variedade ou conjunto de variedades que se falam na bacia do mar do Caribe.

Outro ponto em comum é a ênfase na marginalidade colonial como elemento explicativo para a evolução linguística da região. Cruz (2018, p. 36) a partir de uma hipótese retomada por Gutiérrez Maté (2013) atribuída originalmente por Morales (1999) destaca que a incorporação de mão de obra africana pode ter influenciado a marginalidade do espanhol nas Antilhas, e Gutiérrez Maté (2010, p. 855) afirma que “a tantas vezes mencionada ‘marginalidade’ das Antilhas espanholas durante o período colonial [...] levou em alguns momentos a uma despovoação parcial das ilhas”.

A questão do contato afro-hispânico também é relevante na visão dos dois autores. Cruz (2018, p. 37) observa que o tráfico de escravos entre os séculos XVI e XVIII gerou bilinguismo entre o espanhol e as línguas africanas, especialmente no Caribe, enquanto Gutiérrez Maté (2010, p. 855) assinala que essa situação poderia ter contribuído para deixar mais livres as tendências de mudança da língua e ainda poderia ter favorecido direções especiais nessas mudanças.

No âmbito da caracterização linguística, ambos autores coincidem em ressaltar o uso quase obrigatório dos pronomes pessoais sujeito como traço distintivo da variedade. Cruz (2018, p. 14) afirma que o uso quase obrigatório de pronomes pessoais em função de sujeito [...] poderia levar esta variedade regional a perder o padrão de língua pro-drop da tradição gerativista, enquanto Gutiérrez Maté (2013, p. xiii) enfatiza que se trata de um aspecto que singulariza a sintaxe caribenha.

Ortiz López (2016) informa que o espanhol caribenho se forma num contexto de colonização precoce, com forte presença de populações indígenas, posterior chegada massiva

de africanos escravizados e dinâmicas de marginalidade político-econômica em relação a outros espaços centrais do império. Cruz (2018) e Gutiérrez Maté (2013) retomam exatamente essa ideia de marginalidade colonial como chave interpretativa: a inserção tardia ou periférica nas redes coloniais, a despovoação parcial das ilhas e o peso da mão de obra africana são entendidos como fatores que contribuíram para que o espanhol da região se desenvolvesse com maior liberdade em relação a modelos peninsulares, abrindo espaço para tendências especiais de mudança. Em outros termos, os autores compartilham a visão de que não se trata apenas de um dialeto regional qualquer, mas de uma variedade cuja história social, marcada por dependência e marginalidade, deixou marcas estruturais na língua.

Ainda sobre o contexto do espanhol caribenho, Alba (1992) descreve, vários estudos sobre as Grandes Antilhas de colonização espanhola (como Cuba, Porto Rico e República Dominicana) apontam para um conjunto de semelhanças linguísticas tão recorrentes que faria sentido tratar o espanhol do Caribe como um bloco dialetal relativamente coerente. A ideia de homogeneidade, nesse contexto, não significa que toda a região fale exatamente do mesmo jeito, nem que diferenças locais sejam irrelevantes. O que o autor sugere é que a percepção de que certas características aparecem de forma sistemática e atravessam fronteiras nacionais, criando um perfil reconhecível quando se compara o Caribe hispânico a outras áreas hispanofalantes. O autor afirma que:

“Cuando los estudios dialectales de conjunto destacan la unidad lingüística antillana, se apoyan en consideración global de determinados hechos, como el debilitamiento consonántico o la presencia de elementos léxicos de origen marinero, indígena, africano. Suponen que tales procesos están presentes en las tres islas con la misma proporción y que el vocabulario arcaico, indígena, etc., está integrado por las mismas unidades.” (ALBA, 1992, p. 567).⁷

Quando se fala em uma entidade dialetal caribenha, geralmente estão se referindo a padrões que se repetem em vários níveis da língua. No plano fonético-fonológico, por exemplo, de acordo com Alba (1992), muitos trabalhos associam o Caribe a tendências de enfraquecimento ou redução de consoantes em certos contextos, além de uma cadência e entoação. No plano morfossintático e discursivo, também podem ser discutidas escolhas de pronomes, estratégias de organização da informação na fala, preferências estilísticas e

⁷ Tradução nossa: Quando os estudos dialetais de conjunto destacam a unidade linguística antilhana, apoiam-se na consideração global de determinados fatos, como o enfraquecimento consonantal ou a presença de elementos lexicais de origem marítima, indígena e africana. Supõem que tais processos estão presentes nas três ilhas na mesma proporção e que o vocabulário arcaico, indígena etc. é integrado pelas mesmas unidades.

recursos pragmáticos que se tornam frequentes em situações de comunicação cotidiana. O autor, ao destacar a homogeneidade apontada por outros pesquisadores, chama atenção para o fato de que essas convergências não são pontuais, elas se acumulam e, somadas, sustentam a ideia de um tipo caribenho de espanhol.

Ao mesmo tempo, desenvolver essa noção exige reconhecer que qualquer rótulo dialetal é uma generalização. Os estudos de Alba (1992) mostram que mesmo que haja traços compartilhados, isso não apaga a variação interna, diferenças entre áreas urbanas e rurais, entre classes sociais, entre gerações, entre estilos de fala e entre situações comunicativas. Além disso, a história específica de cada ilha: migrações, contatos com outras línguas, políticas educacionais, prestígio social de certas formas, tende a produzir particularidades. Portanto, falar em espanhol do Caribe pode ser útil como categoria comparativa para identificar o que frequentemente se repete, mas não deve virar uma etiqueta rígida que faça as variedades locais parecerem todas iguais.

Um ponto importante, coerente com o que essa discussão sugere, é que, de acordo com Alba (1992) a homogeneidade percebida pode ter explicações históricas e sociolinguísticas. Regiões com trajetórias de colonização, rotas comerciais e redes culturais semelhantes podem acabar consolidando padrões próximos, ainda mais quando há circulação constante de pessoas, música, rádio, televisão e internet. Isso favorece a difusão de estilos e formas linguísticas entre variedades. Nesse sentido, a proposta de uma unidade dialetal não é apenas uma descrição abstrata, ela aponta para processos sociais que aproximam comunidades e para mecanismos de contato e difusão linguística.

Alba (1992) apresenta e valoriza uma posição recorrente na literatura, as Grandes Antilhas espanholas mostram tantas convergências que justificam, com certo cuidado, falar do espanhol do Caribe como um conjunto. Mas essa unidade é melhor vista como um perfil predominante, não como uma uniformidade total. O ganho da categoria é permitir comparações e identificar tendências comuns, o risco é esquecer que, dentro desse Caribe, existem muitas vozes, identidades e maneiras de falar que variam conforme história, lugar e contexto social.

A homogeneidade linguística dessa região costuma ser sustentada por traços fonéticos recorrentes como o enfraquecimento consonantal em final de sílaba, especialmente a erosão de /s/, além de outros processos e também por alguns pontos morfossintáticos e lexicais. Alba (1992) salienta que:

“Las descripciones dialectales no cuantitativas señalan como rasgos unificadores en el nivel fonético, por ejemplo, la tendencia radical del consonantismo posnuclear, ejemplificada principalmente con el desgaste de la /s/, la posteriorización de la /n/, y la neutralización de las líquidas /l/ y /r/. En el campo morfosintáctico se citan fenómenos como la presencia del pronombre antepuesto a infinitivos (“al yo salir”) y al verbo en oraciones interrogativas (“¿cómo tú estás?”). Con respecto al léxico es constante la referencia al uso de arcaísmo, afronegrismo, indigenismo, anglicismos.” (ALBA, 1992, p. 525).⁸

O autor porém, contrapõe essa impressão de uniformidade ao modo como os próprios falantes caribenhos percebem a língua, cubanos, dominicanos e porto-riquenhos tendem a considerar seus falares inconfundíveis, e inclusive os meios de comunicação usam certos traços como “índices” para identificar a origem nacional de quem fala. O autor comenta que quem observa “de fora” tende a ver o conjunto e valorizar semelhanças, enquanto quem está “dentro” percebe com mais nitidez as diferenças que circulam no contato cotidiano. Alba (1992) chega a um ponto teórico decisivo, nomes como “espanhol do Caribe”, “antillano”, “dominicano” etc. são abstrações, construções intelectuais úteis, mas que não garantem por si só a homogeneidade linguística necessária para falarmos de unidades autênticas.

Dado esse ponto, é nesse momento que tratamos da questão territorial. Para Alba (1992), a questão não é apenas o Caribe como rótulo amplo, mas o Caribe hispânico insular dentro das fronteiras de um espaço relativamente pequeno (as três grandes Antilhas), faz sentido tratá-lo como uma unidade dialetal verdadeira ou, ao contrário, coexistem modalidades diferentes no interior desse território? Ao discutir a história dessa variedade caribenha, o autor não reconstrói uma narrativa de colonização em detalhe, mas faz uma história dos estudos e de como se formou a ideia de unidade.

A partir dos anos 1970, segundo o autor, começam a surgir trabalhos com metodologias mais comparáveis e quantitativas, capazes de oferecer bases mais objetivas para testar a tese da homogeneidade. Quando esse tipo de comparação é feito, as diferenças aparecem em vários níveis: há contrastes fonéticos de frequência e também qualitativos, e ele lembra ainda que, no plano sintático, o espanhol porto-riquenho pode exibir estruturas “anglicadas” em função da situação particular de contato com o inglês. Assim, a territorialidade não é só “três

⁸ Tradução nossa: As descrições dialetais não quantitativas apontam como traços unificadores, no nível fonético, por exemplo, a tendência radical do consonantismo pós-nuclear, exemplificada principalmente pelo enfraquecimento da /s/, pela posteriorização da /n/ e pela neutralização das líquidas /l/ e /r/. No campo morfosintático, citam-se fenômenos como a presença do pronome anteposto a infinitivos (“*al yo salir*”) e ao verbo em orações interrogativas (“¿cómo tú estás?”).

ilhas no mesmo mapa”, mas um território em que cada ilha funciona como polo diatópico e, dentro de cada polo, ainda existem subdivisões locais e sociais.

Alba (1992) critica o fato de que muitos estudos e dicionários terem enfatizado o volume da contribuição aborígene ou africana sem considerar a vitalidade real das palavras, misturando termos usados no presente com “fósseis” desconhecidos pela comunidade e criando, assim, uma imagem deformada da realidade linguística. No caso dos afronegrismos, o autor é explícito ao dizer que muitos autores teriam “competido” para reunir o maior número possível de palavras sem checar suficientemente nem a vigência nem, às vezes, a própria procedência etimológica.

Baseando-nos em Alba (1992), o autor discute que quando se observam dados de vigência (norma efetiva), a presença africana no léxico antilhano aparece como menos visível do que a indígena e, além disso, com um índice de mortandade mais elevado. Em consequência, os afronegrismos tendem a funcionar mais como elemento fracionador entre as ilhas do que como laço de unidade, já que uma parte importante do que permanece é privativa de cada país.

O estudo proposto por Alba (1992), portanto, vai contra a ideia de um “espanhol caribenho insular” plenamente homogêneo, com base nas análises quantitativas disponíveis, ele afirma que a região insular do Caribe hispânico não apresenta a homogeneidade necessária para ser tratada como uma entidade dialetal única, e que há sinais disso em diferentes níveis de análise.

Enquanto as classificações dialetais frequentemente reúnem as grandes Antilhas sob um mesmo rótulo, Alba (1992) chama atenção para o fato de que os próprios cubanos, dominicanos e porto-riquenhos tendem a perceber suas variedades como facilmente reconhecíveis e socialmente marcadas, a ponto de certos traços circularem publicamente como sinais de procedência e identidade, isso revela que a suposta uniformidade pode ser, em parte, um efeito de abstração analítica que apaga contrastes vividos no uso.

O autor apresenta contrastes fonéticos bem nítidos entre San Juan (Porto Rico) e Santiago (República Dominicana) que funcionam como bons candidatos a marcadores percebidos. Sobre o /s/ em coda em Santiago a eliminação de /s/ em posição interna de palavra aparece como muito mais frequente (61%) do que em San Juan (11,6%). Sobre o /r/ em coda, em San Juan há uma proporção alta da variante lateral de /r/ (34,6%), enquanto em Santiago ela é bem baixa (5%), já a eliminação de /r/ é bem mais alta em Santiago (28%) do que em San Juan (5,6%). (ALBA 1992, p. 528).

Em convergência, Cruz (2018) destaca a consciência linguística dos falantes como marca identitária e observa que a percepção de características singulares do espanhol caribenho alimenta inclusive a reprodução de estereótipos entre hispanofalantes.⁹ Tomados em conjunto, os dois autores Alba (1992) e Cruz (2018) sugerem que a unidade caribenha, embora útil como categoria ampla, não pode ser tratada como bloco uniforme, a maneira como os falantes reconhecem, avaliam e estereotipam traços da fala é um indicador de que há diferenciações internas socialmente relevantes, que precisam ser consideradas em qualquer descrição do espanhol do Caribe.

Dado o exposto, concluímos que os autores compartilham uma visão do espanhol caribenho como uma variedade marcada pela complexa interação de fatores geográficos, históricos e sociais, em que a marginalidade colonial, o contato afro-hispânico e a consciência identitária dos falantes se entrelaçam para explicar sua configuração particular.

4.2 A variedade de Havana

Ao abordarmos o espanhol caribenho, não podemos deixar de reconhecer a centralidade da variedade cubana, especialmente a de Havana, no processo de consolidação de certos traços linguísticos que hoje caracterizam a região. A capital cubana não apenas reflete usos linguísticos generalizados no Caribe, mas também documenta fenômenos que se tornaram estruturais ao longo do tempo.

Autores como Lipski (1996) propõem que o espanhol de Cuba costuma ser interpretado como resultado de uma combinação particularmente intensa de fatores demográficos e econômicos que se sobrepõem desde o período colonial e se prolongam até o final do século XIX. De um lado, a ilha manteve por muito tempo um vínculo populacional direto com a metrópole, como assinala Lipski (1996), no contexto da Guerra Hispano-americana (1898) uma parcela muito expressiva da população branca era composta por nascidos na Espanha, circunstância que ajuda a explicar por que certas normas e hábitos linguísticos de matriz europeia puderam conservar prestígio e circulação social em Cuba mais do que em outros espaços hispano-americanos.

Por outro lado, o peso histórico da escravização africana foi decisivo para a linguística cubana. Os dados censitários comentados por Ortiz Lopez (1998) indicam que a população

⁹ No estudo citado, essa afirmação não é apresentada como resultado de um teste/experimento de percepção conduzido pelo autor (Gutiérrez Maté, 2013). Ela aparece como observação apoiada em bibliografia, explicitamente atribuída a Suárez Büdenbender (2010) No trabalho de (Cruz, 2018), a frase é repetida como uma referência a (Gutiérrez Maté, 2013), ou seja, também sem descrever um teste próprio.

“afronegroide” alcançou proporção elevada e chegou a ser majoritária entre 1817 e 1860, em convergência, Lipski (2005) enfatiza o grande contingente de africanos trazidos diretamente para a ilha na primeira metade do século XIX, no auge da economia açucareira. Essa expansão está ligada à dinâmica das plantações, como destaca Guanche (1996), a cana-de-açúcar foi um dos motores centrais da manutenção e ampliação do sistema escravista no Caribe e nas Américas, o que, em Cuba, significou entrada maciça de africanos tanto por rotas diretas quanto por circulação intercaribenha.

Em termos sociolinguísticos, segundo Thorvaldar (2015), as condições coloniais de trabalho e de organização social influenciaram as formas de integração desses grupos e, por consequência, os espaços de uso e transmissão linguística. O autor em seus estudos propõe que é plausível supor que recém-chegados, submetidos a aquisição tardia e desigual do espanhol, tenham recorrido inicialmente a repertórios simplificados e funcionalmente orientados (um espanhol de aprendizagem imperfeita, com simplificações e reestruturações compatíveis com situações de contato intenso), enquanto, paralelamente, a concentração de falantes de mesmas procedências favorecia a manutenção de línguas africanas em redes étnicas e religiosas.

Exemplos emblemáticos desse cenário são oferecidos por Lipski (2005) ao relacionar a presença numerosa de grupos e línguas específicas como *yorubá*, línguas do sudeste nigeriano associadas aos carabalís, variedades bantas como o KiKongo entre os congos e o grupo Fon-Gbe entre os ararás à formação de práticas religiosas e associativas, que funcionaram como domínios de sociabilidade e também como canais de circulação de léxico, expressividade e performances verbais. O autor comenta que:

“La presencia de una masa crítica de *lucumíes*, de habla yoruba, conducía al sincretismo afrocubano conocido como *santería*. Asimismo los *carabalíes* del sureste nigeriano--de habla Igbo y Efik--contribuyeron a la formación de la sociedad secreta afrocubana de *Abakuá*. Los congos--hablantes del KiKongo y otros idiomas sejemantes--formaron el *palo mayombe*, mientras que los *ararás*, de la agrupación Fon-Gbe de Benín y Togo, aportaron algo de su música y creencias religiosas, sobre todo en Matanzas.” (LIPSKI, 2001, p. 218).¹⁰

¹⁰ Tradução nossa: A presença de uma massa crítica de *lucumíes*, falantes de iorubá, levou ao sincretismo afrocubano conhecido como *santería*. Da mesma forma, os *carabalíes* do sudeste nigeriano — falantes de igbo e efik — contribuíram para a formação da sociedade secreta afrocubana *Abakuá*. Os congos — falantes de KiKongo e outras línguas semelhantes — formaram o *palo mayombe*, enquanto os *ararás*, do grupo Fon-Gbe do Benim e do Togo, trouxeram algo de sua música e de suas crenças religiosas, sobretudo em Matanzas.

Dentro desse panorama, achamos importante destacar o africanismo no espanhol caribenho, principalmente na cidade de Havana, pois a literatura também aponta para a persistência residual de línguas africanas e para a formação de estilos de fala socialmente reconhecíveis em comunidades afrodescendentes. Lipski (1996) observa que, entre afro-cubanos mais idosos, permaneceram vestígios de repertórios como o iorubá e o quicongo, ainda que frequentemente circunscritos a usos rituais e a domínios ligados à religiosidade. Em contextos comunitários marcados por contato intenso e pela circulação de práticas culturais afro-cubanas, teria emergido com rapidez uma variedade de espanhol percebida como mais africanizada, cuja vitalidade se estenderia, ao menos, até a segunda geração (Lipski, 1996).

Essa percepção não é apenas descritiva, mas também metalinguística, o autor registra traços que se cristalizaram como estereótipos de fala afrocubana na memória de cubanos mais velhos, como construções com cópula nivelada, por exemplo, o emprego do verbo *ser* em contextos em que outras normas selecionariam o verbo *estar* e uma perífrase do tipo *ta + infinitivo* para expressar ações e estados verbais (Lipski, 1996). Vale notar que esses padrões, por serem frequentemente lembrados como marcas estilizadas, ajudam a entender como a sociedade cubana indexou linguisticamente a africanidade e como certas formas passaram a funcionar como sinais sociais, aparecendo em representações e comentários sobre a fala. O autor reforça o posicionamento dos estudiosos sobre a influência africana no espanhol caribenho:

“En cuanto al posible impacto del lenguaje afrohispánicos sobre el español caribeño, las opiniones giran alrededor de dos polos opuestos. La primera postura, fruto de la inseguridad afrofóbica o de la simple ignorancia, afirma que no existe NINGUNA huella africana en el español caribeño, a excepción de un puñado de palabras universalmente reconocidas. La opinión contraria, sostenida en su gran mayoría por observadores extracaribeños que desconocen la verdadera diversidad dialectal del español americano, postula que TODOS los rasgos típicamente caribeños reflejan un trasfondo afrohispánico, aunque aparezcan también en otras partes del mundo.” (LIPSKI, 2001, p. 215).¹¹

¹¹ Tradução nossa: Quanto ao possível impacto das línguas afro-hispânicas sobre o espanhol caribenho, as opiniões giram em torno de dois polos opostos. A primeira postura, fruto da insegurança afrofóbica ou da simples ignorância, afirma que não existe NENHUM vestígio africano no espanhol caribenho, com exceção de um punhado de palavras universalmente reconhecidas. A opinião contrária, sustentada em sua grande maioria por observadores de fora do Caribe que desconhecem a verdadeira diversidade dialetal do espanhol americano, postula que TODOS os traços tipicamente caribenhos refletem um pano de fundo afro-hispânico, ainda que também apareçam em outras partes do mundo.

Nesse sentido, as manifestações afro-hispânicas cubanas ocupam lugar central em debates mais amplos sobre criouliização e contribuição africana na formação do espanhol nas Américas. Lipski (1996) destaca que Cuba figura com frequência como caso relevante justamente porque combina grande escala de importação escravista, manutenção de práticas religiosas e associativas afro-cubanas e, simultaneamente, uma longa continuidade de vínculos com o espanhol europeu. Essa confluência torna Havana e outros centros urbanos espaços privilegiados para observar a estratificação estilística do espanhol cubano, isto é, a coexistência de normas monitoradas e usos coloquiais atravessados por avaliações sociais.

Por fim, a diáspora cubana, especialmente a consolidação de uma comunidade numerosa nos Estados Unidos, contribuiu para multiplicar as descrições do espanhol cubano com base em metodologias variacionistas e em análises fonológicas, sociolinguísticas e lexicais, muitas delas tomando a fala havaneira como referência empírica ou comparativa (Lipski, 1996). Com isso, a variedade de Havana aparece não apenas como um modelo urbano interno, mas também como um ponto de ancoragem para estudos que discutem, em chave transnacional, a estabilidade de traços caribenhos, a mudança em situação de migração e a maneira como identidades afro-cubanas e cubanas são negociadas no discurso e na língua.

Nesse quadro, a variedade urbana de Havana ocupa posição estratégica porque concentra, historicamente, instituições políticas, circulação econômica e mobilidade interna, reunindo falantes de origens diversas e regulando padrões de prestígio. A fala havaneira costuma ser tomada como um dos modelos mais visíveis do espanhol cubano contemporâneo, não por ser neutra, mas por refletir com nitidez o efeito da urbanização, contato cotidiano entre grupos, diferenciação social marcada e alternância entre estilos conforme situação comunicativa.

Dado o exposto, segundo (Lipski, 1996) consideramos que variedade de Havana tende a exibir os traços amplamente associados ao espanhol caribenho em contextos de oralidade rápida e alta informalidade, sobretudo processos de enfraquecimento consonantal e maior fluidez rítmica, ao mesmo tempo em que mantém forte sensibilidade sociolinguística pois certos recursos aparecem com mais frequência em registros coloquiais e em redes populares, enquanto estilos monitorados aproximam-se de padrões de maior legitimidade escolar e institucional, o que se alinha à coexistência, no espaço cubano, de influências peninsulares de longa duração e de um legado afro-cubano robusto, ancorado em redes comunitárias e em tradições culturais.

Assim, falar do espanhol de Havana é falar de um centro urbano que condensa, em escala local, as tensões e convergências descritas pela bibliografia como a herança demográfica europeia, a magnitude do aporte africano impulsionado pela economia açucareira e as condições sócio-históricas que moldaram tanto a integração social.

No que diz respeito às construções características da fala cubana, um dos traços mais destacados pelo autor Gutiérrez Maté (2010) é o uso quase obrigatório dos pronomes pessoais sujeitos.

O peso de Havana nesse processo se explica, em parte, por sua história particular. Desde o período colonial, a cidade foi um centro de circulação cultural e comercial, o que a converteu em espaço privilegiado para a difusão de mudanças linguísticas. Gutiérrez Maté (2013, p. 362) evidencia que o espanhol do Caribe, então, foi progressivamente estabilizando e difundindo esses usos relativos às construções de infinitivo com pronome sujeito, e Havana foi um dos lugares onde esse fenômeno se consolidou com maior rapidez. Trata-se de um dado que confirma a importância da cidade como núcleo de irradiação de inovações linguísticas.

Outro aspecto relevante são os registros do uso de pronomes expletivos, documentados já no final do século XVIII na imprensa habanera. O autor recupera testemunhos do Papel Periódico de la Habana que revelam a presença de outros tipos de construções: “sabemos de la existencia de este fenómeno en el Caribe a fines del XVIII, incluso en el habla culta, gracias al testimonio del Papel Periódico de la Habana: ‘No, quedarnos sin puente no puede ser, porque ello es preciso que haya por donde pasar’” (GUTIÉRREZ MATÉ, 2013, p. 362). Esse exemplo mostra que, mesmo em textos escritos de circulação pública, os usos linguísticos de Havana já incorporavam elementos que hoje são reconhecidos como típicos do espanhol caribenho.

Gutiérrez Maté (2013) considera que Havana desempenhou um papel simbólico na formação da identidade linguística cubana. A capital concentrou instituições educativas, veículos de imprensa e círculos letrados que ajudaram a legitimar determinados usos da língua. O fato de encontrar nos jornais locais evidências do uso inovador de pronomes sugere que tais construções não estavam restritas à fala popular, mas tinham também espaço entre os setores cultos. Assim, Havana não apenas refletia tendências do espanhol caribenho, mas conferia legitimidade social.

Nesse quadro, a variedade de Havana se apresenta como uma síntese das condições sociais e históricas do Caribe: a marginalidade colonial das Antilhas e a forte presença africana na população que favoreceu a emergência de traços inovadores. Embora Gutiérrez

Maté (2010, p. 855) alerte que “los datos de que vamos disponiendo son escasos, pero [...] no permiten aún atribuir el mayor uso de los pronombres sujetos a estos contactos afro-hispánicos”, é inegável que Havana foi um espaço em que esses fatores se cruzaram e deixaram marcas linguísticas profundas.

Podemos dizer, portanto, que o espanhol de Havana constitui uma variedade de especial interesse para os estudos linguísticos. Essa variedade nos oferece não apenas um retrato das tendências mais amplas do espanhol caribenho, como também testemunhos documentais de mudanças em curso desde o século XVIII. O uso quase obrigatório de pronomes sujeitos, a documentação de expletivos e a legitimação social desses fenômenos fazem da capital cubana um verdadeiro paradigma para a compreensão da evolução linguística no Caribe. De acordo com o autor Gutiérrez Maté (2010), Havana não é apenas parte do espanhol caribenho: é um de seus principais motores históricos e sociolinguísticos.

Ao considerarmos a análise de Cruz (2018) sobre o espanhol cubano, verificamos que Havana ocupa posição de destaque como núcleo urbano e linguístico fundamental para a compreensão da variedade caribenha. A capital não apenas concentra a diversidade cultural do país, mas também registra processos históricos que deixaram marcas profundas na configuração da língua.

A autora reforça que esse bilinguismo era marginal, mas não produzia uma forma desviante da língua: “não é um espanhol boçal, esses indivíduos falam espanhol cubano normal” (CRUZ, 2018, p. 37). Dessa forma, compreendemos que o espanhol de Havana foi moldado por um contato intenso, mas integrado, em que o africano e o espanhol coexistiram de maneira dinâmica.

No campo sintático, a autora destaca fenômenos que distinguem Havana de outras variedades hispânicas. Entre eles, está a estrutura das interrogativas. Cruz (2018, p. 40), apoiando-se em Lipski (1996), assinala que “as perguntas parciais sem inversão são a regra quando o sujeito é um pronome, por exemplo: ¿Qué tú quieres? ¿Cómo usted se llama?”. Essa configuração, que se opõe ao padrão do espanhol europeu, coloca o pronome sujeito em posição anteposta, reforçando sua presença e contribuindo para a alta frequência de pronomes explícitos em Cuba.

Além disso, estudos revelam ser possível encontrar em Havana construções de infinitivo com sujeito lexical explícito, como em “¿Qué tú me recomiendas para yo entender la lingüística?” (CRUZ, 2018, p. 40). Esse tipo de estrutura parece exemplificar a tendência da variedade cubana a dar visibilidade ao pronome sujeito mesmo em contextos em que outras variedades tenderiam à omissão. Do mesmo modo, a autora registra expressões

negativas próprias do uso cubano, como “más nunca”, “más nada” ou “más nadie”, que configuram um traço pragmático-semântico distintivo da variedade (CRUZ, 2018, p. 40).

Outro fator estrutural relevante está na relação entre fonologia e morfologia verbal. Cruz (2018, p. 40) explica que a queda do /s/ em posição final de sílaba, típica da fala cubana é particularmente forte em Havana, “leva à configuração de três ou quatro formas verbais apenas, diferenciando-se do espanhol de Madri, que conserva as seis diferentes formas verbais para cada pessoa”. Essa simplificação gera indistinção entre a segunda e a terceira pessoa, o que pressiona ainda mais para o uso explícito de pronomes sujeitos como estratégia de desambiguação.

A autora enfatiza que Havana se tornou o foco de grande quantidade de estudos, tanto fonológicos quanto lexicais e sintáticos. Ela aponta que “a presença de uma comunidade cubana nos Estados Unidos fomentou uma grande quantidade de estudos fonológicos, sociolinguísticos e léxicos, que analisaram Havana e outras cidades de grande porte” (CRUZ, 2018, p. 39). Esse interesse reforça o papel da capital como representativa não só do espanhol cubano, mas também de um espanhol caribenho de prestígio internacional, estudado por seu alcance e influência.

Salientamos que, para Cruz (2018), Havana sintetiza a história linguística de Cuba: um espaço de contato afro-hispânico, de simplificação morfológica e de inovação sintática, ao mesmo tempo em que constitui referência para a descrição acadêmica e para a percepção sociolinguística da região. Assim, a cidade não é apenas um centro político ou cultural, mas também um verdadeiro laboratório linguístico, em que se refletem os processos de mudança e de identidade que marcam o espanhol caribenho.

Ao nos voltarmos para os estudos de Gutiérrez Maté (2010; 2013) e Cruz (2018), percebemos que ambos destacam a importância de Havana como centro privilegiado para a compreensão do espanhol cubano e, de forma mais ampla, do espanhol caribenho. A capital cubana aparece como um verdadeiro laboratório linguístico, em que se refletem fatores históricos, sociais e culturais que deixaram marcas profundas na configuração da língua.

Essa observação, de caráter mais geral, está presente nas descrições de Cruz, que apresenta exemplos concretos do espanhol de Havana. A autora afirma que “as perguntas parciais sem inversão são a regra quando o sujeito é um pronome, por exemplo: ¿Qué tú quieres? ¿Cómo usted se llama?” (CRUZ, 2018, p. 40). Vemos, portanto, que ambos coincidem em ressaltar o papel central da explicitação pronominal, sendo Havana uma das variedades em que tal uso é mais evidente.

Outro ponto de convergência é a identificação de Havana como espaço de inovação sintática. Gutiérrez Maté (2013, p. 362) lembra que já no final do século XVIII havia registro de pronomes expletivos em textos publicados na cidade: “sabemos de la existencia de este fenómeno en el Caribe a fines del XVIII, incluso en el habla culta, gracias al testimonio del Papel Periódico de la Habana: ‘No, quedarnos sin puente no puede ser, porque ello es preciso que haya por donde pasar’”. Essa documentação histórica mostra que Havana já apresentava, há mais de dois séculos, construções que hoje associamos ao espanhol caribenho. Em linha semelhante, Cruz (2018, p. 40) destaca a importância de construções como os infinitivos com sujeitos léxicos “¿Qué tú me recomiendas para yo entender la lingüística?” ou ainda o uso de negativas reforçadas, como em “más nunca” e “más nada”. Tais traços confirmam que Havana não só registra outros fenômenos, como também os legitima socialmente.

Além do aspecto histórico e linguístico, os dois autores ressaltam o papel identitário da variedade habanera. Cruz (2018, p. 16) vai na mesma direção, ao destacar que “os falantes da região são conscientes de que o espanhol caribenho carrega consigo algumas características singulares, gerando inclusive a reprodução de estereótipos da fala caribenha entre hispanofalantes”. Dessa forma, tanto o autor espanhol quanto a pesquisadora brasileira reconhecem que Havana é um espaço em que a língua é elemento de identidade e resistência cultural.

Por fim, não podemos ignorar a relevância acadêmica que Havana conquistou nos estudos linguísticos. Para Cruz (2018, p. 39), “a presença de uma comunidade cubana nos Estados Unidos fomentou uma grande quantidade de estudos fonológicos, sociolinguísticos e léxicos, que analisaram Havana e outras cidades de grande porte”. Esse dado atual complementa as observações históricas de Gutiérrez Maté, que vê na imprensa colonial habanera uma das primeiras fontes de documentação dos fenômenos do espanhol caribenho. Assim, tanto no passado quanto no presente, Havana se confirma como centro privilegiado de análise da língua.

No que diz respeito aos padrões de estratégias de retomada do objeto direto na variedade de Havana, no levantamento bibliográfico realizado e no conjunto de estudos consultados até o momento, não encontramos qualquer referência direta, descrição sistemática ou proposta de tipologia que trate especificamente desse aspecto sintático.

Em outras palavras, embora haja discussões sobre o espanhol caribenho, não localizamos, na literatura acessada, um tratamento focalizado que documente quais recursos são preferidos em diferentes contextos e em que condições tais escolhas se correlacionam a propriedades informacionais do sintagma nominal.

Dado o exposto, nossa pesquisa ao propor o levantamento das estratégias de retomada do objeto direto na variedade de Havana, considerando a influência dos traços de definitude e especificidade, pode contribuir para dar visibilidade a mais um aspecto linguístico dessa variedade.

Entretanto, reconhecemos uma ausência de estudos no que diz respeito à retomada do objeto direto nessa variedade. Aparentemente os estudiosos tem se concentrado em fenômenos como o uso dos pronomes sujeitos, a presença de pronomes expletivos e a simplificação verbal no espanhol caribenho. No entanto, a retomada do objeto direto ainda não recebeu a mesma ênfase analítica, apesar de se tratar de um aspecto central para compreender a organização informacional do discurso e a interface entre sintaxe e pragmática.

Em Havana, contexto marcado por inovação sintática e por intensa frequência de pronomes, estudar a retomada do objeto direto pode revelar continuidades e rupturas com outras variedades hispânicas. Ao focalizarmos os traços de definitude e especificidade, investigamos como os falantes codificam as relações referenciais em situações comunicativas concretas. Isso significa observar, por exemplo, se a retomada se realiza de modo mais explícito quando o objeto é definido ou específico, e de que forma tal comportamento se diferencia de contextos em que o referente é indefinido ou inespecífico.

Essa abordagem pode contribuir em duas frentes principais. Em primeiro lugar, amplia o escopo dos estudos sobre o espanhol caribenho ao deslocar a atenção do sujeito para o objeto, trazendo novas evidências para a caracterização da variedade de Havana. Em segundo lugar, permite avaliar se a tendência caribenha de explicitar o sujeito se estende também ao objeto direto, sugerindo um padrão discursivo mais amplo de redundância funcional ou de reforço da referência.

CAPÍTULO 5: METODOLOGIA

A metodologia desta dissertação é composta pela análise das transcrições de entrevistas orais da variedade do espanhol de Havana (Cuba). Escolhemos essa variedade para ser abordada nesta dissertação, pois dentro do panorama do espanhol caribenho, a variedade de Havana permanece pouco explorada em estudos linguísticos de base sintática.

Enquanto há vasta produção acadêmica dedicada a compreender o funcionamento pronominal em variedades amplamente documentadas do espanhol, o espanhol de Havana aparece de maneira mais periférica nessas discussões.

A falta de registros extensivos e detalhados, torna difícil observar nuances de uso, como variações entre o preenchimento e a omissão do objeto, alternância entre clíticos e formas plenas de referência anafórica entre outros fatores. Por isso, cremos que a ampliação de estudos focados no espanhol de Havana se torna essencial para compreender como esse sistema pronominal se organiza internamente e em que medida dialoga ou diverge de outras variedades do espanhol, especialmente as caribenhas.

Investigar sobre a variedade de Havana preenche não apenas uma lacuna teórica, como também contribui para a valorização e a visibilidade de uma comunidade linguística historicamente pouco contemplada. Ao trazermos à luz suas especificidades sintáticas, ampliamos os horizontes descritivos e comparativos da linguística espanhola, fortalecendo uma visão mais diversa, plural e representativa do espanhol em uso real.

No que diz respeito à natureza dos dados¹², trabalhamos com dados orais transcritos que apresentam grande relevância para estudos da linguagem e das práticas sociais, pois possibilita compreender a língua em seu uso vivo, dinâmico e contextualizado. Ao transpor a fala para o registro escrito, cria-se um material que pode ser preservado, analisado e retomado inúmeras vezes, o que contribui para o aprofundamento das pesquisas e para a construção do conhecimento científico.

Segundo Rubio e Carioca (2016), a transcrição se constitui como uma etapa essencial no processo de investigação, uma vez que organiza e materializa o discurso oral, tornando acessível à interpretação acadêmica. Dessa forma, o que antes era efêmero e transitório se transforma em dado concreto, passível de estudo sistemático, comparações e análises tanto quantitativas quanto qualitativas.

¹² Embora ferramentas como o GoldVarb sejam amplamente empregadas em pesquisas para o tratamento quantitativo dos dados, nesta pesquisa optamos pela contabilização manual das ocorrências, por entendermos que esse procedimento atende adequadamente à dimensão do corpus analisado.

Além disso, o uso de dados orais transcritos permite observar fenômenos linguísticos que não emergem com a mesma intensidade em textos escritos revelando o caráter social e variável da língua. Isso reforça a importância de registrar e valorizar a diversidade linguística presente nas comunidades, contribuindo para a superação do preconceito linguístico e para a democratização do conhecimento.

Como enfatizam Rubio e Carioca (2016), a transcrição dos dados orais é um instrumento fundamental para o estudo da linguagem, pois aproxima o pesquisador da realidade viva da comunicação e da construção do sentido na interação humana.

Este capítulo se encontra dividido da seguinte forma: a primeira seção está direcionada ao esclarecimento da natureza dos dados analisados nesta dissertação; a segunda seção está destinada a apresentar o perfil dos informantes; e a terceira seção apresenta os fatores condicionantes para a nossa análise.

5.1 Natureza dos dados analisados

Nosso *corpora* é formado por 10 entrevistas que estão disponibilizadas gratuitamente na página do *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA)*.

O PRESEEA tem como objetivo central reunir e disponibilizar um corpus de fala espontânea do espanhol falado em diversos países da Espanha e da América Latina, de modo representativo em termos geográficos e sociais, garantindo dados comparáveis e confiáveis para pesquisa sociolingüística.

O banco de dados do PRESEEA permite aos pesquisadores terem acesso a um acervo comparável de dados orais provenientes de múltiplas cidades e regiões hispânicas variando em contexto urbano, perfil social, faixa etária, entre outros fatores, o que permite estudar diversos fenômenos.



Imagem 1: Página do PRESEEA disponível em <http://preseea.linguas.net/Corpus.aspx>.

Trazendo para o âmbito da nossa pesquisa, nosso objetivo é de levantar as estratégias de retomada do objeto e a partir das estratégias levantadas, olhar para a estratégia de repetição do SN e verificar quais fatores linguísticos influenciam na realização dessa estratégia de retomada.

Com relação às nossas hipóteses, a nossa primeira hipótese é a de que o traço [-definido] parece favorecer a seleção da estratégia de retomada pela repetição do SN. Aparentemente, objetos diretos indefinidos, especialmente quando introduzidos pela primeira vez no discurso, possuem menor força referencial, ou seja, ainda não são estabelecidos de forma plena na memória discursiva do interlocutor. Por essa razão, quando o falante precisa retomar esse referente, a repetição do SN tende a ser uma estratégia preferível.

Nossa segunda hipótese é a de que o traço [-específico] parece favorecer a seleção da estratégia de retomada por repetição do SN. O traço [-específico] indica que o referente do sintagma nominal não é identificável de forma precisa nem pelo falante nem pelo ouvinte, ou seja, trata-se de um elemento que não remete a um indivíduo particular, mas sim a algo genérico. Nesse contexto, aparentemente a retomada anafórica tende a privilegiar a repetição do SN, pois estratégias mais reduzidas, como pronomes clíticos, dependem de um grau maior de identificação para serem processadas com clareza.

Nossa terceira hipótese é a de que a anáfora indireta é um contexto favorecedor na seleção da estratégia de retomada de repetição do SN. A anáfora indireta se caracteriza por retomar um referente que não foi mencionado de forma literal ou direta anteriormente, mas que pode ser inferido a partir do contexto ou de relações associativas. Como a referência não está plenamente estabelecida no discurso de maneira explícita, o ouvinte depende de pistas semânticas e cognitivas para identificá-la. Aparentemente, por essa razão, esse tipo de anáfora tende a favorecer a repetição do SN como estratégia de retomada.

Dado o exposto, para a variedade de Havana esperamos que prevaleça o traço [-definido] na seleção da estratégia de retomada pela repetição do SN; o traço [-específico] na seleção da estratégia de retomada pela repetição do SN; e a anáfora indireta com a estratégia de retomada de repetição do SN.

5.2 Perfil dos informantes

INFORMANTE	GÊNERO	IDADE	NÍVEL DE	ANO	DURAÇÃO
------------	--------	-------	----------	-----	---------

			ESCOLARIDADE		
_LHAB_H11_001	Homem	Não informada	Baixo	2010	49 min 47 s
_LHAB_H21_013	Homem	46 anos	Baixo	2010	52 min 03 s
_LHAB_M21_019	Mulher	38 anos	Baixo	2010	51 min 04 s
_LHAB_H31_025	Homem	81 anos	Baixo	2011	48 min 36 s
_LHAB_M31_031	Mulher	71 anos	Baixo	2010	45 min 41 s
_LHAB_H13_073	Homem	25 anos	Alto	2010	49 min 47 s
_LHAB_M13_079	Mulher	32 anos	Alto	2010	47 min 47 s
_LHAB_H23_085	Homem	39 anos	Alto	2011	45 min 50 s
_LHAB_M23_091	Mulher	48 anos	Alto	2010	48 min 51 s
_LHAB_H33_097	Homem	70 anos	Alto	2010	47 min 50 s

Tabela 1: Características dos informantes do corpus de Havana

Como observamos na tabela 1, nossas 10 entrevistas se dividem da seguinte forma: em relação à idade, os participantes variam de 25 a 81 anos, havendo um caso sem idade informada. Considerando as idades registradas, possuímos um grupo heterogêneo, com presença tanto de jovens adultos quanto de idosos. No que diz respeito às durações das entrevistas, elas são relativamente próximas entre si, vão de 45 min a 52 min, indicando coletas de extensão semelhantes. Em conjunto, os dados selecionados descrevem um corpus com equilíbrio por escolaridade, predominância de registros em 2010, e diversidade de perfis etários e de gênero, além de um padrão de entrevistas com duração aproximada.

Retomando nosso capítulo 2 sobre o nosso quadro teórico e fazendo um paralelo com a nossa metodologia e a escolha dos dados analisados, em um estudo gerativista, a língua não é um inventário de usos observáveis, mas uma estrutura mental, um sistema de regras internalizadas que permite ao falante gerar e interpretar uma quantidade potencialmente infinita de sentenças (Raposo, 1992).

Nessa linha, Chomsky (1986) afirma que o objetivo central da linguística teórica é caracterizar o conhecimento implícito do falante-ouvinte, um estado mental que sustenta a criatividade linguística e, por isso, a análise precisa distinguir competência (conhecimento internalizado) de desempenho (uso efetivo, sujeito a falhas e restrições externas).

Quando os dados vêm de entrevistas, eles são necessariamente uma janela para a língua-E (manifestações externas e convencionais), entretanto, o nosso objetivo como pesquisadores é inferir propriedades da língua-I (a gramática mental, interna e individual). É nesse ponto que os fatores do perfil dos informantes com a idade, escolaridade, gênero e etc, deixam de ser apenas descritivos e passam a ser condições metodológicas para não confundir efeitos de performance e de contexto com restrições do sistema gramatical.

A escolaridade, por exemplo, é importante ser considerada porque como observamos no capítulo 2, a gramática internalizada (nuclear) corresponde ao que se forma no processo espontâneo de aquisição, enquanto a periférica reúne conteúdos aprendidos socialmente, associados a prestígio e ao ensino formal, Kato (2006) explicita essa vinculação ao relacionar escolarização à gramática periférica.

Assim, sem controlar a escolaridade, corre-se o risco de atribuir à competência um padrão que, na verdade, reflete uma forma da língua-E incorporada por ensino e normatividade. Essa preocupação aparece com nitidez quando em nosso capítulo 2 contrastamos o espanhol e português do Brasil. No espanhol, a retomada por clíticos é descrita como a estratégia mais recorrente e natural (Fernández Ordóñez, 1999), ao passo que no PB os clíticos de 3ª pessoa tendem a ficar restritos a registros formais e ao espaço escolar, o que sugere uma associação mais forte à língua-E.

A idade e o ano de gravação também são relevantes porque ajudam a separar o que é propriedade estável da gramática do que pode ser mudança em progresso ou reconfiguração do sistema. O próprio enquadramento de Chomsky (1981) admite que a língua-I pode abrigar traços idiossincráticos e até resíduos de mudanças linguísticas em curso, o que torna plausível que diferentes gerações exibam padrões distintos e que registros de anos diferentes capturem estágios diferentes de uma mesma mudança.

Já o gênero e duração da entrevista entram como controles indispensáveis quando se trabalha com fala espontânea, não porque determinem gramáticas diferentes, mas porque afetam a distribuição de contextos, estilos e oportunidades de ocorrência. Como o desempenho pode ser influenciado por fatores externos (memória, atenção, planejamento), equilibrar perfis e amostras ajuda a garantir que o que está sendo comparado são evidências do sistema, e não diferenças de produção.

Além disso, do ponto de vista metodológico, o nosso quadro teórico propõe uma análise introspectiva para acessar mais diretamente o conhecimento internalizado, quando ainda assim recorremos a corpora, esses controles tornam-se fundamentais para que a evidência empírica seja comparável e teoricamente interpretável.

Em suma, abordar explicitamente esses fatores em nossa metodologia, fortalece a coerência do nosso estudo com o programa chomskiano, pois ajuda a inferir a língua-I a partir de dados da língua-E, a distinguir competência de desempenho e a interpretar variação como efeito de parâmetros, mudança, contato ou escolarização.

5.3 Fatores condicionantes

Para analisarmos as ocorrências da repetição do SN com função sintática de objeto direto em referência anafórica, encontradas nos corpora utilizados, levamos em consideração três fatores condicionantes que podem favorecer a realização da repetição do SN com função sintática de objeto direto em referência anafórica no espanhol de Havana. Esses fatores são: o traço de definitude, o traço de especificidade e o tipo de anáfora. As nossas hipóteses mencionadas anteriormente, estão relacionadas a cada um desses fatores. Nas seguintes seções, abordaremos cada um desses fatores.

5.3.1 Traço de definitude

Retomando o nosso capítulo 3, na seção 3.3.1, a definitude é uma noção central para compreender como a língua organiza a referência no discurso. Ela diz respeito ao modo como o falante apresenta um referente ao interlocutor como identificável, isto é, como alguém ou algo que pode ser recuperado a partir do contexto compartilhado. Nessa perspectiva, a marcação de definitude funciona como uma instrução interpretativa, o falante sinaliza que não está selecionando um indivíduo qualquer, mas orientando o ouvinte a localizar um referente específico no universo discursivo ou situacional. Nosso estudo está baseado em Laca (1999) que trata a definitude como ligada à possibilidade de identificação do referente por parte do interlocutor.

Laca (1999), postula que a definitude costuma ser expressa por determinantes como artigos definidos, demonstrativos e possessivos, mas não se reduz a um único marcador. Em várias línguas, nomes próprios, por exemplo, podem ser naturalmente interpretados como definidos mesmo quando não vêm acompanhados de determinante, porque já trazem uma ancoragem forte para um referente.

Ao mesmo tempo, a definitude não se confunde necessariamente com referência a um indivíduo único: há usos definidos que estabelecem leituras genéricas (referência a espécies ou classes) ou leituras de “tipo”, mantendo a ideia de que o referente é acessível/interpretável para o interlocutor naquele enquadramento. A discussão apresentada por Laca (1999) é

relevante porque reforça que definitude não é apenas uma propriedade morfológica, e sim um recurso para orientar a interpretação referencial no discurso.

A importância da definitude fica evidente quando observamos cadeias anafóricas. Referentes muito acessíveis tendem a permitir retomadas mais econômicas, como pronomes ou elipses, porque o interlocutor consegue identificá-los sem grande esforço. Quando essa acessibilidade diminui, por distância entre menções, mudança de tópico ou competição com outros referentes, o falante pode recorrer a uma retomada com maior carga informacional, como a repetição de um sintagma definido, para reativar o referente e reduzir ambiguidades. Esse papel do sintagma definido como estratégia de recuperação referencial se alinha ao modo como Laca (1999) associa definitude à manutenção da rastreabilidade do referente na progressão discursiva.

Utilizar o conceito de definitude na prática, se aplica ao corpus da seguinte maneira: a cada ocorrência de retomada, nós não registramos somente “qual forma apareceu” (pronome, SN pleno, demonstrativo, elipse), mas também qual era o estatuto referencial do elemento retomado. Assim, quando a retomada é feita por um sintagma nominal, anotamos se ele está marcado como definido e, sobretudo, porque ele pode ser interpretado como identificável no discurso. Essa identificabilidade pode decorrer de uma menção prévia (o referente já estava ativo), de uma unicidade situacional ou de inferência/associação. É essa lógica que torna a definitude útil metodologicamente, porque ela oferece um caminho para explicar escolhas formais em função do estado informacional do referente, como enfatiza Laca (1999).

Com isso, a definitude entra na metodologia como um componente que explica a alternância entre retomadas com menores cargas informacionais e maiores cargas informacionais. Quando o referente está altamente acessível, é esperado que ocorram retomadas econômicas (como pronomes ou elipses), porque a identificação já está garantida pelo contexto imediato. Quando a acessibilidade diminui por distância, por mudança de tópico ou por competição com outros referentes, é plausível que o falante recorra a um sintagma definido (ou a determinantes mais “fortes”, como demonstrativos) para reativar o referente e reduzir ambiguidades. Esse uso do definido como estratégia de recuperação e estabilização referencial é exatamente o tipo de relação entre forma e discurso que a classificação de Laca (1999) permite operacionalizar no corpus.

Assim, ao incorporar a definitude dessa maneira, nossa metodologia ganha um passo interpretativo essencial, pois ela passa a mostrar não só quais formas de retomada aparecem, mas em quais condições de identificabilidade elas são preferidas. Em termos concretos, a análise se fortalece porque conseguimos relacionar a escolha da expressão anafórica ao

estado referencial do antecedente e ao grau de acessibilidade do referente, tratando a definitude como um instrumento analítico para entender como os falantes controlam a referência e sustentam a coerência do discurso.

5.3.2 Traço de especificidade

Retomando o nosso capítulo 3, na seção 3.3.2, especificidade é um traço relevante porque permite captar algo que a definitude nem sempre resolve, não apenas se o referente é identificável para o interlocutor, mas se o falante está comprometido com a interpretação de que se trata de um indivíduo particular. É por isso que, ao analisar retomadas anafóricas, especialmente a repetição de sintagmas nominais, a especificidade ajuda a explicar porque repetir um SN pode funcionar como uma estratégia de controle interpretativo e de manutenção da coerência referencial, e não como simples redundância.

Seguindo a discussão atribuída a Leonetti (1999), a especificidade não é um efeito automático do determinante, ela pode ocorrer tanto em sintagmas definidos quanto indefinidos, embora exista uma tendência frequente de definidos serem interpretados como mais específicos e indefinidos como menos específicos. Em outras palavras, a definitude e a especificidade são traços relacionados, mas independentes, há contextos em que um indefinido é lido como específico (o falante tem um referente particular em mente, ainda que o interlocutor não o identifique), e há contextos em que um definido pode não carregar uma leitura plenamente referencial, dependendo de como a expressão se conecta ao restante da sentença e ao contexto.

Um ponto importante que vale ressaltar sobre a especificidade, é que ela emerge do encaixe entre pistas gramaticais e condições discursivas. Determinantes são pistas, mas não bastam, a estrutura interna do SN e o ambiente sintático-semântico podem enfraquecer a leitura de referente já estabilizado. No capítulo 3, seção 3.3.2, isso é exemplificado com o contraste entre relativas em contextos que favorecem leituras menos ancoradas versus relativas que reforçam a ancoragem e estabilização do referente.

Dado o exposto, é nesse ponto que a especificidade se conecta de forma muito produtiva à nossa metodologia, pois além de classificar cada retomada pelo tipo de estratégia, a análise ganha poder explicativo ao incluir a especificidade como variável. Quando o referente é interpretado como mais específico, a repetição de um SN pode funcionar como reforço de ancoragem, sobretudo quando há risco de competição referencial ou queda de acessibilidade. Quando o referente é menos específico, muitas vezes não há a mesma pressão

para mantê-lo estável no discurso, isso pode alterar a preferência entre retomar com SN, com pronome ou até não retomar.

Além disso, a especificidade ajuda a interpretar correlações morfossintáticas do espanhol, leituras mais específicas tendem a caminhar com maior proeminência discursiva, o que pode se refletir em fenômenos como a marcação diferencial de objeto (DOM) e outras estratégias que elevam o objeto em saliência no discurso.

Em termos de aplicação, a metodologia incorpora a especificidade como um campo descritivo para cada antecedente e cada retomada nominal: se o referente é apresentado como particular, quais pistas sustentam essa leitura e como isso se distribui em relação às estratégias de retomada. Assim, a especificidade deixa de ser apenas uma noção teórica e passa a operar como um instrumento concreto para explicar porque certas retomadas precisam ser mais explícitas e outras podem ser mais econômicas no corpus.

5.3.3 Tipos de anáfora

A discussão sobre tipos de anáfora é diretamente relevante para a nossa metodologia porque ela evita que tratemos toda retomada como simples correferência e, com isso, percamos diferenças importantes no modo como o referente é recuperado no discurso. No capítulo 3, seção 3.3.3, abordamos a distinção entre anáfora direta e anáfora indireta. Trabalhar esse conceito é relevante porque elas envolvem relações referenciais de naturezas diferentes. Na anáfora direta, a retomada aponta para um antecedente já introduzido de maneira explícita, na indireta, o referente retomado não foi apresentado como antes, mas se torna acessível por inferência e por vínculos associativos construídos no encadeamento discursivo.

Ao retomarmos Fant (1985), esse contraste fica ainda mais operacional para o tratamento dos dados, porque o autor organiza o processo anafórico em termos de valor referencial: há ocorrências não anafóricas (introdução de um referente novo, sem antecedente), anáforas diretas (retomada que preserva a identidade do referente) e anáforas indiretas (retomada que depende de uma relação não-idêntica com o antecedente).

Metodologicamente, isso nos dá um critério claro para separar, no corpus, casos em que não há retomada e o referente está sendo introduzido; casos em que há correferência direta; e casos em que a retomada se apoia em uma rede inferencial. Essa separação é crucial porque como foi tratado na seção 3.3.3, na anáfora direta, como o antecedente tende a estar mais disponível, aparecem com mais naturalidade estratégias mais econômicas, enquanto na

indireta, com maior demanda de ancoragem, cresce a necessidade de formas mais informativas, como o sintagma nominal pleno.

Essa lógica se encaixa exatamente na nossa metodologia de análise da retomada do objeto direto pois ao invés de apenas contabilizar o SN repetido, nós passamos a perguntar que tipo de relação anafórica está sendo construída em cada ocorrência. Com isso, ressaltamos que a escolha da forma anafórica é sensível ao grau de acessibilidade do referente, quanto mais ativo e fácil de recuperar, maior a chance de o falante usar formas reduzidas, quando há distância textual, risco de ambiguidade ou competição entre candidatos, aumenta a probabilidade de empregar expressões com maior conteúdo lexical para assegurar a identificação.

Isso permite testar nossa hipótese que a repetição do SN tende a ser mais frequente em anáforas indiretas, porque nelas o falante precisa explicitar melhor o vínculo semântico-pragmático que torna o referente recuperável. Incorporar os tipos de anáfora como variável metodológica em nossa análise, faz ela ganhar precisão pois conseguimos explicar porque a repetição do sintagma nominal não tem sempre a mesma motivação. Em anáforas indiretas, tende a funcionar como recurso de ancoragem e de estabilização da referência, já que a recuperação depende mais de inferência do que de simples identidade com um antecedente explícito.

Dessa forma, recorreremos aos fatores condicionantes mencionados anteriormente para avaliar se eles podem favorecer a repetição do SN com função sintática de objeto direto em referência anafórica. No próximo capítulo, apresentaremos com mais detalhes como se desenvolveu nossa análise ao longo do estudo dos dados obtidos na variedade de Havana.

CAPÍTULO 6: ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo está destinado à análise dos dados relacionados às entrevistas selecionadas do corpus PRESEEA. Nosso objetivo é de verificar os contextos favorecedores para a seleção da estratégia de repetição do sintagma nominal na gramática dos falantes da variedade de Havana (Cuba). Como explicitado no capítulo 5, selecionamos 10 entrevistas nas quais 5 participantes possuem nível de escolaridade baixo e 5 participantes que possuem nível de escolaridade alto.

Durante o processo de análise das entrevistas, tomamos como base alguns critérios. Analisamos quantitativa e qualitativamente a realização das estratégias de retomada do objeto direto anafórico, levando em consideração os traços de definitude e especificidade e os tipos de anáfora, se são direta ou indireta.

Diante do exposto, assumimos as seguintes hipóteses: (i) o traço [-definido] favorece a retomada por repetição do SN; (ii) o traço [-específico] favorece a retomada por repetição do SN; (iii) a anáfora indireta prevalece com a estratégia de repetição do SN.

Fizemos uma contabilização manual dos dados e organizamos o capítulo da seguinte forma: inicialmente tratamos do fator escolaridade e o contraste no uso das estratégias de retomada anafórica, especialmente clíticos e repetição do sintagma nominal; no segundo momento, exibimos os dados gerais relacionados às estratégias de retomada do objeto direto; depois, apresentamos os resultados dos fatores linguísticos considerando nosso objeto de estudo que é a estratégia de retomada de repetição do SN comentando os dados a partir das entrevistas e por fim fazemos um resumo dos nossos achados comentando nossas hipóteses.

6.1 O fator de alta e baixa escolaridade

Nesta seção, apresentamos a comparação de falantes com alta e baixa escolaridade para avaliar até que ponto um fenômeno linguístico pode ser explicado pela aquisição espontânea (gramática nuclear) ou por efeitos de escolarização e normatividade (gramática periférica). Mostramos a partir dos gráficos, como as estratégias de retomada se distribuem nesses dois grupos.

Observar falantes com alta e baixa escolaridade é crucial porque a escolarização pode interferir diretamente no tipo de conhecimento linguístico que está sendo mobilizado. Como discutido no capítulo 2, a gramática internalizada (ou nuclear) corresponde ao que se forma no processo espontâneo de aquisição, isto é, ao sistema que o falante constrói naturalmente na interação cotidiana. Já a gramática periférica reúne conteúdos que não necessariamente

emergem da aquisição espontânea, mas são aprendidos socialmente, muitas vezes vinculados a prestígio, normatividade e ensino formal. É nesse sentido que Kato (2006) explicita a relação entre escolarização e gramática periférica.

Assim, comparar alta e baixa escolaridade é uma forma de investigar se o falante está mais orientado pela norma ou pelo input a que está exposto. Se um fenômeno aparece sobretudo entre os mais escolarizados, e principalmente em contextos mais formais, isso sugere que ele pode estar ancorado na gramática periférica e em processos de ensino. Se, ao contrário, ocorre de maneira robusta também entre os menos escolarizados e em situações de fala menos monitorada, fortalece-se a hipótese de que o fenômeno integra a gramática nuclear. Em suma, olhar para diferentes níveis de escolaridade ajuda a separar o que é efeito de aquisição do que é efeito de escolarização, evitando conclusões equivocadas sobre a competência linguística dos falantes.

Dado o exposto, observemos o gráfico abaixo:

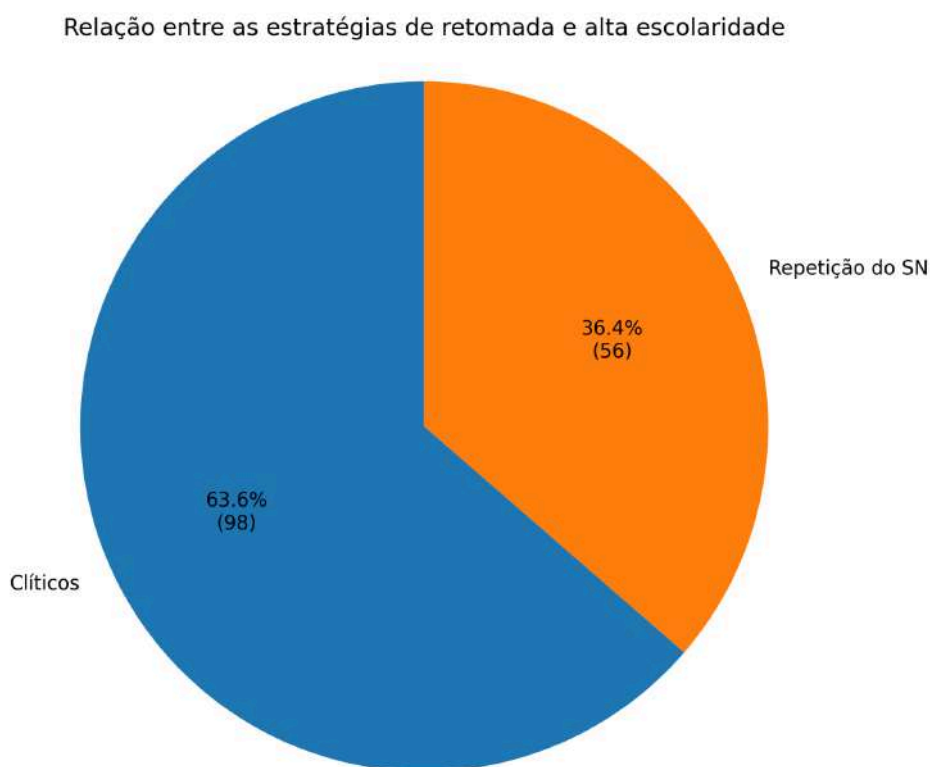


Gráfico 1: Relação entre as estratégias de retomada e alta escolaridade

Os resultados do grupo de alta escolaridade no gráfico 1 mostram predominância de clíticos (63,6%) em relação à repetição do SN (36,4%). Assumindo que a retomada por clíticos integra a gramática nuclear, esses dados não podem ser interpretados como produto da escolarização, mas como manifestação de um recurso já estabilizado no conhecimento

linguístico do falante. A escolaridade, portanto, não explica a presença da estratégia, embora possa atuar como variável de condicionamento do uso em contextos específicos. Além disso, a frequência relevante de repetição do SN indica que a variação entre estratégias permanece ativa mesmo entre os mais escolarizados, o que reforça a necessidade de separar efeitos de aquisição de possíveis efeitos de monitoramento e normatividade, evitando atribuir automaticamente à escola aquilo que pode estar enraizado na competência linguística internalizada.

Vejamos o próximo gráfico a seguir:

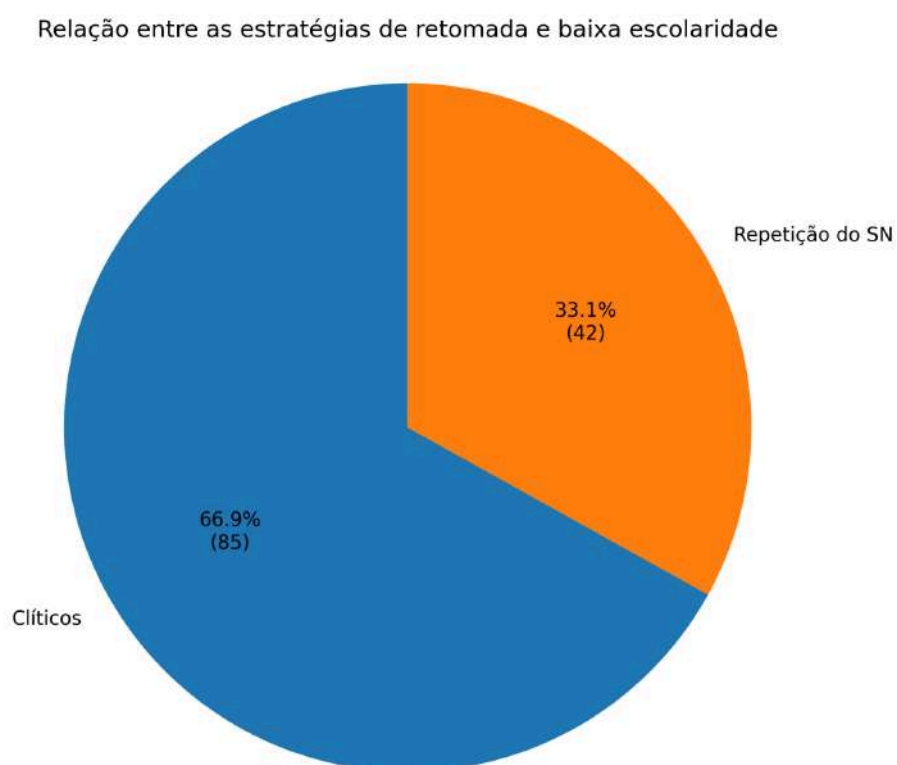


Gráfico 2: Relação entre as estratégias de retomada e baixa escolaridade

No gráfico 2 de baixa escolaridade apresentado acima, o padrão é muito semelhante ao observado na alta, há predominância de clíticos como estratégia de retomada (66,9%) frente à repetição do SN (33,1%). A ocorrência robusta de clíticos também entre falantes de baixa escolaridade não deve ser tomada como um resultado inesperado, uma vez que essa estratégia integra a gramática nuclear do falante. O fato de a estratégia estar presente também em um grupo com menor escolarização sugere que ela parece integrar o repertório estabilizado na competência do falante, isto é, que está associada à gramática nuclear no sentido de um

conhecimento linguístico consolidado pelo input e pela aquisição espontânea. Ao mesmo tempo, a repetição do SN permanece produtiva, o que indica a coexistência das alternativas de retomada e sugere que a variação não desaparece com menor escolaridade.

6.2 Resultado geral acerca das estratégias de retomada do objeto direto anafórico

Como já explicitamos na seção introdutória deste capítulo, analisamos 10 entrevistas e desse montante obtivemos 292 ocorrências de estratégias de retomada do objeto direto. Apresentamos abaixo a tabela geral dos dados com as estratégias levantadas.

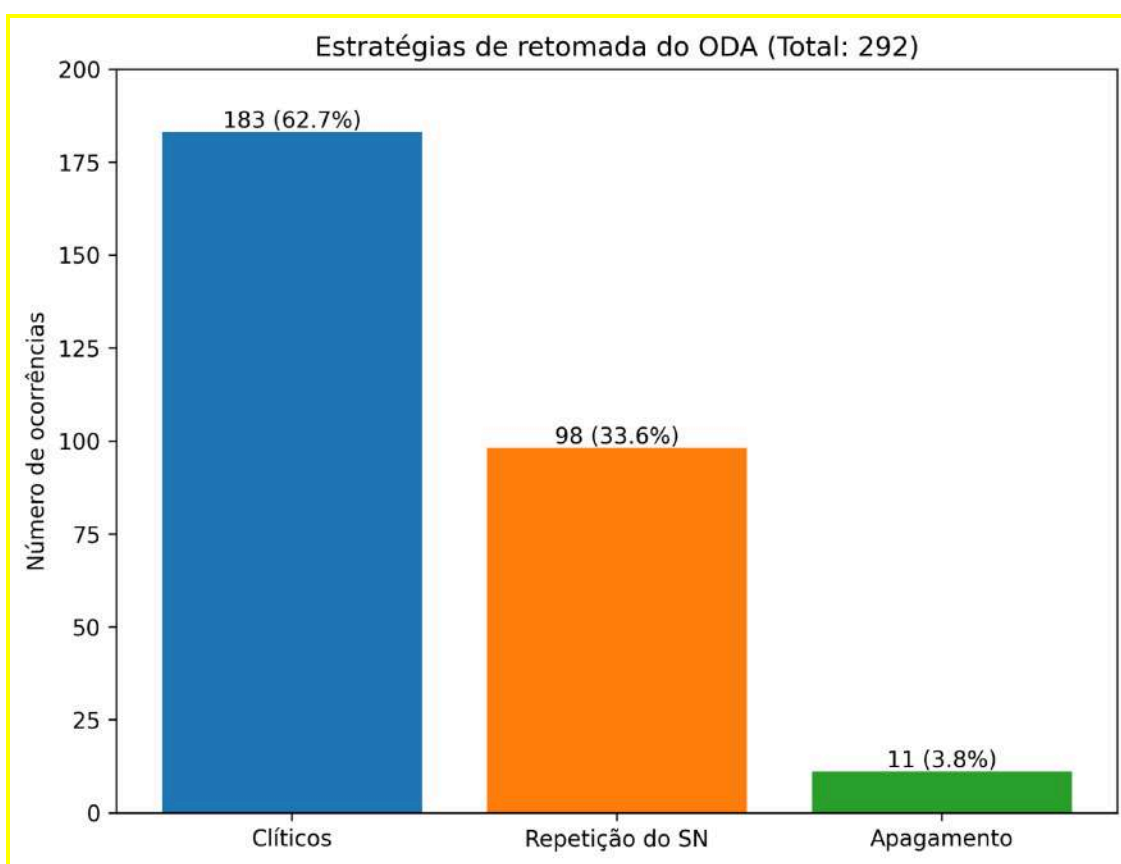


Gráfico 3: Resultado Geral - Estratégias de retomada do objeto direto

Confirmando as descrições normativas e as descrições empíricas, o clítico apareceu como a estratégia de retomada com maior percentual de ocorrência. Este dado confirma as informações que relatamos no capítulo 3 relacionado aos estudos descritivos e à gramática da língua espanhola. Como já explicitamos nesta dissertação, a retomada por clíticos é a realização mais produtiva no que diz respeito às estratégias de retomada do objeto direto (ALARCOS LLORACH, 2000).

Na gramática de Havana, essa característica se mostra de maneira semelhante, pois em (62,7%) das estratégias levantadas, a retomada por pronomes clíticos foi a estratégia mais selecionada. Considerando o quadro teórico adotado nesta tese, podemos propor que os dados parecem refletir que o pronome clítico está presente na gramática nuclear do falante, pois ele já nasce com uma estrutura interna, língua-I, que permite que o indivíduo adquira essa forma linguística de forma natural. Observemos a seguir um exemplo extraído dos nossos dados.

16) “I.: ... y ella llevaba un<alargamiento/> // [**un suéter**] // pero en lugar de llevar**lo** // enfundado // no // **lo** llevaba”

(PRESEEA-LHAB_H33_097)

No exemplo (16), assumindo *un suéter* como antecedente, as ocorrências do clítico *lo* funcionam como retomadas anafóricas do objeto direto. Além disso, o paralelismo estrutural em *lo llevaba* e *no lo llevaba* reforça a saliência do referente, permitindo que o clítico “lo” seja interpretado sem esforço e sem ambiguidade. Mesmo com hesitações e reparos típicos de fala espontânea, o antecedente é único e altamente disponível no microcontexto imediato.

Pela perspectiva de Laca (1999), a definitude não deve ser reduzida apenas à morfologia do determinante, mas entendida em termos das condições discursivas de identificação, expressões definidas pressupõem que o interlocutor possa identificar univocamente o referente a partir do contexto seja situacional, seja discursivo. Nesse sentido, *un suéter* é [-definido] pois ele não pressupõe identificação prévia, trata-se de um ato de introdução de um referente.

A definitude pode ser vista como uma propriedade dinâmica do discurso, um referente introduzido como indefinido pode tornar-se, logo depois, discursivamente identificável por ter sido estabelecido no modelo mental compartilhado. Assim, quando o falante passa a usar o clítico *lo*, já há um referente salientado e único no domínio relevante: *un suéter*, o que satisfaz a condição de identificabilidade contextual. Em termos funcionais, o clítico se comporta como um marcador de que o referente já está suficientemente ancorado no discurso para ser recuperado.

No que diz respeito à especificidade, retomando os estudos de Leonetti (1999), um indefinido pode ter leitura específica quando o falante tem em mente um referente particular e o introduz como tal ou não específica quando não há compromisso com um indivíduo determinado, frequentemente sob operadores como negação, modalidade, quantificação etc.

No exemplo, *un suéter* admite uma leitura [-específica] porque o artigo indefinido introduz um referente novo sem necessariamente individualizá-lo de forma forte no discurso. Nesse contexto, o sintagma nominal funciona mais como uma designação categorial do objeto mencionado do que como a referência a uma entidade claramente identificada.

A retomada pelo clítico *lo* funciona, nesse sentido, como um diagnóstico discursivo da especificidade. Clíticos de OD, por serem formas anafóricas reduzidas, pressupõem um antecedente suficientemente determinado no modelo discursivo. Aqui, ao contrário, *un suéter* → *lo* indica que o referente foi introduzido como recuperável, consistente com a noção de Leonetti (1999) sobre especificidade do indefinido a um referente particular relevante para o falante e para a progressão informacional.

Com base no conceito de tipos de anáfora em Fant (1985), a relação entre *un suéter* e o clítico *lo* pode ser caracterizada como anáfora direta porque há correferência entre a expressão introdutória e a retomada, isto é, o clítico aponta para o mesmo indivíduo previamente introduzido.

No que diz respeito à estratégia de retomada por repetição do SN, alguns estudos como o de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) revelam em seus dados que a estratégia de repetição do SN se mostra produtiva por aparecer como a segunda estratégia mais realizada. Os nossos dados comprovam a produtividade dessa estratégia na gramática de Havana, pois essa ocorrência apareceu em 33,6% dos casos. Vejamos um exemplo:

17) “...nosotros // teníamos [**un mapa**] ... entonces / tú pedías **el mapa** que te daba la gana / y ellos te **lo** vendían ...”

(PRESEEA-LHAB_H33_097)

No exemplo (17), o referente é primeiro introduzido por um SN indefinido *un mapa* e, em seguida, é retomado por um SN com artigo definido *el mapa* e ainda por um clítico de objeto direto *lo*.

Retomando a análise referente às retomadas de objeto por repetição de SN em variedades da língua espanhola, Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) encontraram a repetição do SN como retomada produtiva nas variedades de Medellín, Encarnación, Santiago do Chile e Santander respectivamente.

Tomando *un mapa* como antecedente, *el mapa* funciona como retomada anafórica do mesmo domínio referencial já ativado, a expressão definida não introduz necessariamente um

novo referente, mas reclassifica o referente previamente colocado em cena como identificável no contexto imediato e permitindo a manutenção do tópico local.

Do ponto de vista da definitude, baseando-nos nos estudos de Laca (1999), a alternância *un* → *el* pode ser descrita como um caso de definitude, embora *un mapa* não pressuponha identificação prévia no momento da introdução, a simples inserção do referente no modelo discursivo torna-o, logo depois, recuperável

Em termos próximos aos discutidos por Laca (1999), a definitude se relaciona a condições de identificabilidade e/ou unicidade no domínio relevante, uma vez que o referente *mapa* foi estabelecido, o falante pode tratá-lo como identificável para o interlocutor, legitimando o artigo definido na retomada *el mapa*. Logo, classificamos a retomada anafórica por SN como [+definida]. Quanto à especificidade, *un mapa* pode ser interpretado como [+específico]. Nesse caso a oração relativa *que te daba la gana* traz essa especificidade para o sintagma.

Essa distinção é compatível com a discussão de Leonetti (1999), segundo a qual definitude e especificidade não se sobrepõem, expressões definidas podem ter leituras que não fixam um único indivíduo estável, mas selecionam um indivíduo relativo a um parâmetro contextual (nesse caso, a escolha do comprador). Nessa perspectiva, a definitude de *el mapa* decorre da identificabilidade/seleção no contexto do evento, enquanto a especificidade pode ser entendida como a existência de um referente determinado (o mapa efetivamente pedido e vendido), o que se torna ainda mais visível na retomada clítica *te lo vendían*. Logo, classificamos o SN como [+específico], há um mapa determinado em cada compra, mas não necessariamente específico de modo fixo pois não é sempre o mesmo mapa. Então podemos caracterizar como [+específico] por evento.

No que diz respeito à estratégia de retomada por apagamento, nos nossos dados a estratégia de apagamento de objeto apareceu correspondendo a 3,8% dos dados, mas todos em contexto de primeira retomada o que está previsto para o espanhol, e, portanto, são construções licenciadas. Vejamos um exemplo:

18) ...y después de mayor... practiqué [**shaolin shuang**]... un arte marcial chino
...para ver si cuando virara de Méjico... / pues practicaba Ø / volvía a practicar
shaolin shuang...

(PRESEEA-LHAB_M13_079)

No exemplo (18) apresentado acima, é possível observar um caso de apagamento do objeto direto em contexto imediato. O trecho começa com a introdução explícita do referente *practiqué shaolin shuang... un arte marcial chino*, isto é, apresenta de forma clara qual é a atividade/prática em questão e ainda acrescenta uma informação explicativa “uma arte marcial chinesa” o que aumenta a saliência discursiva desse conteúdo. A partir daí, o referente *shaolin shuang* passa a ocupar o centro informacional do enunciado e fica plenamente disponível na memória do interlocutor.

Na sequência, quando o falante organiza sua narrativa e comenta sobre um momento posterior *para ver si cuando virara de Méjico...*, ocorre o apagamento *pues practicaba Ø*. O verbo *practicar*, em espanhol, é tipicamente transitivo e seleciona um complemento de objeto direto *practicar algo*. No entanto, nesse ponto do enunciado, o complemento não aparece nem como sintagma nominal, nem como pronome clítico correspondente.

Esse apagamento não produz ambiguidade relevante porque o objeto é facilmente recuperável pelo contexto imediato, a única entidade plausível como objeto de *practicaba* é justamente *shaolin shuang*, já mencionado pouco antes. Assim, o apagamento se sustenta na recuperabilidade do referente, isto é, na possibilidade de o interlocutor reconstruir a informação omitida sem esforço interpretativo.

Além disso, a natureza semântica do referente favorece o apagamento¹³. *Shaolin shuang*, entendido como uma arte marcial, corresponde a um referente com traço [-animado]¹⁴, característica que, segundo a discussão da autora, tende a estar associada a contextos em que o objeto direto pode ser omitido, especialmente quando a informação já está ancorada no discurso. Mesmo que o nome da prática não venha acompanhado de artigo definido, sua interpretação no fragmento é definida pois trata-se de um conteúdo específico, previamente apresentado e reconhecível, o que torna desnecessária sua repetição imediata.

Depois de traçarmos um panorama dos resultados gerais das estratégias de realização da ODA de terceira pessoa, voltamo-nos de modo mais específico para a estratégia de retomada por repetição do sintagma nominal. Essa estratégia aparece como a segunda mais recorrente na gramática de Havana examinada nesta dissertação, assim como nos estudos de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023), ainda assim, tem sido pouco explorada nos estudos linguísticos sobre o espanhol.

¹³ Neste exemplo, baseado nos estudos de Silva dos Santos (2021), é o traço [-animado] que favorece o apagamento do objeto.

¹⁴ Embora o traço de animacidade figure entre os fatores considerados em parte da literatura, não o incluímos entre as variáveis analisadas nesta dissertação, uma vez que os estudos que fundamentam esta pesquisa indicam que esse traço não parece exercer influência significativa sobre a forma assumida pelo objeto.

6.3 Tipos de Anáfora e a estratégia de repetição do SN

No que diz respeito aos tipos anafóricos, adotamos como base teórica os pressupostos de Fant (1985). Nesta seção, nosso objetivo é apresentar e discutir os resultados que dizem respeito à ocorrência de anáfora direta e anáfora indireta no conjunto de dados analisado.

Diante disso, buscamos esclarecer, ao longo desta seção, qual dos dois grupos, anáfora direta ou indireta, apresentou maior peso motivacional na escolha dos participantes no que se refere às estratégias de retomada por repetição do SN, que é a estratégia a ser analisada em questão.

Retomando o que já foi exposto no Capítulo 3, entendemos por anáfora direta a relação em que há uma correspondência idêntica entre antecedente e anáfora. Nessa configuração, os dois elementos se vinculam ao mesmo referente, representando o mesmo indivíduo e/ou a mesma entidade discursiva. Além disso, conforme Fant (1985), essa identidade é caracterizada por uma equivalência plena: antecedente e anáfora compartilham não apenas o referente, mas também a mesma “quantidade de matéria” de forma total, isto é, mantém-se uma continuidade referencial sem alteração substantiva no conteúdo retomado.

Por outro lado, a anáfora indireta se distingue justamente por não preservar essa identidade completa. Ainda que antecedente e anáfora estejam inseridos no mesmo encadeamento discursivo e participem do mesmo universo referencial, a retomada não se dá por reprodução idêntica do antecedente. Nesse caso, a anáfora recupera o sentido por meio de relações de associação, inferência ou vinculação semântica e pragmática, de modo que a referência se mantém, mas não por equivalência total de forma e conteúdo. Assim, o vínculo entre antecedente e anáfora existe, porém é mediado por uma relação menos transparente e, muitas vezes, mais dependente do contexto e do conhecimento compartilhado.

A seguir, apresentamos a tabela que sistematiza os dados relativos a esses dois tipos anafóricos, de modo a evidenciar sua distribuição e sua possível correlação com a estratégia de retomada do objeto direto anafórico por repetição do SN.

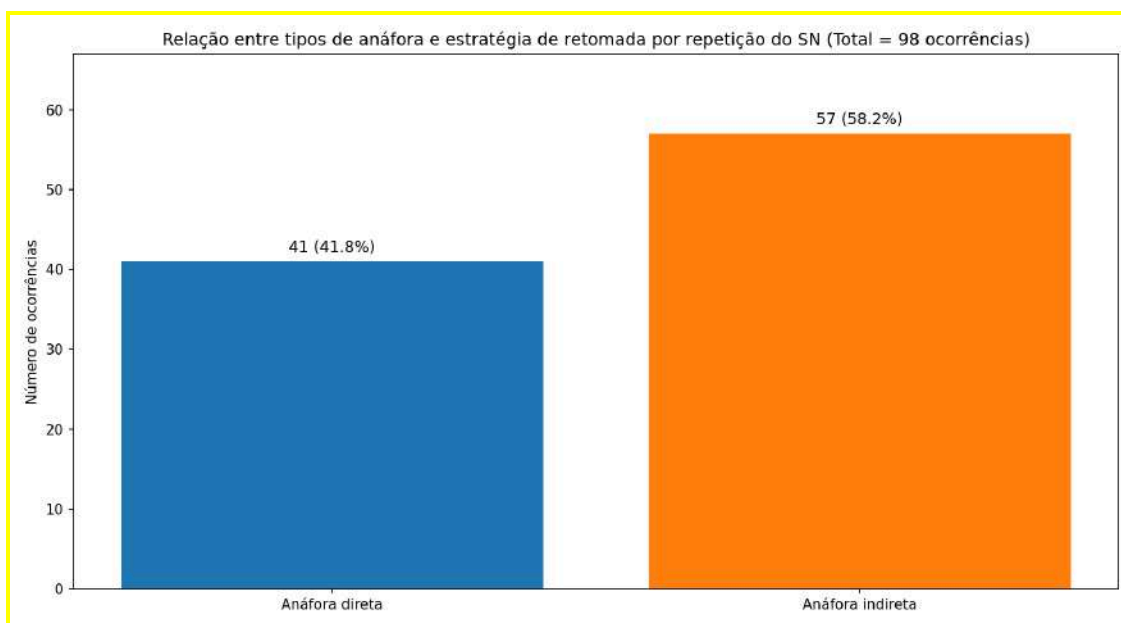


Gráfico 4: Relação entre tipos de anáfora e estratégia de retomada por repetição do SN

De acordo com o gráfico, a estratégia de retomada por repetição do SN totaliza 98 ocorrências, distribuídas em 41 casos de anáfora direta (41,8%) e 57 casos de anáfora indireta (58,2%). Nos dados de fala culta de Madri analisados por Fant (1985), embora haja predomínio geral de anáfora direta, ele observa que, na posição de complementos direto, aparece um predomínio de retomada por repetição de SN acompanhado de anáfora indireta.

Em Oliveira (2019), a análise da variedade de Medellín mostra que as retomadas por SN ocorrem tanto em contextos de anáfora direta quanto de anáfora indireta, com uma distribuição bastante equilibrada entre os dois tipos. Ainda assim, a autora evidencia que a anáfora indireta apresenta uma leve vantagem numérica quando associada ao uso de SN.

Já em Silva dos Santos (2021), ao estudar a variedade de Encarnación, propõe que a relação entre SN e anáfora indireta aparece de maneira mais marcada. O autor formula explicitamente a hipótese de que a estratégia de retomada por SN é licenciada pela anáfora indireta e seus resultados corroboram essa expectativa. Entre as diferentes estratégias anafóricas analisadas, o SN se destaca como aquela que apresenta associação mais clara com a anáfora indireta, sendo esse o contexto em que a estratégia ocorre com maior frequência relativa.

Por fim, Puertas (2023), ao analisar as variedades de Santander e de Santiago do Chile, confirma a alta produtividade da repetição de SN, que figura como uma das estratégias mais frequentes em ambas as gramáticas. Quando a autora cruza especificamente repetição de SN e tipo de anáfora, observa-se novamente um ligeiro predomínio da anáfora indireta, com

percentuais muito próximos do equilíbrio. Puertas enfatiza, contudo, que essa diferença é pequena e, por isso, interpreta o resultado como uma tendência fraca, argumentando que o tipo de anáfora não é um fator fortemente discriminador para a escolha da repetição de SN, ainda que a indireta apresente vantagem numérica.

Relacionando esses estudos ao nosso resultado sobre a variedade de Havana, tal padrão conversa diretamente com o achado de Fant (1985), Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) pois dentro do recorte “retomadas realizadas por repetição de SN” nas variedades já explicitadas e na variedade de Havana analisada por nós, a anáfora indireta aparece como o contexto favorecedor mais produtivo.

Dado o exposto, apresentamos a seguir alguns exemplos analisando os tipos de anáfora na gramática dos falantes da variedade de Havana:

19) ...no lo puedo estar acompañando porque si trabajo // no puedo dejar [mi trabajo] // porque si dejo **mi trabajo cuando regrese no tengo **el trabajito** // y no se puede vivir sin trabajar...**

(PRESEEA-LHAB_M31_031)

No exemplo (19), classificamos *mi trabajo* como antecedente e podemos observar duas retomadas nominais. A primeira retomada, *mi trabajo*, recupera o antecedente por repetição formal do mesmo sintagma nominal *trabajo* com o mesmo pronome possessivo *mi*, o que se aproxima do critério de identidade total que caracteriza a anáfora direta em Fant (1985), tal como sintetizado por Oliveira (2019).

A segunda retomada, *el trabajito*, a classificamos de maneira distinta, embora continue apontando para o mesmo referente discursivo, ela o faz com alteração morfológica (diminutivo: *trabajo* → *trabajito*) e alteração de determinação (*mi* → *el*). Essas mudanças são precisamente o tipo de não-identidade total que, no quadro de Fant (1985), conduz à anáfora indireta. Há correferência, mas a expressão anafórica reformula o referente, acrescentando um componente avaliativo/pragmático (o diminutivo tende a produzir efeitos como minimização, afetividade, ironia ou depreciação, dependendo do contexto).

Essa interpretação ganha robustez quando articulada a Puertas (2023), ao discutir os próprios exemplos de Fant (1985), a autora argumenta que mudanças no determinante já bastam para enfraquecer a identificação total e, portanto, para deslocar a classificação para anáfora indireta. Por analogia, em *mi trabajo* → *el trabajito*, a troca de determinante e a

recategorização diminutiva explicitam uma retomada que não é meramente idêntica, o que caracteriza, de acordo com Fant (1985), uma relação anafórica indireta.

Desse modo, no exemplo (19), *mi trabajo* realiza uma anáfora direta por repetição com identidade referencial estável, enquanto *el trabajito* realiza uma anáfora indireta, pois mantém o referente, mas o reintroduz sob uma forma não-idêntica, com recategorização avaliativa e mudança de determinação. Esse padrão confirma o que Oliveira (2019) e Puertas (2023) discutem para o SN. As autoras postulam que se trata de uma categoria capaz de funcionar tanto em anáforas diretas quanto indiretas, exatamente por permitir, quando necessário, que o falante combine continuidade referencial e reconstrução interpretativa do referente.

Dando sequência à nossa análise, mostramos a seguir um movimento típico de reformulações anafóricas em que o referente não é apenas retomado, mas reclassificado avaliativamente. Vejamos o exemplo (20) a seguir:

20) “...empezaría en lo que me gustó toda una vida // que fue [**la medicina**]... no la pude hacer porque... se podía llamar **ese lujo** ...”

(PRESEEA-LHAB_M31_031)

No exemplo (20) à luz do conceito que temos de tipos de anáfora, *ese lujo* tende a se classificar como anáfora indireta em relação ao antecedente *la medicina*. Não há identidade lexical nem estrutural entre as expressões, o antecedente é um SN nominal e a retomada recodifica o mesmo conteúdo referencial por meio de um SN demonstrativo *ese* com um núcleo nominal avaliativo *lujo*. Essa mudança não apenas impede a identificação total entre antecedente e anáfora como também introduz uma recategorização, medicina deixa de ser apenas medicina e passa a ser construída como luxo, isto é, como algo economicamente inacessível ou socialmente marcado. Essa é precisamente a intuição que, na tese de Puertas (2023), sustenta a noção de anáfora indireta, quando não há total identificação entre as expressões, mas permanece a correferência, estamos diante de um elo anafórico indireto.

No exemplo (20), a escolha de um SN demonstrativo *ese lujo* como forma de retomada dialoga com essa expectativa pois trata-se de uma expressão mais informativa, adequada a um contexto em que a retomada não é idêntica, mas interpretativamente orientada.

Comparando nossos exemplos (19) e (20), a semelhança mais importante é que ambos mobilizam a anáfora indireta como recurso de reconstrução do referente, tanto *el trabajito*

quanto *ese lujo* retomam o antecedente sem identidade total e acrescentam uma camada interpretativa avaliativa ao referente. Esse comportamento é compatível com o que Oliveira (2019) propõe para a retomada por SN, por ter alta carga de informação semântica, o SN pode não apenas retomar totalmente, mas também acrescentar nova informação e realizar retomadas indiretas.

As diferenças, por sua vez, podem ser observadas em dois níveis. Primeiro, o exemplo (19) possui o antecedente *mi trabajo*, combina anáfora direta *mi trabajo* e anáfora indireta *el trabajito* na mesma sequência, enquanto o exemplo (20) possui o antecedente *la medicina* realiza a retomada já como indireta *ese lujo*, sem uma etapa intermediária de repetição idêntica.

Segundo, no plano do processamento/identificação, Puertas (2023) sugere que a anáfora indireta tende a ser mais custosa por não envolver identificação total, mas observa que o encabeçamento por demonstrativo pode tornar essa identificação menos custosa por explicitar a continuidade referencial. Nesse sentido, é plausível interpretar que no exemplo (20) *ese lujo* com o demonstrativo fornece um atalho de acesso ao antecedente, enquanto no exemplo (19) *el trabajito* depende mais da inferência discursiva e da reinterpretação avaliativa para garantir o mesmo grau de rastreabilidade.

Dando continuidade à nossa análise, observemos o exemplo abaixo:

21) I.: ... me presenté de nuevo al banco // pedí la renovación de **[la tarjeta]**

E.: ¿salen rápido los trámites?

I.: una semana // una semana tenía **la tarjeta** en mis manos

(PRESEEA-LHAB_H11_001)

No exemplo (21), temos *la tarjeta* como antecedente, e *la tarjeta* como estratégia de retomada por repetição do SN. Essa retomada configura, no quadro de Fant (1985), um caso prototípico de anáfora direta, pois há identidade total entre antecedente e elemento anafórico, a mesma expressão nominal é repetida, sem recategorização lexical e sem alteração relevante de encabeçamento. Essa é exatamente a definição apresentada por Oliveira (2019) ao citar Fant(1985): a anáfora direta corresponde a uma relação de identidade total entre antecedente e anáfora, que aponta de forma precisa para o mesmo referente.

A repetição literal de *la tarjeta* com o mesmo artigo definido favorece uma identificação imediata do referente, sem exigir inferências associativas como nos casos de hiperonímia/hiponímia ou de caracterização do antecedente que Puertas (2023) descreve como típicos da anáfora indireta. Essa classificação fica ainda mais clara quando articulada à discussão de Puertas (2023) sobre critérios de (não)identificação. A autora explicita que consideraria anáfora direta quando a retomada ocorre exatamente pelo mesmo SN com o mesmo determinante (ou por clítico), e que diferenças de encabeçamento/determinante já podem impedir a total identificação, deslocando o caso para anáfora indireta.

Como no nosso exemplo (21) o antecedente *la tarjeta* é retomado por *la tarjeta* com o mesmo artigo definido e a mesma forma lexical, o vínculo se enquadra no polo direto. Além disso, Puertas (2023) argumenta que, em geral, o processamento de anáforas diretas tende a ser menos custoso por envolver identificação total.

Comparando nosso exemplo (21) com os exemplos (19) e (20), o exemplo (21) configura anáfora direta pois a retomada é idêntica e não impõe recategorização do referente. Em contraste, os exemplos (19) e (20) mobilizam em graus distintos anáfora indireta. No exemplo (19) há alternância primeiro pela anáfora direta *mi trabajo*, depois uma anáfora indireta *el trabajito*, que reintroduz o referente com avaliação e mudança de forma. Já no exemplo (20), a retomada *ese lujo* é indireta, porque substitui a nomeação do antecedente por uma rotulação avaliativa, além de ocorrer com demonstrativo, padrão que Puertas (2023) descreve como correferencial, mas sem identificação total.

Em suma, isso significa que o exemplo (21) privilegia a continuidade referencial por identidade, enquanto os exemplos (19) e (20) privilegiam a continuidade por reconstrução do referente (não-identidade total + ganho avaliativo). Essa oposição dialoga diretamente com a explicação de Silva dos Santos (2021): por transitar entre os níveis, o SN pode não só retomar o antecedente, mas também adicionar uma informação explícita e, assim, referir-se ao antecedente de modo indireto exatamente como ocorre em (19) e (20), mas não ocorre em (21).

Observemos o próximo exemplo a seguir:

22) E.: ... ¿sabes dónde hay **[un estanquillo]**? ¿me puedes explicar cómo se llega?

I.: ... hay **un estanquillo** donde venden periódico ...

I.: ... al final del mercado encuentra **el estanquillo**

No exemplo (22), a retomada *un estanquillo* repete o mesmo sintagma nominal do antecedente, com o mesmo núcleo *estanquillo* e o mesmo determinante indefinido *un*. Isso se configura como relação de identidade total entre antecedente e elemento anafórico que classificamos como anáfora direta baseado em Fant (1985).

Já em *el estanquillo*, o núcleo lexical é mantido, mas há mudança no determinante (*un* → *el*), isto é, o referente passa de *un estanquillo* (qualquer) para *el estanquillo*, agora tomado como identificável/único no contexto. Se seguimos uma leitura estrita do critério de identidade total, como a assumida por Puertas (2023), essa alteração de encabeçamento impede a identificação total e desloca a retomada para anáfora indireta. Puertas (2023) explicita que consideraria anáfora direta apenas quando a retomada ocorre exatamente pelo mesmo SN com o mesmo determinante e argumenta que a troca de determinante pode gerar interpretações distintas, razão pela qual não haveria total identificação.

Dado o exposto, com *un estanquillo* como antecedente, a primeira anáfora *un estanquillo* é um caso de anáfora direta por identidade total, já *el estanquillo* tende a ser anáfora indireta quando se adota o critério muito usado em Puertas (2023) e compatível com Silva dos Santos (2021) de que mudança de determinante rompe a identificação total, embora o referente permaneça o mesmo.

A partir dos exemplos (21) e (22), podemos observar que no exemplo (21) a retomada mantém identidade total e não introduz recategorização nem alteração de determinante, caracterizando assim uma anáfora direta. Já o exemplo (22) mostra uma transição dentro do mesmo encadeamento, começa com anáfora direta *un estanquillo* e depois introduz uma retomada que, no critério de Puertas (2023), é indireta por mudança de determinante *el estanquillo*.

Essa diferença tem consequências sintáticas relevantes. No caso do exemplo (22), o artigo definido sinaliza que o referente passa a ser tratado como identificável/localizável (*al final del mercado*), isto é, a retomada não apenas recupera o antecedente, mas ajusta o seu estatuto informacional. Essa é uma boa ilustração do que Oliveira (2019) descreve quando afirma que o SN pode acrescentar uma nova informação e, assim, sustentar retomadas não totalmente idênticas (indiretas). Também conversa com o trabalho de Silva dos Santos (2021), que observa que o SN pode transitar entre anáfora direta e indireta e pode adicionar uma informação explícita, referindo-se ao antecedente de modo indireto.

Os exemplos (21) e (22) compartilham o uso do SN e exibem anáforas diretas por repetição, mas se distinguem porque, enquanto no exemplo (21) mantém anáfora direta, o caso do exemplo (22) combina anáfora direta e indireta através da mudança de determinante, mostrando como pequenas alterações formais podem deslocar o valor anafórico no sentido discutido por Fant (1985) e explicitado por Puertas (2023).

Continuando nossa análise acerca dos tipos de anáfora, vejamos o exemplo (23) abaixo:

23) “...arriba / había ... una ventanita // donde se pagaba [el ticket]
...<simultáneo> te daban </simultáneo> **el ticket / la entrada** pero no / el
hombre hizo así / pam / y le dio **el ticket**

(PRESEEA-LHAB_H33_097)

No exemplo (23), *el ticket* funciona como antecedente e, na sequência, a primeira retomada *el ticket* configura um caso de anáfora direta. Trata-se do mesmo SN, sem modificações do antecedente e da anáfora. Como antecedente e retomada coincidem formalmente no mesmo núcleo e no mesmo determinante, a identificação do referente é imediata e não depende de inferências associativas.

Já a segunda anáfora *la entrada*, introduzida no próprio fluxo *el ticket / la entrada*, funciona como uma recategorização do mesmo referente, o objeto que estava sendo nomeado como *ticket* passa a ser nomeado como *entrada* isto é, outra designação lexical para o mesmo item. Do ponto de vista da categorização proposta por Fant (1985), podemos classificá-lo então como anáfora indireta, porque a retomada não mantém identificação total com o antecedente.

Além da substituição lexical *ticket* → *entrada*, há mudança de encabeçamento de gênero/determinante *el* → *la*, reforçando que não se trata de repetição idêntica. Além disso, Puertas (2023), ao comentar Fant (1985), inclui entre os exemplos de anáfora indireta casos em que a ligação se estabelece por relações paradigmáticas/associativas (hiponímia, hiperonímia, paronímia e afinidades associativas). Mesmo que *ticket/entrada* seja melhor descrito como sinonímia funcional (duas formas de designar o mesmo título de acesso), o mecanismo se aproxima desse tipo de ligação associativa no paradigma, a retomada não repete o antecedente, mas o reintroduz por uma designação do mesmo domínio semântico, o que se alinha à lógica da anáfora indireta em Fant (1985).

Por fim, a última ocorrência, *el ticket* volta ao padrão de anáfora direta, porque recupera o antecedente por repetição formal, restabelecendo a identidade total do SN. Essa

oscilação entre anáfora direta e indireta dentro de um mesmo trecho dialoga diretamente com o que Oliveira (2019) e Silva dos Santos (2021) observam sobre o SN como estratégia de retomada. Para Oliveira, o SN tem alta carga de informação semântica, o que permite não apenas retomar totalmente um antecedente, mas também acrescentar uma nova informação ou retomar de forma indireta, razão pela qual ele aparece em proporções próximas em anáforas diretas e indiretas.

Assim, o exemplo (23) mostra duas anáforas diretas e uma anáfora indireta por reformulação lexical, sendo a reformulação lexical um padrão muito compatível com a ideia compartilhada nesses estudos, de que a categoria SN é particularmente flexível para sustentar tanto continuidade referencial por identidade quanto continuidade por recategorização/associação.

Vejamos mais um exemplo a seguir:

24) ...este fin de año fue un fin de año/ traté de unir reunir [**parte de mis nietos**]/ no lo pude lograr.../creo que lo mismo / o mejor // tratar de unir **los otros nietos** que no estuvieron / tenerlos juntos...

(PRESEEA-LHAB_M31_031)

No exemplo (24), antecedente *parte de mis nietos* introduz um referente coletivo partitivo, não é todos os netos, mas um subconjunto, uma parte. A anáfora *los otros nietos* ativa um contraste interno no mesmo domínio *netos* e reconfigura o conjunto por meio do operador *otros*, que normalmente implica nos netos não incluídos naquele subconjunto, e a relativa *que no estuvieron* reforça essa delimitação. Portanto, não se trata de uma repetição idêntica do antecedente, é uma retomada que depende do antecedente para ser interpretável, “os outros” só existe em relação a “uma parte”. Esse tipo de ligação é exatamente o que, na leitura de Fant (1985), é caracterizado como anáfora indireta.

Na anáfora *los otros nietos que no estuvieron* não só retoma o domínio netos, mas adiciona informação estruturante para o raciocínio do falante, que há uma divisão do conjunto de netos em pelo menos dois subconjuntos, um desses subconjuntos não esteve presente e que o objetivo futuro é reuni-los. Esse ganho informacional é típico de retomadas indiretas realizadas por SN.

A partir dos exemplos (23) e (24), podemos observar que ambos ilustram a anáfora indireta como estratégia de continuidade referencial sem identidade total. No exemplo (8),

ocorre por recategorização lexical com o SN *la entrada*; no exemplo (24), ocorre por contraste e complementação partitiva com o SN *los otros nietos*. As diferenças em (23) e (24) são estruturais. No exemplo (23) temos anáfora direta → indireta → direta, nele há dois elos claramente diretos por repetição idêntica, e a indireta aparece como um desvio pontual de rotulação dentro da mesma referência situacional.

Já no exemplo (24), a retomada é apenas indireta, ela não retoma por repetição, mas reorganiza o referente desde a sua reintrodução, explorando uma relação lógico-discursiva (parte/todo; incluídos/excluídos) que exige inferência a partir do antecedente. Essa diferença também explica o efeito discursivo no exemplo (23) em *ticket/entrada*, a anáfora indireta renomeia o mesmo objeto, em (24), a anáfora indireta projeta o plano futuro de ter os netos juntos, isto é, usa a anáfora para estruturar a argumentação e não apenas para manter o rastro referencial.

Dando sequência aos dados encontrados, vejamos mais um exemplo:

25)“...robaron un<alargamiento/> una comp <palabra_cortada/> na computadora / cerraron **[el laboratorio]** / y después vino el cierre de la / de la Facultad / cuando encontraron la computadora / que encontraron el <extranjero> Data Show </extranjero> / que abrieron **el laboratorio** enseguida vino el cier <palabra_cortada/> el cambio de / de la facultad y ahí sí ya **lo** cerraron todo / por eso te decía que era una historia complicada / y<alargamiento/> lo que pude hacer entonces en ese tiempo tuve que cambiar cuando cerraron **el laboratorio** y empezar a estudiar lo que es la fisiología humana”

(PRESEEA-LHAB_M13_079)

No exemplo (25), em primeiro lugar, *el laboratorio* é a introdução do referente no recorte. Na tipologia de valor anafórico/tipo de anáfora apresentada por Oliveira (2019), um item é não anafórico quando entra pela primeira vez no contexto e não tem antecedente. Assim, *el laboratorio*, por ser o primeiro ponto no trecho, corresponde ao momento de introdução e o classificamos como não anafórico.

Quando o informante repete o SN *el laboratorio* pela primeira vez, a retomada se caracteriza como anáfora direta por ter uma identidade total com o antecedente. Nesse sentido, *el laboratorio* → *el laboratorio* é o caso prototípico de anáfora direta nas duas descrições.

A repetição do mesmo SN, em vez de um pronome ou de uma forma elíptica, aumenta a robustez coesiva, em uma sequência narrativa rápida e com possíveis rupturas da oralidade, a retomada lexical reancora o tópico e reduz a margem de ambiguidade, mantendo *laboratorio* como ponto de estabilidade sobre o qual se acumulam predicações sucessivas e contrastivas com o uso dos verbos fechar e abrir.

Já a retomada pelo clítico *lo* Oliveira (2019) mostra que, nos dados discutidos a partir de Fant (1985), clíticos aparecem fortemente associados a anáforas diretas e SNs aparecem muito em anáforas indiretas/não anafóricas, justamente porque clítico é uma forma de baixa carga informacional e tende a retomar de forma total o antecedente. Logo, em nosso exemplo (25), classificamos a segunda retomada por clítico *lo* como anáfora direta.

Em seu estudo, Puertas (2023) explicita um critério mais restritivo para anáfora direta quando a retomada é por SN (exigindo identidade de encabeçamento/forma/estrutura), e também propõe que certas retomadas por clítico sem total identificação poderiam cair como indiretas por exemplo, discordância de número entre antecedente e clítico. Em nosso trecho, porém, *el laboratorio* é singular e o clítico *lo* é compatível com esse antecedente, então mesmo pelo filtro de Puertas (2023), *el laboratorio* → *lo* permanece como anáfora direta, e o retorno de *el laboratorio* como a terceira retomada, classificamos como anáfora direta.

Vejamos mais um exemplo:

26)I.: <entre_risas> ¡ah<alargamiento/> / el fin de año! </entre_risas> / el fin de año es algo / generalmente la familia se reúne <ruido = "autos pasan"/> / se hace la / bueno / **[la comida típica del cubano]** / arroz / congrí / y esas cosas <ruido = "portazo"/> // me gusta preparar **esa comida**.

(PRESEEA-LHAB_M23_091)

No exemplo (26), aplicando os conceitos sobre tipos de anáfora, temos o SN *la comida típica del cubano* como antecedente. O SN *esa comida* retoma claramente o mesmo referente *la comida típica del cubano* mencionada e exemplificada por *arroz*, *congrí*, mas não mantém identidade total com o antecedente, muda o determinante: *la* → *esa* e reduz a descrição *típica del cubano*. Assim, por não retomar o antecedente de forma total, classificamos como anáfora indireta correferencial, mas sem identidade total.

Em Silva dos Santos (2021), a leitura de Fant (1985) é explicitamente mais estrita: anáfora direta seria quando antecedente e anáfora constituem o mesmo elemento anafórico,

isto é, a mesma quantidade de matéria, o mesmo SN, sem modificações. Como *la comida típica del cubano* e *esa comida* não são o mesmo SN sem modificações pois há mudança de determinante e apagamento do modificador), o exemplo se ajusta ao que ele o autor descreve como retomada parcial, associada à anáfora indireta.

Já Puertas (2023), trata como anáfora indireta casos em que um antecedente é retomado por um SN com determinante forte demonstrativo justamente porque, apesar da correferência, a referência não se faz com total identificação. Nesse molde, *esa comida* (SN com demonstrativo) se encaixa como anáfora indireta, porque é correferente, mas não idêntica ao antecedente.

Em (26) a escolha de *esa comida* ativa um tipo morfossintático que, em Fant (1985) na leitura retomada por Puertas (2023), carrega um valor de força enfática, Fant (1985) assume que cada tipo morfossintático pode ser ordenado numa hierarquia de força, e nessa ordenação aparecem pronomes demonstrativos como *esa* e clíticos, situados em níveis diferentes de força/proeminência. Assim, o demonstrativo marca uma retomada mais forte do que estratégias de baixa força, funcionando como um realce do referente retomado. Por isso, mesmo sendo correferente, o classificamos como anáfora indireta.

A partir dos exemplos (25) e (26), podemos observar que em (25), o antecedente *el laboratorio* é retomado por *el laboratorio / lo / el laboratorio*. A repetição de *el laboratorio* preserva a ideia de retomada sem modificação, característica típica da anáfora direta onde há correspondência integral com o antecedente. Além disso, clíticos são tratados como retomadas que mantêm identidade total com o antecedente quando funcionam como elemento anafórico direto. Assim, em (25), as retomadas destacadas se alinham ao padrão de anáforas diretas.

Em divergência com o exemplo anterior, em (26) o antecedente *la comida típica del cubano* é retomado por *esa comida*. Aqui, embora o referente seja o mesmo, não há identidade total entre antecedente e retomada, há mudança do determinante *la* → *esa* e simplificação do SN pois a descrição *típica del cubano* não aparece na retomada. Pelo critério de Fant (1985), isso configura anáfora indireta por faltar identidade total com o antecedente. No recorte discutido por Puertas (2023), a mudança de determinante é justamente um dos sinais de que não se trata de anáfora direta, pois a anáfora direta seria apenas por clítico ou pelo mesmo SN com o mesmo determinante, caso contrário, é interpretada como indireta.

Em suma, no exemplo (25) é um encadeamento de retomadas predominantemente diretas onde temos a repetição do mesmo SN e clítico como forma de identidade total, enquanto em (26) é um caso de retomada indireta, porque o SN *esa comida* recategoriza e

encabeça diferentemente o antecedente, sem manter identidade total, embora preserve a referência.

No recorte da retomada por repetição do SN na variedade de Havana, de acordo com o nosso gráfico 2, a estratégia de retomada por repetição do SN totaliza 98 ocorrências, distribuídas em 41 casos de anáfora direta (41,8%) e 57 casos de anáfora indireta (58,2%). Esse leve predomínio da anáfora indireta, no recorte específico das retomadas nominais, conversa com a observação de Fant (1985) de que, embora haja predomínio geral de anáfora direta em seus dados, na posição de complementos diretos tende a aparecer uma maior associação entre retomada por SN e anáfora indireta.

Além disso, o nosso resultado se aproxima do resultado encontrado por Oliveira (2019) para seus dados da variedade de Medellín, em um montante de 77 ocorrências a retomada por SN também se distribui de forma muito próxima entre anáfora direta (18,8%) e anáfora indireta (20,3%), o que reforça a ideia de que o SN, por sua maior carga informacional, pode sustentar tanto retomadas por identidade quanto retomadas sem identificação total. Já nos dados de Silva dos Santos (202) da variedade de Encarnación, o vínculo entre anáfora indireta e retomada por SN também se mostra em maior quantidade. Entre as estratégias consideradas pelo autor, em um montante de 104 ocorrências de retomada por SN, a repetição do SN é reportada com 44 ocorrências por anáfora direta e 60 ocorrências por anáfora indireta.

Puertas (2023) encontra, na repetição do SN, um cenário igualmente equilibrado, com pequena vantagem da anáfora indireta em Santander (52%) e Santiago do Chile (51%), e conclui que o tipo de anáfora não marca nitidamente a seleção da repetição do SN, dado o baixo desnível entre os tipos. Assim, os nossos dados da variedade de Havana se alinham aos achados nos estudos de Fant (1985) sobre Madri, Oliveira (2019) sobre Medellín, Silva dos Santos (2021) sobre Encarnación e Puertas (2023) sobre Santander e Santiago do Chile no que diz respeito aos tipos de anáfora.

6.4 O traço de definitude e a estratégia de repetição do SN

No que diz respeito ao traço de definitude, adotamos como base teórica os pressupostos de Laca (1999). Nesta seção, nosso objetivo é apresentar e discutir os resultados relativos à distribuição de sintagmas nominais [+definidos] e [-definidos] no conjunto de dados analisado, observando em que medida esse traço se correlaciona com a estratégia de retomada do objeto direto anafórico por repetição do SN.

Diante disso, buscamos esclarecer, ao longo desta seção, qual dos dois valores de definitude, isto é, [+definido] e [-definido] apresentou maior peso motivacional na escolha dos participantes quanto ao emprego da repetição do SN. Partimos do entendimento de que a definitude não se reduz a um marcador formal como o artigo definido, mas diz respeito ao modo como o referente é introduzido, reconhecido e recuperado no discurso, garantindo que falante e ouvinte coordenem o acesso ao mesmo referente. Assim, um SN é tomado como definido quando a entidade pode ser identificada pelo interlocutor e interpretada como única no contexto discursivo ou situacional, já a leitura indefinida tende a ocorrer quando essa identificabilidade não está assegurada no momento da introdução.

Retomando o que foi exposto no Capítulo 3 desta dissertação, Laca (1999) enfatiza que, no espanhol, a definitude se articula à classe dos determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, quantificadores etc), e que a língua apresenta forte tendência à presença desses elementos na estrutura do SN. Nesse quadro, a ausência de determinante ocorre de modo mais típico com nomes próprios por serem, em muitos contextos, intrinsecamente identificáveis, ao passo que até mesmo leituras genéricas frequentemente recorrem ao artigo mostrando que a marcação de definitude não é exclusiva de contextos estritamente referenciais.

Além disso, conforme Laca (1999) a definitude pode ser sinalizada por pistas diversas e não apenas pelo artigo e, crucialmente, a identificabilidade do referente nem sempre depende de menção prévia pois muitas vezes, ela decorre de inferência associativa, isto é, de vínculos pragmáticos previsíveis que tornam o referente recuperável no modelo mental compartilhado. É justamente nessa interface que a definitude se torna central para interpretar a repetição do SN, quando há maior custo inferencial, a repetição de um SN definido pode funcionar como recurso de reativação e estabilização referencial, evitando ambiguidades e assegurando a rastreabilidade do referente no texto.

A seguir, apresentamos o gráfico que sistematiza os dados relativos aos traços [+definido] e [-definido], de modo a evidenciar sua distribuição e sua possível correlação com a estratégia de retomada do objeto direto anafórico por repetição do SN.

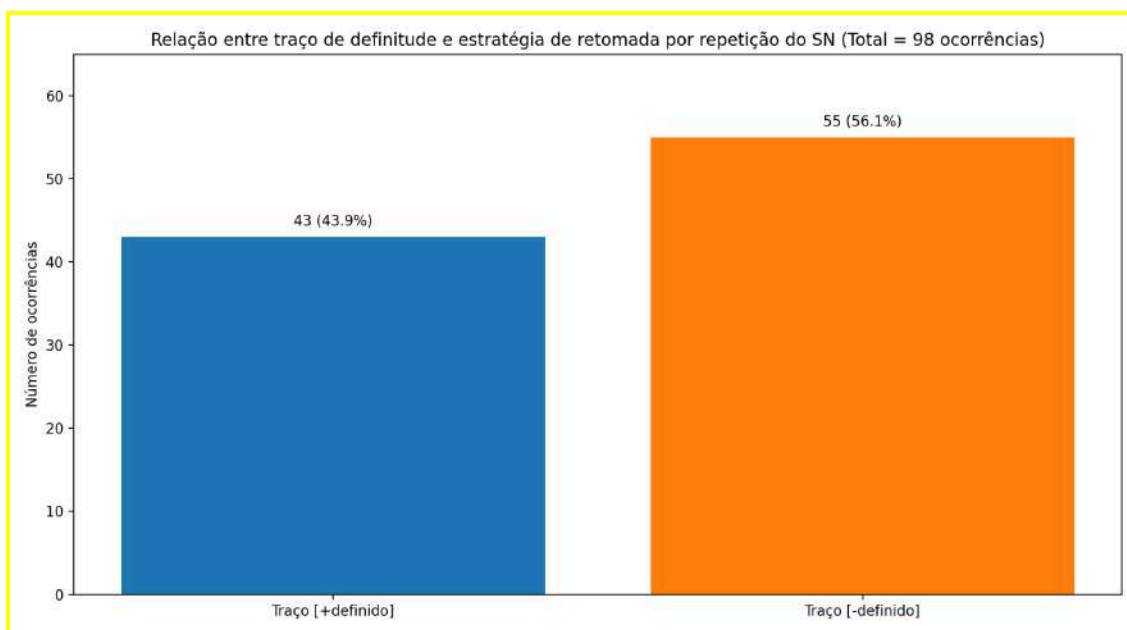


Gráfico 5: Relação entre os traços de definitude e estratégia de retomada por repetição do SN

De acordo com o gráfico, as ocorrências da estratégia de retomada por repetição do SN no que diz respeito ao traço de definitude estão distribuídas em 43 ocorrências com o traço [+definido] (43,9%) e 55 ocorrências com o traço [-definido] (56,1%). Nos dados analisados por Puertas (2023) sobre a variedade de Santander e Santiago do Chile, o traço de definitude do antecedente não se mostra um fator decisivo em nenhuma das duas variedades. Na variedade de Santander, (54%) das ocorrências de repetição de SN têm antecedente [-definido] e (46%) têm antecedente [+definido]. Já em Santiago do Chile, (55%) das ocorrências aparecem com antecedente [-definido] e (45%) com antecedente [+definido]. Ou seja, há uma preferência por antecedentes [-definidos] nas duas amostras, mas a diferença é pequena e o comportamento geral é equilibrado.

Relacionando nosso resultado sobre a variedade de Havana, esse padrão conversa diretamente com o achado de Puertas (2023) pois nosso resultado mostra uma pequena diferença entre os traços [-definido] e [+definido] nos levando a considerar que na gramática de Havana o traço de definitude não se mostra um fator decisivo para a forma que o ODA toma.

Dado o exposto, apresentamos a seguir alguns exemplos analisando os traços de definitude na gramática dos falantes da variedade de Havana:

27)..eeh iba por <vacilación/> por por veintinueve por la calle veintinueve y eeh en un en una esquina no<alargamiento/> no me fijé que había [un pare]

/ eeh violé **esa señal** y casualmente eeh por B venía<alargamiento/> por B o por A / no me acuerdo ahora que calle exactamente venía subiendo la ruta ocho y eeh al llevarme el pare eeh la ruta ocho / eeh venía subiendo no me dio tiempo a pasar completamente y me chocó por el lado lateral eeh de de atrás

(PRESEEA-LHAB_H13_073)

No exemplo (27), aplicando os conceitos sobre definitude de Laca (1999) *un pare* é introduzido com artigo indefinido *un*, o que, na linha de Laca (1999), aponta para um antecedente com menor grau de definitude, isto é, associado ao traço [-definido], trata-se de uma primeira introdução do referente no discurso, sem pressupor identificação prévia pelo interlocutor. Em seguida, a expressão *esa señal* retoma anaforicamente esse mesmo referente por meio de um demonstrativo *esa*, e esse tipo de determinante tende a marcar o referente como identificável/recuperável no contexto discursivo, elevando o grau de definitude na retomada.

Essa leitura se articula bem com a forma como Laca (1999) enfatiza que a definitude é um traço sintático relacionado ao tipo de determinante e que o valor [-definido] do antecedente é relevante para o comportamento de formas anafóricas, além de mencionar ocorrências de retomada com pronome demonstrativo. Essa leitura mostra como a presença de determinação favorece uma leitura mais delimitada e identificável do referente em contraste com nomes sem determinação, mais genéricos, e observa que a definitude parece ter relevância, ainda que não funcione sozinha como restrição categórica, já que antecedentes definidos e indefinidos podem, em certos contextos, estar associados a omissão/recuperação discursiva.

Laca (1999) reforça diretamente esse caminho ao sistematizar que o traço de definitude depende da categoria dos determinantes e ao distinguir determinantes fortes e fracos: artigos indefinidos são classificados como determinantes fracos, ligados à interpretação indefinida e ao traço [-definido], enquanto demonstrativos são determinantes fortes, associados à [+definido] e precisamente aptos a recuperar um referente já estabilizado no discurso, algo que os determinantes fracos não fazem da mesma maneira. Assim, considerando *un pare* como antecedente e *esa señal* como retomada, o antecedente deve ser caracterizado como menos [-definido] e a retomada como [+definida], porque reclassifica o mesmo referente como identificável no discurso por meio de um demonstrativo.

Observemos mais um exemplo:

28) como te dije tengo **[al niño chiquito]** / de tres años // no me deja hacer / me impide // muchas cosas que quisiera hacer / ¿entiende? / como ir al cine // me / me impide mucho / casi siempre busco alguien que tenga una película que se haya puesto que me interese y la pongo en la casa y // <ininteligible/> pueda atender **a mi hijo más chiquito** y / y poder ver la película

(PRESEEA-LHAB_H21_013)

No exemplo (28), antecedente *al niño chiquito* é, do ponto de vista morfossintático, um SN encabeçado por determinante definido: *al* = *a* + *el* isto é, há artigo definido. Dentro do enquadramento de Laca (1999), isso tende a colocá-lo no polo [+definido] porque o traço de definitude é entendido como diretamente condicionado pela categoria dos determinantes e pela presença/ausência e também pelo tipo de determinante no SN.

Ao caracterizar a classe dos determinantes no espanhol, Laca (1999) inclui justamente itens como artigos e possessivos como parte dessa classe que precede o nome e participa da construção da referência. E, quando esses artigos são descritos, a própria discussão ressalta que os artigos definidos se associam à leitura [+definida] então nesse recorte, *al niño chiquito* é [+definido].

Essa leitura fica ainda mais clara quando olhamos a retomada *a mi hijo más chiquito*, aqui o SN é encabeçado pelo possessivo *mi*, que também funciona como determinante e reforça a identificação do referente. Leonetti (1999) salienta que a interpretação do traço de definitude se liga à oposição determinantes fortes versus fracos, um SN com determinante forte recebe interpretação [+definido], e entre esses determinantes fortes aparecem explicitamente artigos definidos e possessivos.

Essa mesma linha também é compatível com a ideia de que determinantes fortes favorecem acesso a referentes já disponíveis no discurso. Em nosso exemplo (28), a progressão *al niño chiquito* → *mi hijo más chiquito* é justamente um encadeamento em que a segunda expressão pressupõe/reactiva um referente já introduzido e ainda o especifica pela relação de posse.

Ainda nos baseando nos estudos de Laca (1999), a autora postula que a definitude é um traço sintático, identificável não só pela presença/ausência de determinante, mas também pelo

tipo de determinante que integra o sintagma. Aplicando esse conceito ao nosso exemplo, tanto o antecedente (com artigo definido *el*, em *al*) quanto a retomada (com possessivo *mi*) carregam determinantes que, na classificação típica, tendem a ser [+definidos]. Logo, a relação anafórica é construída com material nominal fortemente definido em ambos os pontos.

No trabalho de Silva dos Santos (2021), o autor faz uma formulação para conectar definitude à determinação. O autor comenta que, quando há artigo, há delimitação de informação, por outro lado, quando não há determinação o leitor/interlocutor fica sem saber a que exatamente o falante se refere. Trazendo essa formulação para a análise do nosso exemplo, o SN *al niño chiquito* já apresenta o referente como delimitado/determinado, e *mi hijo más chiquito* reforça essa delimitação ao vinculá-lo a um possuidor identificável (o falante), o que aumenta a recuperabilidade do referente e é totalmente coerente com o que propomos em nossa descrição.

Em suma, portanto, tomando *al niño chiquito* como antecedente e *a mi hijo más chiquito* como retomada anafórica, o antecedente é [+definido] pois ele está encabeçado por artigo definido ($al = a + el$) e a retomada reapresenta o mesmo referente com possessivo, outro determinante tipicamente forte e [+definido] o que, na linha de Laca (1999), favorece a identificação e o acesso discursivo do referente já introduzido.

A partir dos exemplos (27) e (28), podemos destacar uma diferença na definitude. No exemplo (27), o antecedente *un pare* é introduzido por artigo indefinido, o que o aproxima do traço [-definido], já a retomada *esa señal* aparece com demonstrativo, um determinante típico de leitura definida e alto poder de identificação no discurso. Essa mudança é exatamente o que a tipologia forte/fraco, discutida em Leonetti (1999), prevê: determinantes fracos tendem à interpretação indefinida e ao traço [-definido], e a própria tese da autora interpreta os artigos indefinidos como fracos, por outro lado, demonstrativos figuram entre os determinantes fortes, que se comportam como determinantes definidos. Além disso, nessa mesma linha, determinantes fracos não favorecem a recuperação de um referente já introduzido, enquanto determinantes fortes (como demonstrativos, possessivos e artigo definido) favorecem essa recuperação, o que ajuda a explicar porque o falante pode introduzir com indefinido e depois retomar com demonstrativo quando o referente já está ativo no contexto.

No exemplo (28), não há essa virada, tanto o antecedente *al niño chiquito* quanto a retomada *a mi hijo más chiquito* são realizados com determinantes associados ao traço [+definido], primeiro com artigo definido e depois com possessivo, que também é

determinante forte. Esse contraste interno ao par é importante pois no exemplo (27), a retomada marca uma passagem de menor para maior definitude; no exemplo (28), há manutenção e até reforço da definitude, porque o possessivo ancora o referente aumentando a identificabilidade.

Essa diferença conversa diretamente com o que Silva dos Santos (2021) observa sobre determinação e delimitação pois quando há artigo e determinação, o referente tende a ficar mais delimitado/identificável e quando não há determinação, a referência fica mais aberta e menos identificável.

Aplicando esse conceito aos exemplos destacados, em (27) embora exista determinante, ele é indefinido e funciona como introdução menos identificável do referente, a retomada com demonstrativo faz o trabalho de tornar o referente salientado e apontável no discurso. Em (28), desde o início o referente já aparece com artigo definido (mais delimitado) e, na retomada, o possessivo mantém o referente firmemente identificado e ainda o especifica como parte de uma relação familiar do locutor. Em suma, os dois exemplos apresentados são semelhantes por mostrarem como a anáfora se apoia na classe de determinantes para gerir identificação, mas diferem porque o exemplo (27) exibe uma escala ascendente de definitude (indefinido → demonstrativo), enquanto o exemplo (28) mantém o referente em alta definitude do começo ao fim (definido → possessivo).

Dando sequência aos dados encontrados, vejamos mais um exemplo:

29) con un pañito arriba bien amarradito así // y preparo **[un almíbar]** //
cuando ya el pudín está fresco / no caliente para que no se desbarate / le
echo **el almíbar** // cojo una bandejita / un plato o algo ¿no?

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (29), temos *un almíbar* como antecedente e *el almíbar* como retomada. Considerando a proposta da noção de definitude em Laca (1999), o antecedente é [-definido]. Isso porque a autora postula que a definitude é rastreada pela classe de determinantes que encabeça o SN, e os artigos formam justamente o subsistema mais diretamente ligado aos estudos sobre definitude, já que os antecedentes costumam ser encabeçados por um artigo definido ou indefinido. Quando o SN é introduzido por artigo indefinido, ele se alinha ao traço [-definido]. No conceito retomado por Puertas (2023), determinantes fracos têm interpretação indefinida, carregam o traço [-definido], interpretando assim os artigos

indefinidos como determinantes fracos justamente por não trazerem identificação prévia do referente.

Já a retomada com artigo definido *el*, se liga ao traço [+definido], porque o artigo definido é tratado como determinante definido e a categoria mais definida dos artigos está associada a uma leitura [+definida]. A consequência discursiva disso, ainda na mesma linha teórica, é que um SN fraco/indefinido tende a introduzir um referente, enquanto um SN encabeçado por determinante forte/definido favorece a recuperação de algo já disponível no discurso. Por isso, nosso exemplo (29), é esperado que *un almíbar* seja seguido por *el almíbar* (retomada anafórica, [+definida]).

Observemos outro exemplo abaixo:

30) pero eeh entró una profesora y dijo que no había **[laptops]** y que entonces no había con qué exponer los trabajos eeh entonces eso me preocupó y eeh hablé con la profesora y le pregunté que si uno conseguía **una laptop** o algo podría exponer el trabajo / ella dijo que sí que que todavía había tiempo /

(PRESEEA-LHAB_H13_073)

No exemplo (30), o antecedente *laptops* aparece como um nome sem determinante. Partindo dos pressupostos de Laca (1999), o ponto central é que a definitude é condicionada pela categoria dos determinantes e que a polaridade do traço pode depender tanto da presença quanto da ausência de determinante. Nesse sentido, um SN sem artigo/determinante como *laptops* tende a cair no polo menos definido, justamente porque não há um elemento determinante que restrinja/identifique o referente. Assim, baseado nessa caracterização, o antecedente *laptops* classificado como [-definido].

No que diz respeito ao SN *una laptop*, a retomada é feita por um SN com artigo indefinido, que, na tipologia mobilizada por Puertas (2023), é interpretado como determinante fraco e, portanto, com traço [-definido].

Isso nos ajuda a entender porque, depois de *no había laptops*, o falante não retoma com algo como *la laptop*, que sugeriria um referente específico já estabelecido, mas com *una laptop*, que funciona mais como qualquer exemplar que se consiga obter coerente com a ideia de que, sob negação e sem determinante, o antecedente não estabelece um referente plenamente identificável e facilmente recuperável.

Em Silva dos Santos (2021), apesar de o autor não operacionalizar a definitude como variável experimental de modo controlado, ele registra que a definitude parece ter relevância na variedade estudada¹⁵ e que antecedentes com traços [+/-] definidos podem participar de diferentes estratégias de retomada/omissão. Além disso, o próprio autor observa que o SN por ter mais matéria semântica pode tanto retomar quanto introduzir/acrescentar informação no discurso, o que combina com casos como este, em que *una laptop* não precisa estar em correferência com um objeto já disponível no mundo discursivo, mas funciona como uma reintrodução de um item possível/necessário.

A partir dos exemplos (29) e (30) analisados, o antecedente aparece com o traço [-definido]. No (29), o antecedente *un almíbar* vem acompanhado de artigo indefinido e, na tipologia do forte/fraco mobilizada por Puertas (2023), isso é compatível com determinante fraco, com interpretação indefinida e traço [-definido]. No (30), o antecedente *laptops* é um SN sem artigo, plural. Puertas (2023) descreve esse tipo morfossintático como SN indefinido sem artigo com desinência de plural, o que também o aproxima do traço [-definido]. Portanto, a semelhança principal entre os exemplos, é que os dois antecedentes são [-definidos]: em (29) é indefinido pelo artigo *un*, e em (30) por ausência de artigo no plural.

Por outro lado, as diferenças entre os exemplos se destacam mais que as semelhanças. No que diz respeito ao encadeamento anafórico que cada contexto permite, no exemplo (29) há uma progressão clássica de introdução e recuperação, o falante introduz um referente [-definido] e, quando esse referente já está estabelecido no discurso, retoma com o artigo definido, que é explicitamente associado a leitura [+definida]. No exemplo (30), o antecedente *laptops* está dentro de um existencial negativo (*no había*). Em Laca (1999), o comportamento de SNs plurais sem determinante depende fortemente do tipo de contexto em que aparecem, e um dos quadros centrais é justamente o das orações existenciais com *haber* como em nosso dado *no había laptops*.

Nesse contexto, o SN plural sem determinante tende a ter uma interpretação [-definida], de modo que não se estabiliza como um referente discursivo do qual depois se possa selecionar um elemento, por isso, ao passar para *si uno conseguía una laptop, una laptop* não se comporta como retomada correferencial de *laptops*, e sim como introdução de um novo referente que apenas reaproveita o mesmo conteúdo descritivo *laptop* previamente ativado. Em outras palavras, a continuidade entre *laptops* e *una laptop* existe, mas é fraca e não correferencial, é uma ligação por manutenção do tipo/descrição nominal, algo esperado

¹⁵ Encarnación - Paraguai

justamente porque, sob orações existenciais com haber o SN plural sem determinante não deixa disponível no discurso o tipo de referente necessário para uma anáfora forte.

Continuando com a análise de nossos dados, vejamos mais um exemplo:

31) I: la diferencia / lo único que hay nuevo es que arreglaron [**las calles**] //
 porque siempre las calles estuvieron<alargamiento/> con su problemita //
 pero<alargamiento/> un<alargamiento/> cambio así como tal <silencio/> la
 diferencia es esa que arreglaron **las calles** <ruido = "tos"/>

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (31), o antecedente *las calles* aparece introduzido por artigo definido plural e é retomado anaforicamente pela repetição do mesmo sintagma *las calles*. À luz de Laca (1999), esse antecedente deve ser caracterizado como [+definido]. Para a autora, os artigos definidos ocupam a posição mais alta na escala de definitude dentro do sistema dos determinantes, uma vez que codificam a pressuposição de identificabilidade do referente por parte dos interlocutores. Assim, a presença do artigo definido *las* indica que o falante trata o referente *calles* como já conhecido, recuperável ou facilmente identificável no universo discursivo, o que reforça seu estatuto de antecedente definido.

Laca (1999) também oferece subsídios importantes para essa interpretação ao enfatizar que o uso do artigo definido implica delimitação e especificação informacional. Para a autora, o determinante definido atua como um operador que circunscreve a referência, reduzindo ambiguidades e tornando mais claro a qual entidade o falante se refere. Desse modo, *las calles* não se refere a ruas em geral, mas a um conjunto específico de ruas relevante no contexto discursivo, o que reforça sua leitura como sintagma [+definido] e, portanto, adequado para servir de antecedente anafórico estável.

Retomando o estudo de Leonetti (1999), o autor sistematiza a noção de definitude a partir da distinção entre determinantes fortes e fracos. Nessa perspectiva, os artigos definidos integram a classe dos determinantes fortes, responsáveis por leituras [+definidas], enquanto artigos indefinidos e certos quantificadores tendem a gerar leituras [-definidas]. Assim, aplicando esse conceito a nosso exemplo, *las calles*, por ser introduzido por um determinante forte, localiza-se no polo mais definido da escala, o que explica a naturalidade da retomada anafórica por repetição.

Dado o exposto, podemos afirmar que o antecedente *las calles* é claramente [+definido], apresentando, delimitação referencial e estabilidade para a retomada anafórica no trecho analisado.

Vejamos mais um exemplo a seguir:

32) cuando mi hermana Lidia quedó embarazada de Yoan / las pastillas / eh que le mandaron para la gestación del embarazo que te mandan a tomar **[pastillas]**

E: <simultáneo> prenatales </simultáneo>

I: <simultáneo> las prenatales </simultáneo> / mi mamá empezó a darme **aquellas pastillas** / niña y aquello me abrió un apetito

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (32), temos *pastillas* como antecedente e *aquellas pastillas* como retomada anafórica, o antecedente tende a ser interpretado como [-definido] do ponto de vista morfossintático, porque aparece sem determinante expesso e, nos termos adotados a partir de Laca (1999), o traço de definitude é diretamente condicionado pela presença/ausência e pelo tipo de determinante que encabeça o sintagma nominal. Como a própria discussão sobre definitude no espanhol se organiza em torno da categoria dos determinantes (artigos, demonstrativos, possessivos, quantificadores etc.), a ausência de determinante no antecedente *pastillas* o coloca, em princípio, em uma posição [-definida] do que uma expressão retomadora que venha encabeçada por um determinante claramente definido. Isso fica ainda mais nítido quando se observa que a retomada não é feita por artigo, mas por demonstrativo distal¹⁶ (*aquellas*), segundo Laca (1999), os demonstrativos são explicitamente classificados como determinantes fortes e, portanto, como determinantes que se comportam como determinantes definidos, o que implica que *aquellas pastillas* realiza uma retomada anafórica com marcação [+definida] do que o antecedente.

Assim, ainda que o contexto ofereça suporte para identificar o referente, a escolha do determinante *aquellas* na retomada opera como um reforço de identificação com o fato de que o antecedente *pastillas*, por não trazer determinante, é marcado como [-definido].

¹⁶ O termo demonstrativo distal refere-se a demonstrativos que codificam distância em relação ao centro dêitico. No espanhol, a gramática normativa descreve aquel/aquella como formas associadas à distância em oposição a este e ese (RAE/ASALE, 2009).

Dando continuidade à nossa análise, em Silva dos Santos (2021), a ligação entre determinante e delimitação informacional aparece de forma bastante direta, o autor observa que a introdução do SN com artigo pode produzir uma espécie de completude do evento, porque o artigo delimita a informação, já em casos sem determinação, o leitor pode não saber a que exatamente o interlocutor se refere. Aplicando esse conceito na prática, em nosso dado quando o antecedente é *pastillas* sem determinante, a expressão é menos delimitada formalmente, ao retomar com *aquellas pastillas*, o falante passa a empregar um determinante forte (demonstrativo) que estreita e aponta o conjunto relevante, aumentando a delimitação e, consequentemente, a definitude do SN retomador.

Aplicando esse conceito a nosso exemplo, a retomada *aquellas pastillas* é claramente [+definida] porque é introduzida por um demonstrativo, ao passo que o antecedente *pastillas*, por ocorrer sem determinante expreso, fica menos explicitamente marcado em termos de definitude quando comparado à forma retomadora.

Com base em Laca (1999) e nos desdobramentos mobilizados por Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023), o antecedente *pastillas* é melhor caracterizado como [-definido], e a retomada *aquellas pastillas* como uma recategorização anafórica [+definida], porque introduz um determinante forte que aumenta a delimitação e favorece a recuperabilidade do referente no discurso.

A diferença entre os exemplos (31) e (32), porém, está no grau de definitude morfossintaticamente codificado no antecedente e no modo como a retomada ajusta essa codificação. No exemplo (31), o antecedente já vem com artigo definido plural *las*, o que o posiciona diretamente no polo mais definido, na discussão sobre determinantes e artigos, a própria tradição que recupera Laca (1999) enfatiza que o subsistema dos artigos definidos é a categoria mais definida e está ligado a uma leitura [+definida]. Além disso, a presença de artigo definido funciona como mecanismo de restrição/definição da referência, conectando informação lexical e contextual. Por isso, no exemplo (31), a retomada por repetição *las calles* não muda o estatuto referencial, ela mantém a definitude e reforça a continuidade tópica, com um referente já delimitado e facilmente recuperável.

No exemplo (32), o antecedente aparece sem determinante expreso, o que tende a deixá-lo menos marcado para definitude do que um SN encabeçado por artigo definido ou demonstrativo. A retomada, por sua vez, não repete o mesmo formato, ela introduz o demonstrativo *aquellas*, e isso altera o perfil de definitude. Assim, o exemplo (32) mostra um movimento discursivo bem característico, o referente é introduzido de modo menos

determinado *pastillas* e depois é reancorado/recategorizado com um determinante forte *aquellas pastillas*, tornando-o mais delimitado e mais diretamente identificável.

Essa diferença também pode ser descrita em termos do efeito de delimitação informacional destacado por Silva dos Santos (2021). Ao comparar um SN com artigo e um SN sem determinação, o autor observa que o artigo contribui para uma completude/delimitação do evento. Fazendo a relação com nossos dados, o primeiro exemplo (31) já nasce delimitado por artigo definido *las calles*, ao passo que, no exemplo (32), a delimitação se torna mais forte justamente na retomada, quando o falante passa a apontar o conjunto relevante por meio do demonstrativo *aquellas*.

Observemos mais um exemplo a seguir:

33) I.: <ruido_fondo> sí al<alargamiento/> / al Carlos Marx / fui a dos funciones / a Coppelia / por el Ballet Nacional / y<alargamiento/> tuve la oportunidad de ir a<alargamiento/> / [**la American Ballet**] </extranjero> </ruido_fondo>

E.: <ruido_fondo> un <palabra_cortada/> una oportunidad sin<alargamiento/> sin duda maravillosa // uhm / ¿te<alargamiento/> te pareció<alargamiento/> te pareció bien? / ¿te gustó la<alargamiento/> <ruido = "hojear"/> ver a **la compañía**? </ruido_fondo>

(PRESEEA-LHAB_M13_079)

No exemplo (33) a ser analisado, o antecedente *la American Ballet* apresenta o artigo definido *la*, além de se tratar de um nome próprio institucional, o que o coloca em um patamar elevado de definitude. *American Ballet*, por funcionar como um nome próprio ainda que acompanhado de artigo, ocupa uma posição superior à de um NP definido comum. Já a retomada anafórica *la compañía* corresponde a um NP definido com nome comum, mantendo o traço [+definido], mas em um nível ligeiramente inferior ao do antecedente. Assim, embora ambos sejam definidos, o antecedente é mais altamente definido e mais acessível discursivamente do que a retomada.

Os estudos de Oliveira (2019) convergem com essa interpretação ao tratar a definitude como um traço sintático codificado principalmente pelos determinantes, em consonância com Laca(1999). Para Oliveira (2019), a presença do artigo definido é suficiente para classificar um sintagma nominal como [+definido], o que confirma a leitura tanto de *la American Ballet*

quanto de *la compañía* como expressões definidas, ainda que com diferentes graus de especificidade.

A retomada por um SN definido *la compañía*, em vez de um clítico, sugere que, mesmo diante de um antecedente altamente acessível e definido, o falante pode optar por uma expressão lexical mais explícita, como reforço referencial ou clareza informacional. Dessa forma, no exemplo analisado, *la American Ballet* constitui um antecedente [+definido], pela presença do artigo definido quanto por seu estatuto de nome próprio institucional. A retomada *la compañía* é igualmente [+definida], mas representa um NP definido comum, ligeiramente menos definido em termos escalares.

Dando sequência à nossa análise, vejamos mais um exemplo a seguir:

34) I.: bueno yo me levanto por la mañana // hago **[café]** / cuando tengo // ¿oíste? // sí porque hay veces no tengo / depende del paquetico <risas = "I"/> / ¿tú entiendes? / hago **café** // eeh /

(PRESEEA-LHAB_H31_025)

No exemplo (34) temos *café* como antecedente e a segunda ocorrência de *café* como retomada anafórica. Nossa leitura, baseada em Laca (1999), é a de que o antecedente é [-definido]. Isso porque, na proposta da autora, o traço de definitude é categorizado a partir da classe dos determinantes, os polos [+definido] e [-definido] dependem justamente da presença, ausência e do tipo de determinante que encabeça o sintagma nominal. Em nosso exemplo, o SN *café* surge sem determinante/artigo, o que, dentro dessa forma de operacionalizar o traço, puxa o SN para o lado [-definido].

Essa mesma lógica aparece de modo bem direto em Oliveira (2019), quando a autora explicita que a definitude é um traço sintático identificado não apenas pela presença ou ausência de determinante, mas também pelo tipo de determinante que compõe o sintagma. Assim, como no SN *café* não há determinante que sinalize identificabilidade, o antecedente tende a ser classificado como [-definido] e a retomada por repetição do mesmo nome mantém essa marcação de [-definido], funcionando mais como continuidade de um conteúdo lexical do que como reativação de um indivíduo discursivamente único.

A retomada é justamente por SN lexical, e esse tipo de escolha pode ocorrer mesmo quando o antecedente não está fortemente ancorado por determinante definido, ou seja, a estratégia de retomar por SN não exige, por si só, que o antecedente seja [+definido], já que outros fatores discursivos e informacionais podem motivar a repetição.

Puertas (2023) enfatiza que determinantes com interpretação indefinida não possuem a identificação do referente e não permitem o acesso a referentes já mencionados, exigindo a criação de uma nova pasta mental em vez de recuperar uma já existente. Embora nosso exemplo nem traga determinante fraco, mas sim ausência de determinante, ele se aproxima da zona não identificadora pois não há marca formal de identificabilidade, e, portanto, o antecedente tende a ser analisado como [-definido].

Ao comparar os exemplos (33) e (34), em termos de semelhança, ambos os exemplos apresentam retomada anafórica por sintagma nominal pleno e repetição ou reformulação lexical do antecedente. Esse ponto converge com os resultados discutidos por Silva dos Santos (2021), segundo os quais, embora o clítico seja a estratégia mais frequente de retomada no espanhol, a realização por SN também é produtiva e pode ocorrer em diferentes configurações discursivas, independentemente de o antecedente ser fortemente definido ou não. Em ambos os casos, portanto, a opção pelo SN sugere que fatores como clareza referencial ou continuidade temática, podem se sobrepôr a critérios estritamente morfossintáticos.

As diferenças, contudo, tornam-se evidentes quando se observa o estatuto de definitude dos antecedentes. No exemplo (33), o SN *la American Ballet* apresenta o artigo definido e designa um nome próprio institucional, o que, segundo Laca (1999), implica um traço claramente [+definido], já que a definitude é diretamente condicionada pela presença e pelo tipo de determinante.

No exemplo (34), por sua vez, o SN *café* surge sem determinante, em um contexto típico de verbo de atividade *hacer café*. De acordo com Laca (1999) e com a operacionalização do traço de definitude assumida também por Oliveira (2019), a ausência de determinante implica a ausência de marca formal de identificabilidade, o que conduz a uma leitura [-definida]. Nessa configuração, *café* não introduz um referente individualizado e recuperável de modo unívoco, mas sim um conteúdo genérico ou uma atividade. A retomada anafórica por repetição do mesmo nome preserva esse baixo grau de definitude, funcionando mais como continuidade temática do que como reativação de um referente específico.

Assim, enquanto no exemplo (33) a anáfora opera sobre um referente altamente definido e facilmente recuperável, no exemplo (34) ela se estabelece sobre um elemento de baixa definitude. Essa oposição confirma a observação de Puertas (2023) de que a definitude não é uma categoria binária rígida, mas pode ser pensada de forma gradual, e também corrobora os achados de Oliveira (2019) e Silva dos Santos (2021) ao mostrar que a escolha

da estratégia de retomada não depende exclusivamente do traço de definitude, mas resulta da interação entre fatores morfossintáticos, semânticos e discursivos.

A análise do traço de definitude na variedade de Havana, orientada pelos pressupostos de Laca (1999), permite concluir que a definitude atua como um parâmetro de construção da identificabilidade do referente no discurso. Ao tratarmos a definitude como efeito da relação entre determinação e recuperabilidade, e não como simples presença de artigo, observamos que os falantes podem manter a referência no polo [+definido] quando o antecedente já é altamente identificável, ou, ao contrário, manter-se no polo [-definido], cenário em que a repetição funciona mais como continuidade temática do que como reativação de um referente individualizado. Essa leitura retoma diretamente a ênfase de Laca (1999) de que a definitude, no espanhol, se articula à classe dos determinantes e pode depender também de inferência, o que explica por que a repetição do SN pode servir para estabilizar a rastreabilidade referencial quando o custo de acesso aumenta.

Os resultados quantitativos reforçam essa interpretação, no *corpus* analisado nesta dissertação, a repetição do SN distribui-se de modo relativamente equilibrado entre antecedentes [+definidos] (43 ocorrências; 43,9%) e [-definidos] (55 ocorrências; 56,1%), com leve tendência ao polo [-definido], mas sem um contraste forte o suficiente para sustentar que a definitude, sozinha, determine a estratégia. Esse padrão converge com o estudo de Puertas (2023), que também registra uma distribuição muito próxima nas variedades de Santander e de Santiago do Chile, levando a autora a tratar a definitude como um traço não decisivo para a seleção da repetição do SN.

Por exemplo, um antecedente [+definido] pode ainda assim exigir repetição se houver competição com outros referentes, distância textual ou mudança de foco, já um antecedente [-definido] pode ser repetido não apenas por indefinição, mas porque o falante precisa estabilizar o referente ao longo da progressão textual. Assim, em nossos dados, a distribuição relativamente equilibrada entre os traços [+definido] e [-definido] fica coerente com a perspectiva de Oliveira (2019). A definitude atua como parte desse cenário, não como causa única.

Dado o exposto, podemos postular que na variedade de Havana, o fator de definitude não ser exclusivo para favorecer a repetição do SN. Talvez esse fator possa modular a maneira como a repetição contribui para a continuidade referencial reativando referentes mais identificáveis ou sustentando tópicos menos ancorados, em consonância com Laca (1999) e com os resultados empíricos de Puertas (2023).

6.5 O traço de especificidade e a estratégia de repetição do SN

No que diz respeito ao traço de especificidade, adotamos como base teórica os pressupostos de Leonetti (1999). Nesta seção, nosso objetivo é apresentar e discutir os resultados relativos à distribuição de sintagmas nominais [+específicos] e [-específicos] no conjunto de dados analisado, observando em que medida esse traço se correlaciona com a estratégia de retomada do objeto direto anafórico por repetição do SN.

Diante disso, buscamos esclarecer, qual dos dois valores de especificidade, isto é, [+específico] e [-específico], apresentou maior peso motivacional na escolha dos informantes quanto ao emprego da repetição do SN. Partimos do entendimento de que a especificidade não se reduz a um marcador formal e tampouco se confunde com a definitude. Ela diz respeito, sobretudo, ao grau de compromisso do falante com um referente particular, interpretado como um indivíduo determinado e discursivamente ancorado, em contraste com leituras mais vagas, genéricas ou meramente existenciais. Assim, em muitas sequências textuais, o problema não é apenas se o referente é identificável, como sugere a definitude, mas se ele deve ser interpretado como um indivíduo específico, mantendo-se relativamente estável ao longo da progressão referencial, ou como uma entidade não fixada, cuja seleção permanece aberta.

Retomando o que foi exposto no capítulo teórico 3 desta dissertação, Leonetti (1999) postula que o traço de especificidade é independente do traço de definitude, já que a noção de especificidade pode ser atribuída tanto a sintagmas [+definidos] quanto [-definidos]. Ainda assim, o autor reconhece uma tendência: sintagmas [-definidos] frequentemente recebem leitura [-específica], enquanto sintagmas [+definidos] tendem a favorecer leitura [+específica]. O determinante costuma orientar a interpretação para uma leitura mais ou menos específica: com artigo definido, é favorecida a leitura [+específica], com artigo indefinido, uma leitura [-específica].

Contudo, como ressalta Leonetti (1999), a interpretação de especificidade não é determinada exclusivamente pelo determinante. Há contextos em que um sintagma com artigo definido pode, ainda assim, admitir leitura menos específica, e, inversamente, sintagmas indefinidos podem ser interpretados como específicos dependendo de pistas sintático-semânticas e pragmáticas.

É justamente nesse ponto que a especificidade se torna central para interpretar a repetição do SN na retomada anafórica. Se a progressão textual cria competição entre possíveis referentes, ou se a fixação referencial do objeto retomado é frágil por depender de

escolha, por operar sob escopo modal, por ocorrer em um contexto de menor grau de determinação, a repetição do sintagma nominal pode funcionar como estratégia de controle semântico-pragmático, reforçando a leitura pretendida e reduzindo custo inferencial. Nessa perspectiva, a repetição não se explica apenas como retomada de algo identificável, mas como recurso que contribui para sustentar a coerência e a continuidade referencial, explicitando o estatuto interpretativo do objeto como mais ou menos específico.

A partir dos estudos de Leonetti (1999) e dado o exposto, o traço de especificidade evidencia que a interpretação de um sintagma nominal depende não apenas de sua forma gramatical, mas também da intenção do falante e do contexto comunicativo, trata-se de distinguir casos em que o referente é conhecido/selecionado e mentalmente identificado pelo falante, daqueles em que ele é apenas uma opção genérica entre várias possíveis.

A seguir, apresentamos o gráfico que sistematiza os dados relativos aos traços [+específico] e [-específico], de modo a evidenciar sua distribuição e sua possível correlação com a estratégia de retomada do objeto direto anafórico por repetição do SN.

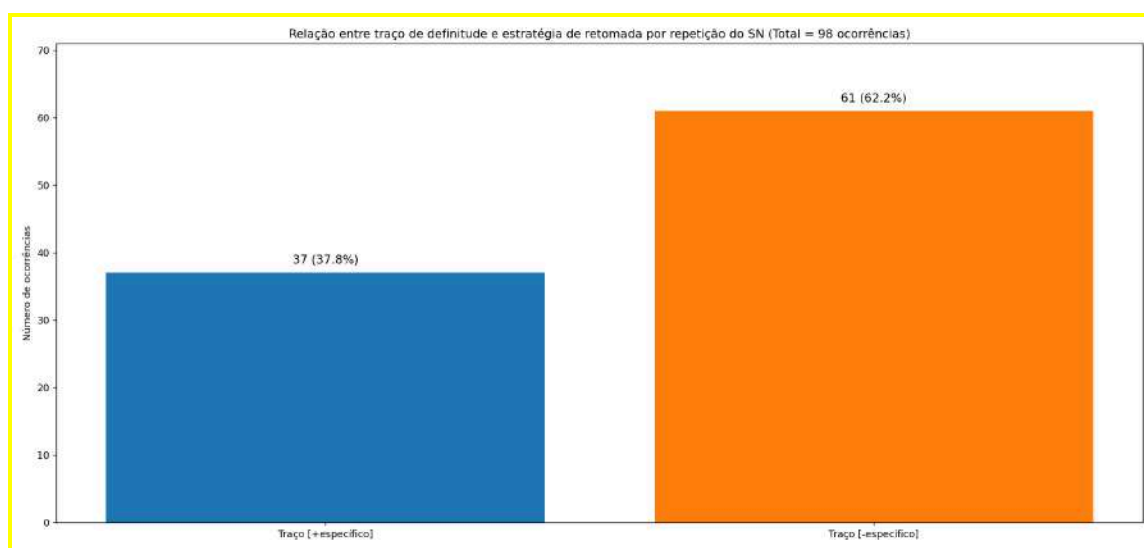


Gráfico 6: Relação entre os traços de especificidade e estratégia de retomada por repetição do SN

De acordo com o gráfico, as ocorrências da estratégia de retomada por repetição do SN no que diz respeito ao traço de especificidade estão distribuídas em 37 ocorrências com o traço [-específico] (37,8%) e 61 ocorrências com o traço [+específico] (62,2%). Nos dados analisados por Puertas (2023) sobre a variedade de Santander e Santiago do Chile, no espanhol de Santander, a autora identificou que 68% das ocorrências de retomada por repetição do SN ocorreram com antecedentes [-específicos], enquanto 32% ocorreram com antecedentes [+específicos]. Já no espanhol de Santiago do Chile, o comportamento foi muito

semelhante, 65% das ocorrências envolveram antecedentes [-específicos], contra 35% com antecedentes [+ específicos].

Relacionando nosso resultado sobre a variedade de Havana à análise da relação entre o traço de especificidade do antecedente e a estratégia de retomada por repetição do SN revela uma certa preferência pela marcação negativa desse traço. Nossos dados reproduzem um padrão semelhante encontrado por Puertas (2023), que aponta predominância de antecedentes [-específicos] nas duas gramáticas investigadas. Assim, nossos resultados corroboram a conclusão da autora de que em relação ao traço de especificidade, a marcação [-específica] favorece a seleção da retomada por repetição do SN.

Dado o exposto, apresentamos a seguir alguns exemplos analisando os traços de especificidade na gramática dos falantes da variedade de Havana:

35) ¡mami pon **[el televisor]** en el cuarto / que me es más cómodo! / porque si me acuesto en la camita y veo </cita> / y ya le puse **el televisor** en el cuarto / pero bueno la sala está conformada por<alargamiento/> la cocina / el refrigerador que lo tengo ahí / tiene un espacio // como si fuera un sofacito // porque no tengo más / más butaquitas

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (35), o SN *el televisor*, tomado como antecedente e retomado anaforicamente por repetição do mesmo SN, admite de forma consistente uma interpretação [+específica]. No exemplo analisado, o uso do artigo definido em *el televisor*, associado a um contexto situacional concreto (o espaço doméstico, o quarto, a ação de colocar o objeto) e à retomada imediata por repetição do mesmo SN, reforça a leitura de que se trata de um objeto único e determinado no modelo mental compartilhado pelos interlocutores, e não de um televisor qualquer.

De modo semelhante, Puertas (2023) enfatiza que a especificidade deve ser entendida como um fenômeno pragmático-discursivo, dependente da intenção do falante e da estabilidade do referente no discurso, o que se observa claramente neste exemplo, em que o falante demonstra controle e consciência de um objeto determinado ao solicitar sua movimentação e confirmar a ação. Assim, considerando os pressupostos de Leonetti (1999), o antecedente *el televisor* pode ser classificado como [+específico], e a repetição do SN

funciona como estratégia anafórica coerente com a necessidade de manter a estabilidade de um referente fortemente ancorado no discurso.

Vejamos mais um exemplo:

36) aquellas anécdotas mías de mi trabajo // de trabajar día y noche / y luchar / pero ya después me fui de allí / y encontré con **[unos españoles bellos]** <ruido = "no identificado"/> y empecé a trabajar // hasta que triunfó la revolución // nunca he querido nadie a tanto / a nadie como a **esas dos personas** / que yo trabajé con ellos // porque fueron tan maravillosos / conmigo

(PRESEEA-LHAB_M31_031)

No exemplo (36), o antecedente *unos españoles bellos* deve ser interpretado como [+específico], apesar de ser um SN [-definido] introduzido por *unos*. Em Leonetti (1999), a especificidade é um traço fundamentalmente interpretativo e, no âmbito pragmático, depende da intenção do falante de se referir a uma entidade particular, além disso, elementos linguísticos como modificadores por exemplo, adjetivos podem guiar o interlocutor nessa interpretação.

É exatamente o que ocorre neste exemplo (36), o falante relata um evento pontual *encontré con unos españoles bellos* que introduz no discurso um conjunto de indivíduos efetivamente localizados na experiência narrada e, em seguida, estabiliza a referência ao retomá-los como *esas dos personas*, isto é, com um demonstrativo e numeral que explicitam que se trata de duas pessoas específicas, já fixadas no modelo mental compartilhado. Essa leitura é reforçada pela própria organização discursiva, depois da introdução, o falante acrescenta informação avaliativa e relacional *trabajé con ellos... fueron tan maravillosos conmigo*, o que também favorece a interpretação de que não se trata de quaisquer espanhóis, mas de um par determinado de indivíduos.

Além disso, do ponto de vista de Leonetti (1999), a presença de conteúdo descritivo/modificador tende a produzir uma interpretação mais forte do SN, aproximando-o de leituras específicas, em contraste com SNs pobres em descrição, mais compatíveis com leituras existenciais fracas. Nesse sentido, a ocorrência do adjetivo *bellos* funciona como um especificador que enriquece o SN e contribui para a leitura [+específica], essa é justamente a direção assumida em Puertas (2023), ao tomar a presença de especificadores como adjetivos,

advérbios, complementos ou orações como critério linguístico que sustenta a classificação do traço de especificidade, além do critério pragmático da intenção referencial.

Dado o exposto, a retomada por SN demonstrativo + numeral *esas dos personas* não generaliza o referente, ao contrário, consolida a leitura de que o antecedente indefinido já era, desde a introdução, e [+específico], porque o falante o emprega com referência a indivíduos concretos e recuperáveis no discurso.

Ao comparar os exemplos (35) e (36), há uma semelhança central: em ambos, o antecedente é interpretado como [+específico], porque o falante o introduz como referente ancorado numa experiência concreta e, logo em seguida, o mantém como entidade determinada no encadeamento discursivo. De acordo com Leonetti (1999), a especificidade é, em grande medida, um traço interpretativo/pragmático ligado à intenção referencial do falante, isto é, ao fato de estar falando de um indivíduo ou grupo particular, e não apenas um reflexo mecânico do determinante. Também nos dois casos, a estratégia de retomada contribui para estabilizar o referente no exemplo (35), a repetição de *el televisor* conserva a identidade do objeto e reforça sua continuidade, no exemplo (36), a retomada por *esas dos personas* fecha a referência, tornando explícito que o conjunto introduzido por *unos* corresponde a duas pessoas específicas.

A principal diferença está no que cada exemplo usa para construir essa leitura de especificidade. No caso do exemplo (35), *el televisor* → *el televisor*, a especificidade vem com a definitude, o artigo definido favorece uma leitura de referente único e determinado no contexto situacional, e a repetição do mesmo SN funciona como um mecanismo de manutenção, ela reativa o mesmo referente sem reclassificá-lo. Já no exemplo (36) *unos españoles bellos* → *esas dos personas*, a introdução é feita com indefinido plural *unos*, que em princípio é compatível com leituras [-específicas], mas o próprio discurso puxa a interpretação para o lado oposto, o evento narrado *encontré con* introduz indivíduos concretos, o adjetivo *bellos* enriquece a descrição e a sequência subsequente *trabajé con ellos* aumenta a fixação referencial, por fim, a retomada com demonstrativo + numeral *esas dos personas* funciona como um mecanismo de reclassificação/precisão, transformando um grupo inicialmente apresentado como indefinido em um conjunto delimitado (duas pessoas) e claramente identificável no modelo discursivo.

Em Leonetti (1999), a especificidade não é um traço codificado diretamente no DP, mas uma leitura interpretativa, um SN conta como específico quando o falante dá a entender que se refere a um indivíduo determinado, e essa leitura é selecionada/viabilizada pelas condições gramaticais e discursivas do enunciado. Os exemplos (35) e (36) mostram que, em (35), a

pista mais forte é o artigo definido e a continuidade por repetição, em (36), a especificidade se constrói pela combinação de descrição lexical (adjetivo), progressão narrativa (experiência localizada) e uma retomada que torna explícita a delimitação do conjunto *esas dos personas*. Dado o exposto, concluímos que ambos exemplos são [+específicos].

Continuando nossa análise sobre a especificidade, observemos mais um exemplo abaixo:

37) I.: no tengo [**varios amigos**] hoy en día / tengo **amigos** de mi edificio /
tengo **amigos** en otro edificio

(PRESEEA-LHAB_H11_001)

No exemplo (37), considerando o SN *varios amigos* como antecedente e *amigos* como retomada anafórica, o antecedente tende a ser interpretado como menos específico. À luz de Leonetti (1999), a especificidade não depende diretamente da forma definida ou indefinida do sintagma nominal, mas da intenção referencial do falante. Um SN é [+ específico] quando o falante tem em mente um indivíduo ou conjunto determinado e é [– específico] quando a referência é vaga, hipotética ou meramente quantificacional.

No caso de *varios amigos*, o sintagma ocorre em um contexto negativo *no tengo varios amigos*, o que favorece uma leitura existencial fraca pois o falante não está se referindo a um conjunto identificável de amigos, mas apenas avaliando quantidade. Não há indícios de que exista, na mente do falante, um grupo específico de indivíduos claramente delimitado. Assim, segundo Leonetti, o antecedente é [-específico].

Essa interpretação é reforçada pelo fato de *varios amigos* não apresentar enriquecimento descritivo como uma oração relativa ou um complemento identificador. Leonetti (1999) observa que o acréscimo de conteúdo descritivo tende a favorecer leituras específicas, sua ausência, sobretudo em contextos negativos, favorece leituras não específicas.

Nos estudos de Puertas (2023), essa distinção é retomada em dois níveis. No plano teórico-pragmático, Puertas (2023) concorda com Leonetti (1999) ao afirmar que a especificidade está ligada à intenção do falante de referir-se a uma entidade determinada. No plano metodológico, porém, propõe um critério mais operacional: antecedentes indefinidos acompanhados de especificadores como adjetivos, complementos preposicionados, relativas tendem a ser classificados como [+ específicos], enquanto aqueles sem tais marcas tendem a ser [– específicos]. Sob esse critério, *varios amigos* também se encaixa como [-específico],

pois não traz nenhum elemento que delimite ou identifique o conjunto referido. De acordo com nossa análise, concluímos no exemplo analisado que *varios amigos* é um antecedente [-específico].

Vejamos mais um exemplo a seguir:

38) me gusta conversar y todo eso / pero no me gusta llorar / no sé si es que lo he hecho tanto en mi vida / pero no me gusta // **[la película de terror]** pues es una cosa de tensión / de qué va a pasar / por qué / por qué ese malo / por qué / tiene que ser / el malo no puede triunfar / tiene que triunfar el bueno / entonces yo quiero narrar y volver hacer **la película** de nuevo <risas = "todos"/>

(PRESEEA-LHAB_M31_031)

No exemplo (38), pelo enfoque de Leonetti (1999), o sintagma *la película de terror* apresenta traço [+específico] porque o artigo definido instrui o interlocutor a interpretar o referente como identificável no contexto. Nesse exemplo, o sintagma não introduz simplesmente um exemplar qualquer da classe dos filmes de terror, mas um referente delimitado.

Embora a construção apresente artigo definido, a interpretação de especificidade não decorre unicamente da definitude, mas do modo como o referente é introduzido e desenvolvido. Nesse caso, o informante não mobiliza o sintagma com valor genérico ou meramente categorial, mas como base para uma predicação que explicita propriedades e expectativas associadas a esse objeto, como a expectativa em torno do desenrolar dos acontecimentos e a oposição entre o *malo* e o *bueno*.

Desse modo, o sintagma passa a ser interpretado como um referente particularizado e não como uma instância vaga ou indiferenciada. À luz da noção de especificidade proposta por Leonetti (1999), tal funcionamento evidencia um grau de compromisso da falante com um referente concebido como individualizado o que justifica sua análise como [+específico].

Ao comparar os exemplos (37) e (38), podemos ver que a diferença central aparece no tipo de referência que cada antecedente constrói. No exemplo (37), o antecedente *varios amigos* ocorre sob negação, com um quantificador vago *varios*, o que favorece uma leitura quantificacional/avaliativa, sem que o falante esteja comprometido com a identificação de um conjunto determinado de indivíduos, pelo critério pragmático de Leonetti (1999), isso

puxa o antecedente para [-específico], porque não há intenção clara de referir a uma entidade delimitada.

Já no exemplo (38), o sintagma *la película de terror* recebe uma leitura [+específica] porque o artigo definido sinaliza que o referente deve ser interpretado como identificável e delimitado no contexto. Além disso, o gênero *de terror* funciona como especificador contribuindo para a leitura [+específica] do sintagma.

Dando continuidade a nossa análise, observemos mais um exemplo:

39) voy para el patio y le echo **[comida]** a los animales / ¿comprendes? // le hecho **comida** a los animales después<alargamiento/>s // veo las matas en el patio camino por el patio a media mañana voy hasta el agro a ver qué vino qué hay // regreso del agro // voy a ver qué es lo que se puede preparar para almorzar si se puede almorzar

(PRESEEA-LHAB_H31_025)

No exemplo (39), o SN *comida* funciona como antecedente e é retomado anaforicamente pela repetição do próprio SN *comida*. Segundo os estudos de Leonetti (1999), para decidir se o antecedente é [+específico] ou [-específico], o ponto decisivo é a configuração interna do SN. Em *echar comida*, *comida* aparece como SN sem determinante e sem qualquer especificador/expansão descritiva, isto é, não há artigo, demonstrativo, possessivo, quantificador, adjetivo, complemento nominal ou relativa que delimite um subconjunto identificável de *comida*.

Devido a esse fator, o antecedente se alinha diretamente à leitura [-específica], porque Leonetti (1999) sustenta que fatores internos do SN influenciam a leitura de especificidade e que a presença de determinante é um requisito central para uma leitura [+específica], ao contrário, SNs não encabeçados por determinante tendem a ser tratados como [-específicos]. Além disso, o próprio autor admite que SNs sem artigo podem ter seu grau de especificidade aumentado por outros operadores, por exemplo, uma relativa, o que já aponta para uma visão gradiente do traço, podemos dizer que é um contínuo em que o SN fica mais ou menos específico conforme ganha material que refine a identificação do referente.

Essa ideia de gradação e de aumento de especificidade é particularmente importante aqui porque, neste exemplo (39), nada é acrescentado ao SN *comida*, não aparece algo como *la comida*, *esa comida*, *una comida especial*, *comida de los animales*. E é justamente esse tipo de enriquecimento que, segundo Leonetti (1999), favorece a leitura [+específica].

Enriquecer o conteúdo descritivo do sintagma por meio de modificadores do núcleo nominal, que trazem informação útil para identificar o referente e reduzir ambiguidades/imprecisões. Como o SN *comida* surge sem nenhum especificador e nenhuma expansão descritiva, a leitura mais natural é a de comida enquanto massa/atividade rotineira, com interpretação fraca/existencial, e não a de um conjunto particular de itens alimentares mentalmente selecionados pelo falante.

A própria tese de Puertas (2023) ajuda a tornar essa classificação operacional no nível metodológico, ao discutir Leonetti (1999), o trabalho explicita que um caminho produtivo para reconhecer a marcação de especificidade é observar a presença de especificadores, isto é, material modificador como adjetivos, complementos, relativas, possessivos etc. e reforça que esses recursos atuam como gatilhos para leituras mais fortes e específicas. Aplicando ao nosso dado, o antecedente *comida* não tem determinante nem especificador, portanto, é [-específico]. Se, ao contrário, em nosso dado tivesse algo como *le echo esa comida* com o demonstrativo *esa* ou *le echo la comida* com o artigo definido *la*, haveria material interno suficiente para empurrar a interpretação para [+específica], exatamente pelo mecanismo de enriquecimento descritivo descrito por Leonetti (1999).

Laca (1999) postula que especificidade é um traço frequentemente confundido com definitude, mas não dependente dela, e por isso precisa ser analisado separadamente, ao mesmo tempo, reconhece que tanto definitude quanto especificidade dependem de outra categoria linguística para serem classificados.

Isso ajuda a justificar porque, em nosso exemplo, a ausência de determinante e de especificadores empurra o SN *comida* para a zona [-específica], mesmo que, pragmaticamente, a cena seja concreta. Ou seja, há um evento concreto, mas o SN *comida* permanece subespecificado do ponto de vista linguístico, ele não recorta “qual comida”, “que porção”, “qual tipo”, “a comida de quem”, nem cria um conjunto saliente discursivamente com fronteiras claras. Dentro de uma leitura gradiente, ele fica num patamar baixo de especificidade e a retomada por repetição do mesmo SN mantém o mesmo desenho interpretativo e contribui mais para a continuidade referencial do que para um aumento de especificidade.

Vejamos outro exemplo:

40) hasta los dos años prácticamente ingresada era sal del hospital y entra al hospital / porque no me asentaba [**ninguna leche**] // no me asentaba **la**

leche de mi mamá / nada / nada / nada // entonces bien malita con sueros
en la cabeza

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (40), à luz de Leonetti (1999), o SN *ninguna leche* tende a ser [-específico], mesmo trazendo um quantificador, porque ele não aponta para uma entidade individualizada, mas para uma negação/ausência de qualquer instância do tipo leite. A primeira razão vem da própria caracterização de especificidade como traço interpretativo, Leonetti (1999) trata a especificidade no sentido pragmático como ligada à intenção do falante de se referir a uma entidade determinada, algo que é difícil de controlar analiticamente e que costuma ser inferido por pistas linguísticas. Só que, nesse antecedente, o que a forma *ninguna* faz é justamente bloquear a leitura de entidade determinada, ela estabelece um quantificador negativo que empurra *leche* para uma leitura do tipo “nenhum leite”, isto é, uma leitura não referencial e, por isso, tipicamente [-específica]. Em termos simples, o falante não está selecionando um leite particular na mente.

A segunda razão é estrutural e vem da ideia de que a leitura mais específica e menos específica é favorecida por elementos que enriquecem o conteúdo descritivo do SN e ajudam a identificar o referente. Leonetti (1999) afirma que uma forma produtiva de favorecer a leitura [+específica] é enriquecer o conteúdo descritivo do sintagma com modificadores/especificadores, porque isso traz informação para identificação do referente e reduz ambiguidades. No antecedente *ninguna leche*, apesar de haver quantificação, não há um recorte identificador do tipo: de quem/de qual origem/de qual tipo. Já na retomada *la leche de mi mamá*, ocorre o contrário, o SN passa a ser encabeçado por determinante e recebe um complemento *de mi mamá* que funciona como especificador, criando uma leitura claramente mais delimitada. Isso se alinha ao estudo de Leonetti (1999) que propõe que a especificidade pode ser vista em termos gradientes e seu grau pode aumentar quando o SN ganha operadores/estrutura que o tornam mais identificável.

Isso conversa com o que Puertas (2023) explicita em sua tese, para classificar a marcação do traço de especificidade, ela observa a presença ou ausência de um especificador (adjetivo, advérbio, complemento nominal, oração etc.) que especifique o SN. E reforça que a especificidade é o traço mais interpretativo e pode depender do contexto e de estruturas mais complexas como as relativas. Em nosso dado, o antecedente *ninguna leche* é pobre em especificação logo, [-específico], enquanto a retomada *la leche de mi mamá* adiciona

exatamente o tipo de estrutura que Puertas (2023) lista como especificador, um complemento nominal.

Dado o exposto, em nosso exemplo, a retomada por SN *la leche de mi mamá* pode ser entendida como uma escolha que não só retoma o antecedente, mas reconfigura informacionalmente o referente, tornando-o mais recuperável e mais delimitado. O ponto central, porém, é: essa maior delimitação não está no antecedente, ela é introduzida na retomada. Assim, o antecedente *ninguna leche* permanece [-específico], enquanto a retomada *la leche de mi mamá* é a que carrega o traço [+específico] por determinante mais complemento que identifica a origem.

Ao comparar os exemplos (39) e (40), nos dois casos, o antecedente é [-específico]. No exemplo (39) o SN *comida* é [-específico] porque é um SN sem determinante e sem qualquer enriquecimento descritivo e no exemplo (40) o SN *ninguna leche* é [-específico] porque o quantificador negativo *ninguna* força uma leitura não referencial / de escopo amplo “nenhum leite”, que não seleciona um referente particular. Essa conclusão é compatível com a forma como Leoneratti (1999) trata como a especificidade é um traço interpretativo inferido por pistas estruturais e, sobretudo, aumenta quando o SN ganha material que enriquece o conteúdo descritivo e cria um recorte mais identificável do referente.

A principal semelhança em ambos, a retomada contribui para tornar mais identificável aquilo de que se fala. No exemplo (39), a retomada repete *comida* e mantém a cena sem inserir um determinante ou um especificador, por isso, ela reforça sobretudo a continuidade tópica, mas não altera decisivamente a força referencial do nome. Já no (40), a retomada *la leche de mi mamá* faz um passo claro de especificação, acrescenta determinante e um complemento, exatamente o tipo de especificador que Puertas (2023) usa como critério para marcar especificidade (adjetivos, complementos, orações etc.).

Uma diferença, é que no exemplo (39) o antecedente *comida* é [-específico] por ser SN sem especificador e a retomada não adiciona enriquecimento descritivo, logo a especificidade permanece baixa. No (40), o antecedente é [-específico] e a repetição do SN é [+específica] devido ao enriquecimento do SN de retomada *ninguna leche* → *la leche de mi mamá*. Aqui, a retomada não só retoma, ela redefine o domínio e introduz um referente bem delimitado: um tipo/origem do leite, assim, houve um aumento de especificidade via enriquecimento do conteúdo descritivo do SN.

Outra diferença é que, no exemplo (39), o traço [-específico] do antecedente decorre principalmente de um fator estrutural: ausência de determinante e de especificador, enquanto

no (40) ela decorre principalmente de um fator semântico-quantificacional, o operador negativo *ninguna* impede leitura referencial individualizada.

O papel informacional do SN no Exemplo (39), o SN atua mais como repetição de continuidade, já no exemplo (40), o SN atua como retomada mais recategorização/especificação pois ele aumenta a informatividade para orientar a interpretação. E isso se articula bem com o estudo de Puertas (2023), porque a tese justamente trata especificidade como um traço que pode variar e sua marcação depende de elementos estruturais de especificação.

Continuando nossa análise no que diz respeito ao traço de especificidade, vejamos mais um exemplo:

41) ¡mami pon **[el televisor]** en el cuarto / que me es más cómodo! / porque si me acuesto en la camita y veo </cita> / y ya le puse **el televisor** en el cuarto / pero bueno la sala está conformada por<alargamiento/> la cocina / el refrigerador que lo tengo ahí / tiene un espacio // como si fuera un sofacito // porque no tengo más / más butaquitas

(PRESEEA-LHAB_M21_019)

No exemplo (41), o SN *el televisor*, considerado como antecedente e retomado anaforicamente pela repetição de *el televisor*, pode ser analisado como um antecedente [-específico], embora seja um sintagma definido. A especificidade envolve o grau em que o falante se compromete com a identificação de um indivíduo particular no mundo. Assim, um sintagma pode ser definido sem, necessariamente, ser específico.

No caso em questão, o uso do artigo definido em *el televisor* indica que o referente é recuperável no contexto interacional, isto é, trata-se de um objeto reconhecível pelos interlocutores no universo discursivo compartilhado. No entanto, a ausência de qualquer elemento especificador faz com que esse sintagma não seja linguisticamente enriquecido. Seguindo a discussão de Leonetti (1999), essa falta de enriquecimento descritivo enfraquece a leitura de especificidade, pois o sintagma não delimita o referente como um indivíduo singular plenamente caracterizado, mas apenas como um membro identificável de uma classe.

Essa interpretação converge diretamente com os estudos de Puertas (2023), que reforça a dissociação entre definitude e especificidade e propõe critérios mais operacionais para a

análise empírica. Para a autora, sintagmas nominais definidos que não apresentam especificadores tendem a ser classificados como [-específicos], justamente porque não contêm marcas linguísticas que estreitem o domínio referencial. A presença de determinantes definidos, portanto, não é suficiente para garantir uma leitura de alta especificidade, esta depende da introdução de elementos que restrinjam semanticamente o referente. Nesse sentido, *el televisor*, mantém-se como um sintagma definido, porém [-específico].

Assim, à luz de Leonetti (1999) e conforme a operacionalização proposta por Puertas (2023), o antecedente *el televisor* deve ser caracterizado como [-específico], ainda que seja definido e discursivamente acessível.

Vejamos mais um exemplo abaixo:

42) I: <ruido_fondo> no / pero me especializo a veces aquí en la casa con / con cositas y eso / que al final por ejemplo a modo de propaganda tengo que decirte que hago **[tremendo arroz frito]** // y mayonesa </ruido_fondo>
E: y bueno / ¿cómo es que tú haces **un arroz frito?** / me pudieras describir cómo preparas **ese plato**

(PRESEEA-LHAB_H23_085)

No exemplo (42), o antecedente *tremendo arroz frito*, tende a ser interpretado como [+específico] do que seria um simples arroz frito, porque ele já aparece enriquecido por um especificador *tremendo*, que acrescenta conteúdo descritivo e orienta a interpretação do interlocutor para uma referência mais forte. Embora Leonetti (1999) observe que fatores internos ao SN afetam a leitura de especificidade e que a presença de determinante é um requisito importante na caracterização tradicional do traço, ele também destaca que uma forma produtiva de favorecer uma leitura [+específica] é justamente enriquecer o conteúdo descritivo do sintagma por meio de modificadores, porque isso traz informação relevante para identificar o referente e reduzir ambiguidades. Nesse sentido, o adjetivo avaliativo/intensificador *tremendo* funciona como esse elemento que aumenta a densidade descritiva do SN e, portanto, puxa o antecedente para uma leitura de maior especificidade em termos graduais.

Essa leitura se articula diretamente com a forma como Puertas (2023) operacionaliza a especificidade, além de reforçar que definitude e especificidade são traços independentes, a autora relaciona a marcação de especificidade à presença de um especificador que especifique de alguma maneira o SN. A própria autora assume como regra analítica que antecedentes

[+específicos] são aqueles acompanhados de algum tipo de especificador. Como em nosso exemplo *tremendo arroz frito* inclui esse especificador, ele se encaixa, com bastante naturalidade, no polo [+específico].

Quando passamos às retomadas anafóricas, identificamos uma espécie de rebaixamento lexical/descritivo em relação ao antecedente, *un arroz frito* mantém o núcleo e introduz determinante, mas não traz enriquecimento por modificadores, já *ese plato* usa demonstrativo, porém troca o núcleo por um hiperônimo *plato*, que é semanticamente mais genérico. Mesmo assim, as duas formas cumprem bem a função anafórica porque o referente já está ativado no discurso.

A maneira como o informante fala, parece querer destacar o prato e causar uma boa impressão no entrevistador. Para isso, ele não usa apenas o nome do prato *arroz frito*, mas um sintagma nominal mais elaborado, com um modificador avaliativo *tremendo*. Esse acréscimo lexical acrescenta informação e torna o referente mais salientado no discurso. Baseando-nos em Leonetti (1999), essa escolha linguística favorece uma leitura de maior especificidade, porque o referente não é apresentado de forma genérica, mas como um objeto particular, caracterizado e diferenciado. Ou seja, o informante constrói o sintagma de modo a tornar o referente mais delimitado e mais informativamente forte, o que corresponde a uma interpretação [+específica].

Ao comparar os exemplos (41) e (42), em ambos, as retomadas aparecem com formas nominais que dependem do contexto imediatamente ativado, no exemplo (41), a repetição de *el televisor* mantém o referente estável, no exemplo (42), o entrevistador retoma o referente ora com um SN mais neutro *un arroz frito*, ora com um termo mais genérico *ese plato*, mas ainda recuperável porque o prato acabou de ser mencionado.

A principal diferença está no grau de especificidade do antecedente. No exemplo (41), *el televisor* é um SN definido, mas pouco enriquecido lexicalmente. Por isso, seguindo a leitura ligada a Leonetti (1999), ele tende a ser classificado como [-específico], pois é identificável no discurso, mas não vem delimitado por material descritivo adicional. Já no exemplo (42), *tremendo arroz frito* contém um modificador avaliativo *tremendo*, que aumenta o conteúdo descritivo do sintagma e o destaca como um referente particular no universo discursivo, nessa linha, ele tende a ser [+específico].

Outra diferença está no tipo de retomada. No caso do exemplo (41), a retomada é basicamente uma reiteração do mesmo núcleo *el televisor*, o que mantém o referente com pouca variação semântica e sem recategorização. No caso do exemplo (42), há duas retomadas com comportamentos distintos: *un arroz frito* conserva o núcleo, mas muda o

determinante e soa mais descritivo/explicativo como se abrisse espaço para a descrição do prato, e *ese plato*, por sua vez, faz uma recategorização pois troca o núcleo pelo hiperônimo *plato*.

Por fim, os dois exemplos também diferem na função do antecedente, no exemplo (41), o SN aparece em um relato cotidiano sobre organização do espaço da casa, sem sinal de avaliação, no exemplo (42), o antecedente surge num enquadramento explícito de onde o informante quer fazer uma fala de autopromoção, ele quer mostrar uma qualidade dele. Ou seja, ele não está apenas informando que faz *arroz frito*, ele está tentando impressionar dizendo que faz *tremendo arroz frito*. Nesse sentido, é comum escolher uma forma de nomear o referente que não seja neutra. *Tremendo* não serve para identificar qual arroz frito, mas serve para avaliar e destacar o prato como um arroz frito muito bom/especial.

A presença de modificador/especificador no SN é um indício de maior especificidade, porque o sintagma fica mais carregado de informação e menos genérico na forma. Assim, *tremendo arroz frito* tende a ser tratado como [+específico] do que *arroz frito*, não porque vira automaticamente um referente único no mundo, mas porque é um SN mais enriquecido e discursivamente mais forte.

À luz de Leonetti (1999), a especificidade implica reconhecer que a leitura específica não é um rótulo automaticamente dedutível da presença de artigo, de certos quantificadores ou mesmo de uma classificação binária de definitude. A especificidade depende do tipo de compromisso que o falante assume com a seleção de um referente particular e, por isso, pode ser sustentada por diferentes arranjos nominais, desde que a arquitetura discursiva e a orientação pragmática apontem para essa fixação.

Nessa perspectiva, a repetição do SN deixa de ser apenas um recurso de retomada e passa a funcionar como mecanismo de estabilização semântico-pragmática, quando o objeto é introduzido por exemplo, sob leitura existencial fraca, com pouca informação interna no SN, a repetição pode reduzir o custo inferencial e controlar a leitura pretendida, mantendo o referente rastreável ao longo da progressão textual. Quando, ao contrário, o antecedente já é altamente específico, a repetição tende a atuar como manutenção de um referente já fixado no modelo discursivo, sobretudo em cenários de competição referencial, mudança de foco ou aumento de distância textual. Os resultados quantitativos do corpus convergem com essa leitura ao indicarem predominância de antecedentes [-específicos] totalizando 61 ocorrências (62,2%) em comparação a [+específicos] totalizando 37 ocorrências (37,8%), o que aponta para uma preferência pela marcação negativa do traço.

6.6 Resumindo nossos achados e retomando nossas hipóteses

A presente seção tem como objetivo colocar em diálogo os nossos resultados encontrados na análise com as hipóteses formuladas no nosso capítulo 5 de metodologia, com foco na retomada do objeto direto anafórico (ODA) na variedade de Havana. Partindo do princípio metodológico estabelecido no capítulo anterior, mapeamos as estratégias de retomada do ODA empregadas pelos informantes e, em seguida, concentramos a análise na repetição do sintagma nominal (SN), investigando quais fatores linguísticos favorecem a estratégia de retomada por repetição do SN de acordo com os tipos de anáfora, traço de definitude e traço de especificidade.

Neste enquadramento, formulamos três hipóteses: (i) o traço [-definido] favoreceria a repetição do SN; (ii) o traço [-específico] favoreceria a repetição do SN; e (iii) a anáfora indireta tenderia a prevalecer nos contextos em que ocorre a repetição do SN.

Nossa análise se baseia em um conjunto de 10 entrevistas do corpus PRESEEA, equilibradas entre informantes de baixa e de alta escolaridade, e contabiliza 292 ocorrências de retomada do objeto direto.

No que diz respeito à escolaridade, os resultados mostram um padrão bastante consistente entre os dois grupos. Na alta escolaridade, a retomada por clíticos é predominante (63,6%), enquanto a repetição do SN também se mantém produtiva (36,4%). Na baixa escolaridade, observa-se distribuição muito próxima, os clíticos novamente aparecem como estratégia mais produtiva (66,9%) e a repetição do SN aparece com frequência relevante (33,1%). Esse paralelismo parece indicar que a estratégia de retomada por clíticos não se restringe ao grupo mais escolarizado.

À luz da distinção entre gramática nuclear e gramática periférica discutida no capítulo 2, o fato de os clíticos serem majoritários tanto na alta quanto na baixa escolaridade favorece ao pressuposto de que essa estratégia integra a gramática internalizada do falante, vinculada ao processo de aquisição e ao input linguístico, e não apenas a efeitos de normatividade ou de ensino formal. Ao mesmo tempo, a presença estável da repetição do SN em ambos os grupos evidencia que o sistema de retomada é intrinsecamente variável, diferentes estratégias coexistem e seguem disponíveis no repertório dos falantes, independentemente do grau de escolarização.

A estratégia de repetição do SN apresenta participação expressiva e relativamente estável tanto na alta escolaridade (36,4%) quanto na baixa escolaridade (33,1%). Essa

distribuição favorece uma interpretação em que seu uso é condicionado sobretudo por demandas discursivas de recuperação referencial, como transparência, desambiguação e reativação de referentes. Assim, os dados sugerem que a repetição do SN integra o conjunto de estratégias efetivamente disponíveis aos falantes, coexistindo com a retomada por clíticos e contribuindo para a variação sistemática no domínio da referenciação, mais sensível a fatores de contexto e organização informacional do que ao nível de escolaridade em si.

A comparação entre alta e baixa escolaridade permite concluir que a escolarização, neste recorte, não se apresenta como variável capaz de explicar a existência das estratégias de retomada, mas pode ser tratada como um fator potencialmente relacionado à distribuição contextual e a um possível monitoramento do uso.

Os resultados gerais mostram uma hierarquia relativamente nítida, o clítico aparece como a estratégia mais frequente, com (62,7%) das ocorrências, a repetição do SN surge como a segunda estratégia mais produtiva, com (33,6%), e o apagamento com apenas (3,8%).

Esse quadro sinaliza duas tendências complementares. Por um lado, a preferência global por clíticos sugere que, na variedade analisada, os clíticos continuam sendo o meio mais típico de retomada do ODA, alinhando-se ao funcionamento amplamente descrito para o espanhol. Por outro lado, a repetição do SN, embora menos frequente que a estratégia de retomada por clítico, é quantitativamente robusta, sendo (33,6%) dos casos, o que justifica tratá-la como uma estratégia produtiva e não como um fenômeno marginal. Já o apagamento, por sua baixa incidência, aparece como alternativa altamente condicionada, tende a ocorrer quando a recuperabilidade do referente é muito alta e o contexto sintático-discursivo licencia a omissão sem comprometer a interpretação.

A partir desse quadro geral, estreitamos o foco e passamos a examinar apenas as ocorrências de repetição do SN, que somam 98 casos. É nesse recorte que se testam diretamente as nossas três hipóteses descritas em nossa metodologia. O primeiro fator discutido é o tipo de anáfora. Ao cruzar a repetição do SN com a distinção entre anáfora direta e anáfora indireta, a análise revela que a repetição do SN ocorre mais frequentemente em anáforas indiretas do que em diretas. Dos 98 casos, 57 (58,2%) são de anáfora indireta e 41 (41,8%) são de anáfora direta. Essa diferença, embora não extrema, é consistente o suficiente para sustentar a ideia de que a retomada por repetição do SN encontra um ambiente particularmente favorável quando a referência depende de mecanismos inferenciais e, portanto, exige maior explicitação lexical. Em outras palavras, quando a coesão não se constrói apenas por repetição correferencial imediata, mas por vínculos associativos, a forma plena do SN funciona como recurso para estabilizar a interpretação e reduzir a carga

inferencial do interlocutor. Desse modo, o resultado dialoga diretamente com a hipótese (iii), a anáfora indireta, de fato, prevalece nos contextos em que há repetição do SN.

Ao mesmo tempo, o volume relativamente alto de anáforas diretas dentro do recorte (41,8%) traz um refinamento importante para a discussão, a repetição do SN não se restringe a contexto de retomada referencial. Isso sugere que a escolha pelo SN pode responder a outras pressões além do tipo de anáfora, como distância entre antecedente e retomada, competição entre referentes, reorganização tópica, necessidade de reativação de um tópico enfraquecido ou mesmo estratégias de ênfase e clareza¹⁷. Essa leitura é coerente com a lógica metodológica do Capítulo 5, os fatores independentes são tratados como condicionadores e não como gatilhos absolutos, de modo que um fator pode favorecer uma estratégia sem excluí-la de outros contextos.

Em seguida, examinamos o papel do traço de definitude na repetição do SN. Aqui os resultados são mais equilibrados do que no caso do tipo de anáfora. No conjunto de 98 repetições, 55 ocorrências (56,1%) estão associadas ao traço [-definido] e 43 (43,9%) ao traço [+definido]. Em termos estritamente numéricos, há uma preferência por [-definido], o que aponta na direção prevista pela hipótese (i). Contudo, a diferença não é grande, e o próprio modo como discutimos esses dados durante nossa análise, sugerimos que a definitude, isoladamente, não se comporta como um fator decisivo. Isso é um achado relevante porque evita uma leitura simplista do fenômeno. Se, por um lado, referentes [-definidos] tendem a demandar maior material lexical na retomada uma vez que podem ser menos identificáveis e menos estabilizados no discurso, por outro lado, referentes [+definidos] não estão imunes à repetição do SN. Um referente pode ser definido e, ainda assim, requerer uma retomada plena. Assim, o resultado de definitude aponta para uma confirmação da hipótese (i): o traço [-definido] favorece a seleção da estratégia de repetição do SN ainda que a diferença seja pequena.

No caso da especificidade, é aqui que surge o contraste mais expressivo. No recorte de repetição do SN, 61 ocorrências (62,2%) correspondem a antecedentes [-específicos], ao passo que 37 (37,8%) correspondem a antecedentes [+específicos]. Esse padrão sustenta de forma mais clara a hipótese (ii), quando o referente é [-específico], a repetição do SN aparece como estratégia preferencial para garantir rastreabilidade e coerência interpretativa.

A diferença percentual observada na especificidade é maior do que a encontrada em definitude, o que sugere que a especificidade, neste conjunto de dados, parecer ter maior

¹⁷ Cabe ressaltar que não foi objetivo desta dissertação examinar sistematicamente outros fatores condicionantes fora do recorte analítico adotado.

poder explicativo para compreender porque o falante escolhe repetir um SN em vez de recorrer a um clítico. Em termos funcionais, a especificidade está diretamente ligada ao grau de compromisso do falante com um referente particular. Se esse compromisso é [-específico], o SN pleno ajuda a sustentar a referência e evita leituras ambíguas ou excessivamente dependentes de inferência.

Considerados em conjunto, observamos que a predominância geral dos clíticos (62,7%) indica que o sistema de retomada do ODA na variedade de Havana favorece, como padrão, formas reduzidas¹⁸, o que é compatível com descrições amplas do espanhol. A repetição do SN, contudo, ocupa um espaço funcional relevante (33,6% do total), funcionando como alternativa robusta quando o discurso demanda mais explicitação. Em segundo lugar, ao olhar especificamente para os contextos em que o SN é repetido, notamos que a repetição não ocorre ao acaso, ela se associa com maior frequência a antecedentes [-específicos] e a anáforas indiretas, isto é, justamente aos contextos em que a referência tende a ser menos transparente, mais inferencial ou menos fixada. Isso confirma duas das hipóteses com maior nitidez: (ii) e (iii). Em terceiro lugar, o traço de definitude apresenta apenas uma inclinação moderada para [-definido]. Em termos de discussão teórica, isso sugere que a definitude captura apenas uma dimensão da questão da identificabilidade. Por isso, a repetição do SN aparece também em contextos [+definidos], quando há necessidade de reativação do tópico, reforço da continuidade ou resolução de potenciais conflitos referenciais. Assim, a hipótese (i) é corroborada, o traço [-definido] favorece a repetição do SN, embora a diferença entre os traços [-definido] e [+definido] seja pequena.

Dessa forma, este capítulo não apenas testa nossas hipóteses como também permite refiná-las. A evidência mais consistente aponta para a ideia de que a repetição do SN é particularmente funcional quando o referente é [-específico] e quando a retomada se dá por vias indiretas, exigindo mais apoio lexical para orientar a interpretação. Já a definitude parece atuar como fator modulador, mas não como determinante.

No conjunto, os nossos resultados reforçam que em um sistema em que o clítico é a opção majoritária, a repetição do SN se destaca como estratégia para retomada especialmente quando a referência é [-específica] ou quando se constrói por associação (anáfora indireta). Além disso, embora o traço [-definido] tenha aparecido em quantidade semelhante ao [+definido], consideramos que a marcação negativa desse traço influencia a seleção da

¹⁸ De acordo com Fant (1985), as formas anafóricas no espanhol falado podem ser organizadas numa escala de força enfática crescente, que vai de formas mais reduzidas (clíticos, marcas de concordância e apagamento) a formas mais explícitas (pronomes tônicos e sintagmas nominais definidos).

estratégia de repetição do SN. Essa conclusão nos permite observar como traços semânticos e relações anafóricas se articulam para explicar a seleção de formas na retomada do objeto direto, sem supor determinismos absolutos, mas identificando tendências estatísticas e motivações funcionais.

CAPÍTULO 7: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação tem como eixo central o estudo do objeto direto anafórico (ODA) e, mais especificamente, a investigação sobre os contextos favorecedores da estratégia de retomada por repetição do sintagma nominal (SN) na variedade de Havana (Cuba). Ao elegermos esse recorte, buscamos contribuir para uma descrição mais ampla e empiricamente orientada do sistema pronominal do espanhol e, ao mesmo tempo, para o entendimento de como alguns fatores linguísticos parecem condicionar escolhas na forma que um objeto direto retomado toma. Nossa escolha pela variedade de Havana se justifica, sobretudo, porque ainda parece pouco explorada em estudos linguísticos de base sintática, o que parece limitar a observação sistemática de nuances de uso envolvendo alternância entre clíticos, formas plenas e apagamento do objeto.

Em termos descritivos, a tradição gramatical e grande parte das descrições normativas apontam a estratégia de retomada por clítico acusativo como realização altamente produtiva, consolidando a imagem do espanhol como língua com forte sistematicidade clítica. Essa caracterização, embora relevante, corre o risco de se tornar redutora quando não é confrontada com dados de fala espontânea e com a diversidade dialetal. Ao olhar para o ODA em corpora orais, ampliamos o foco, não se trata apenas de confirmar a centralidade dos clíticos, mas de compreender como e porque outras estratégias coexistem e em que contextos elas se tornam funcionalmente motivadas.

Além disso, o estudo do ODA contribui para uma agenda maior da linguística hispânica: a construção de descrições pluralizadas, que não tratem a norma como sinônimo de sistema e que reconheçam a variação como componente constitutivo do funcionamento linguístico. Nesse ponto, esta dissertação se alinha a achados empíricos recentes como os de Oliveira (2019), Silva dos Santos (2021) e Puertas (2023) que demonstram que as práticas reais dos falantes não se restringem às prescrições tradicionais e que estratégias como a repetição de SN (e, em menor escala, apagamento) podem ser recorrentes e legítimas em variedades do espanhol.

Do ponto de vista metodológico, esta dissertação se fundamentou na análise de dados orais transcritos da variedade do espanhol de Havana (Cuba). O corpus foi composto por 10 entrevistas disponibilizadas no *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América (PRESEEA)*, um banco de dados do espanhol falado em diferentes localidades, com critérios de representatividade social e geográfica que favorecem a

comparabilidade entre as amostras. A partir desse material, esta dissertação teve como objetivo levantar as estratégias de retomada do objeto e, de modo mais específico, examinar o processo de seleção da estratégia de repetição do sintagma nominal (SN) como estratégia anafórica, investigando quais fatores linguísticos influenciam sua realização.

A composição do corpus e a descrição do perfil dos informantes foram tratadas como parte integrante do controle metodológico, evitando que diferenças de contexto e de performance fossem confundidas com restrições do sistema gramatical.

Em coerência com o enquadramento teórico assumido ao longo do trabalho, os dados de entrevistas foram compreendidos como manifestações de língua-E, a partir das quais se busca inferir propriedades da língua-I, distinguindo competência e desempenho, nesse sentido, variáveis como escolaridade atuaram como controles importantes para sustentar uma interpretação mais robusta dos padrões observados.

Por fim, a análise foi operacionalizada a partir de três fatores condicionantes: definitude, especificidade e tipo de anáfora tratados como variáveis capazes de explicar quando a retomada por SN pleno se torna preferível a estratégias como por exemplo os pronomes clíticos.

Nossos resultados mostram que de 10 entrevistas analisadas, contabilizamos 292 ocorrências de estratégias de retomada do objeto direto. Nesse conjunto, a retomada por clítico aparece como a estratégia majoritária na gramática dos falantes de Havana, com (62,7%) das ocorrências, confirmando a robustez do padrão clítico no espanhol.

Entretanto, o dado que mais diretamente responde ao nosso problema de pesquisa é que a repetição do SN aparece como segunda estratégia mais produtiva, com (33,6%) das ocorrências. Em outras palavras, mesmo em um sistema em que o clítico é amplamente favorecido, a repetição do SN se mantém como alternativa expressiva e recorrente, reforçando a ideia de que o sistema de retomada do ODA, em Havana, é intrinsecamente variável.

Quanto ao apagamento, ele aparece como estratégia minoritária, com (3,8%) dos dados, e em nossos resultados ocorre em contexto de primeira retomada, em construções licenciadas para o espanhol. A baixa frequência do apagamento, ao lado da força dos clíticos e da alta produtividade do SN, ajuda a desenhar um retrato mais preciso do sistema, Havana preserva de maneira robusta o núcleo clítico do espanhol, mas mantém aberta uma faixa importante de alternância com formas plenas nominais.

Outro achado importante é que a distribuição das estratégias se mostrou muito semelhante entre falantes de alta e baixa escolaridade. Na alta escolaridade, os clíticos são

predominantes (63,6%) e a repetição do SN permanece produtiva (36,4%); na baixa escolaridade, o padrão se repete, com clíticos (66,9%) e repetição do SN (33,1%). Esse paralelismo sustenta uma leitura relevante, a retomada por clíticos não se restringe a um comportamento monitorado ou dependente de instrução formal, ao contrário, ela se manifesta fortemente também entre falantes com menor escolarização, favorecendo a interpretação de que integra a gramática internalizada (nuclear). Ao mesmo tempo, a estabilidade da repetição do SN nos dois grupos mostra que ela é uma alternativa disponível e funcional no repertório dos falantes.

A seguir, retomamos as hipóteses do nosso estudo e explicitamos como os resultados nos permitem interpretá-las. Nossa primeira hipótese era de que a anáfora indireta era um contexto favorecedor na seleção da estratégia de retomada de repetição do SN. No recorte específico das retomadas por repetição do SN, obtivemos 98 ocorrências, distribuídas em 41 casos de anáfora direta (41,8%) e 57 casos de anáfora indireta (58,2%). Esse resultado confirma a hipótese de que a repetição do SN se associa com maior produtividade a contextos em que a retomada não é totalmente idêntica ao antecedente (anáfora indireta). Esse achado é teoricamente relevante porque mostra que a repetição do SN não atua apenas como cópia, mas como um mecanismo que tolera ganho informacional e reconstrução interpretativa do referente. Isso explica por que o SN é particularmente útil quando o falante não quer apenas manter um rastro referencial, mas orientar a interpretação do interlocutor seja reclassificando o objeto, seja adicionando avaliação, seja reduzindo ambiguidades.

Nossa segunda hipótese era a de que o traço [-definido] favorecia a seleção da estratégia de retomada pela repetição do SN. Quanto à definitude, os dados mostram uma distribuição relativamente próxima: 43 ocorrências com traço [+definido] (43,9%) e 55 ocorrências com traço [-definido] (56,1%). Nossa hipótese é corroborada, mas a diferença entre [-definido] e [+definido] é pequena, o que sugere que a definitude parece capturar apenas uma dimensão da identificabilidade e que a repetição do SN pode ocorrer igualmente em contextos [+definidos] quando há necessidade de reativação tópica, reforço de continuidade ou resolução de conflitos referenciais.

Nossa terceira hipótese era a de que o traço [-específico] favorecia a seleção da estratégia de retomada por repetição do SN. Nos resultados de especificidade, observamos a evidência quantitativa mais consistente, há predominância de antecedentes [-específicos], totalizando 61 ocorrências (62,2%), contra 37 ocorrências [+específicas] (37,8%). Esse resultado corrobora a nossa hipótese indicando que a repetição do SN é particularmente funcional quando o referente é [-específico].

Esta dissertação contribui para a área descritiva e dialetal pois ao investigar a variedade de Havana, ampliamos o mapa de variedades analisadas empiricamente quanto às estratégias de retomada do ODA, preenchendo uma lacuna apontada na própria metodologia do trabalho, a variedade de Havana é menos documentada em estudos sintáticos e precisa ganhar visibilidade na linguística hispânica.

Contribuímos também para o estudo do sistema pronominal. Nossos resultados confirmam que clíticos são altamente produtivos, mas mostram que a repetição do SN é expressiva e estável entre níveis de escolaridade. Isso reforça uma visão mais realista do espanhol em uso, na qual a gramática é capaz de disponibilizar alternativas de retomada que se distribuem conforme as condições.

Nosso trabalho reforça a importância de analisar dados orais transcritos para observar variação e fenômenos que podem ser apagados por descrições baseadas apenas em exemplos inventados ou em um ideal de norma. Nesse sentido, nossa dissertação contribui para uma linguística do espanhol mais comprometida em considerar de suma importância os estudos empíricos e a diversidade efetiva de suas comunidades.

Em conclusão, esta dissertação mostrou que a variedade de Havana preserva a força do sistema clítico do espanhol, mas também evidencia uma zona expressiva de variação em que a repetição do SN se mantém produtiva e funcional. No panorama geral, os clíticos predominam (62,7%), seguidos pela repetição do SN (33,6%), enquanto o apagamento é residual (3,8%).

Ao olhar especificamente para a repetição do SN, confirmamos que ela se associa mais frequentemente à anáfora indireta (58,2%) do que a direta (41,8%), e encontramos evidência robusta de favorecimento em contextos [-específicos] (62,2%), enquanto a definitude se revelou um fator de efeito mais moderado com o traço [-definido] aparecendo em (56,1%) das ocorrências analisadas.

Assim, o principal saldo científico desta dissertação é defender, com base empírica, que a repetição do SN parece integrar de forma produtiva o sistema de retomada do ODA no espanhol de Havana. Ao tornar visível essa regularidade, a dissertação amplia o horizonte descritivo sobre o espanhol, reforça a centralidade dos estudos de anáfora para compreender a gramática em uso e, sobretudo, reafirma que o estudo das variedades é uma janela privilegiada para entender como o sistema linguístico organiza suas alternativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS LLORACH, E. **Gramática de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 19ª ed., 1994/2010, p. 1-507.

ALBA, O. **El español del Caribe: unidad frente a diversidad dialectal**. Revista de Filología Española 72 (3/4): 525-539, 1992.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* – Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello. **Cap. 19: El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos**, por Olga Fernández Soriano. Madrid: Espasa, 1999, v. 1, p. 1209–1274.

CHOMSKY, N. **O conhecimento da Língua. Sua natureza, Origem e uso**. Tradução: Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Caminho coleção universitária, série LINGÜÍSTICA, 1986, p. 1-327.

CHOMSKY, N. **El lenguaje y los problemas del conocimiento: Conferencias de Managua 1 y 2**. Universidad Nacional de la Plata, 1986, 1988, p. 1-35.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. Tradução: Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 1-365.

CRUZ, L. M. **Expressão/omissão do sujeito pronominal no espanhol de Cuba e Espanha: análise e comparação de dados entre Havana e Madri**. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FANT, L. M. **Procesos anafóricos y valor enfático en el español hablado**. In: *Español Actual: Revista de español vivo*. Madrid: Editorial La Muralla, no43, 1985, p. 5-26.

FERNÁNDEZ- ORDÓÑEZ, Inés. **Leísmo, Laísmo, Loísmo**. In: DEMONTE, V. e Bosque, I. (orgs.). *Gramática Descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999. p.1317-1397.

GONZÁLEZ, N. T. M. **Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos**. Tese de doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

GUTIÉRREZ MATÉ, Miguel. **Génesis de los pronombres sujetos obligatorios del español del Caribe: la hipótesis del contacto afro-hispánico sometida a revisión**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2010.

GUTIÉRREZ MATÉ, Miguel. **Pronombres personales sujeto en el español del Caribe. Variación e historia.** 2013. Tesis (Doctorado en Lengua Española) – Universidad de Valladolid, Valladolid, 2013.

HUANG, Y. **Anaphora and the Pragmatics-Syntax Interface.** In: HORN, L. R. & WARD, G. (ed) *The Handbook of Pragmatics.* USA: Blackwell Publishing Ltd, 2004, 2006, p. 288-314.

KATO, Mary A. **Comentários a respeito do artigo: “Gramática, competição e padrões de variação: casos com ter/haver e de/em no português brasileiro”, de Juanito Avelar.** REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 145-149, dec. 2006. ISSN 2237-2083.

Disponível em: <<https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2426>>. Acessado em: 20 nov. 2025.

LACA, B. **Presencia y ausencia de determinante.** In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española* – Real Academia Española – Colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa, v. 1, 1999, p. 891-927.

LEONETTI, M. **El artículo.** In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española.* Madrid: Espasa, v.1, 1999a p. 787 - 890

LEONETTI, M. **Los determinantes.** Madrid: Arco Libros, 1999b.

LIPSKI, J. M. **El Español de América.** Madrid: Cátedra, 1996.

LIPSKI, J. M. **A History of Afro-Hispanic Language: five centuries, five continents.** Cambridge University Press: Cambridge, 2005.

MORALES, Amparo. **Anteposición del sujeto en el español del Caribe.** In: ORTIZ LÓPEZ, Luis A. (ed.). *El Caribe hispánico: perspectivas lingüísticas actuales: homenaje a Manuel Álvarez Nazario.* Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 1999.

OLIVEIRA, Géssica Santana de. **A influência do fator distância na seleção das diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Medellín.** Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. **Huellas etno-sociolingüísticas bozales y afrocubanas.** Iberoamericana, Madrid, 1998.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. **El sistema pronominal (afro)cubano: pervivencia de vestigios lingüísticos del bozal afrocaribeño.** Anuario de lingüística hispánica 14, 413-430, 1998.

ORTIZ LÓPEZ, L. A. **Dialectos del español de América: Caribe antillano (morfosintaxis y pragmática)**. In: GUTIÉRREZ-REXACH, Javier (ed.). Enciclopedia de lingüística hispánica. v. 2. London; New York: Routledge, 2016. p. 316-329.

PALACIOS, Azucena. **El sistema pronominal del español paraguayo: Un caso de contacto de lenguas**. Universidad Autónoma de Madrid, 2000.

PUERTAS, Júlia Cheble. **A estratégia de retomada de objeto direto anafórico de 3ª pessoa por repetição do sintagma nominal no espanhol de Santander e Santiago do Chile**. Rio de Janeiro, 2023. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

RAPOSO, E. P. **Teoria da Gramática – A Faculdade da Linguagem**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1992, p. 1-528.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la Lengua Española**. Manual. Asociación de Academias de la Lengua Española y Real Academia Española. – 1ª ed. – Buenos Aires: Espasa, 2010.

RUBIO, C.F; CARIOCA, C.R. **A carência de corpora para pesquisa e ensino no contexto da integração internacional lusófona**. Revista de Letras (Fortaleza), v. 2, n. 35, p. 21–37, 2016.

SILVA DOS SANTOS, M. H. **Contextos favorecedores para a seleção das estratégias de retomada de objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Encarnación (Paraguai)**. Rio de Janeiro, 2021. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

THORVALDAR, T. T. La vida es como un cachumbambé: **Voces africanas en el español cubano**. Dissertação (Mestrado em Linguística Espanhola) - Departamento de Humanidades - Universidade da Islândia, Reiquiavique, 2015

TORRES MONTES, F. **Tratamiento de algunas innovaciones en la norma académica del español actual**. In: WALUCH-DE LA TORRE, Edyta (coord.). La norma lingüística del español. Varsovia: Instituto de Estudios Ibéricos e Iberoamericanos de la Universidad de Varsovia, 2011. p. 23-30.